



ROBERTO SABATELLA ADAM

**HOSISTESIA – MATRIZ INTEGRADORA:
PROMOÇÃO INTEGRAL DE FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO
DE MISÉRIA URBANA
(BAIRRO ALTO, CURITIBA – PR).**

Trabalho apresentado ao Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná – UFPR, como exigência parcial à obtenção do grau de Doutor.

Orientadores:

Prof.^a Dr.^a Cristina Lima
Prof. Dr. Francisco Mendonça

**CURITIBA
2006**

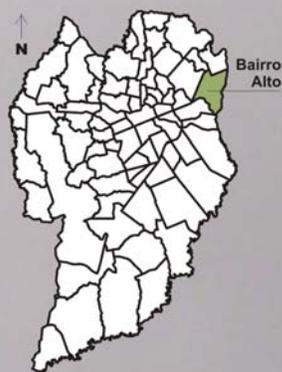
**HOSISTESIA -
MATRIZ INTEGRADORA:**

**PROMOÇÃO INTEGRAL
DE FAMÍLIAS EM SITUAÇÃO
DE MISÉRIA URBANA
(BAIRRO ALTO, CURITIBA - PR).**

ROBERTO SABATELLA ADAM

CURITIBA

Fevereiro - 2006



MAPA CURITIBA

**No século XVII, o cacique Tindiquera
foi solidário aos colonizadores que viveram na vilinha
na margem do rio Atuba - no Bairro Alto.
Cruzando os montes verdejantes deste lugar,
conduziu aqueles moradores em direção a oeste
em busca de novo local para o arraial
que mais tarde seria o centro de Curitiba.**

FONTE: Adam(2004)

AGRADECIMENTOS

Aos professores orientadores, pela “arte da interdisciplinaridade”, que exige sensibilidade, presteza e sensatez, Prof.^a Dr.^a Cristina Lima e Prof. Dr. Francisco Mendonça.

À Universidade Federal do Paraná (UFPR), pela oportunidade da educação pública e gratuita.

Ao grupo de doutorandos da Turma V, pelo intercâmbio e pelo crescimento em conjunto.

Aos professores do Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da UFPR.

À Prof.^a Dr.^a Salete Kozel (Geografia-UFPR), pelos momentos interdisciplinares, livros e aprimoramento da noção de certos conceitos da geografia, que me permitiram percepção e talvez a transcendência dos limites disciplinares, nos rumos da interdisciplinaridade.

Ao Prof. Mestre Carlos Alberto Tinoco, pelas recepções sempre calorosas, conhecimento e paciência.

Ao Prof. PhD. Pedro Demo, de Sociologia na Universidade Nacional de Brasília, pelo exemplo de vida, pela obra e pelos livros emprestados à distância.

Ao Prof. Dr. Paulo Lana, pelas orientações e empréstimo de livros.

Ao Prof. Dr. Dimas Floriani, pelos estudos das matrizes integradoras, orientações e sensibilidade.

Às secretárias do Doutorado Iolanda e Cássia, pela atenção e dedicação.

Aos funcionários, voluntários e amigos da Unidade de Promoção Integral, Casa de Joana D'Arc em Curitiba-PR, pelos exemplos de vida, conselhos, reflexões, dicas e vivências integrais, com especial carinho à Rosângela e seu grande coração, não cabe nas palavras, por me fazer ver que um projeto integral de dignidade humana e familiar é viável no Brasil, é um processo árduo, que exige suor, lágrimas, união, equipe, reciprocidade, trabalho, competência, compreensão, troca, abnegação e amizade, mas é compensador.

Aos inúmeros investigadores e mentes que participam de trabalhos e pesquisas com matrizes integradoras e ensinamentos integrais, reconheço a dedicação e reciprocamente dedico o estudo a todos, exemplos sempre especialíssimos.

À pequena e à grande família, definitivamente vivemos juntos abraçados cada momento deste trabalho.

Ao cotidiano Sempiterno, pela oportunidade de expor uns poucos dados, do que a nós seres humanos é dado perceber.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	viii
LISTA DE TABELAS.....	ix
LISTA DE QUADROS.....	x
LISTA DE SIGLAS.....	xi
RESUMO.....	xii
ABSTRACT.....	xiii
RÉSUMÉ.....	xiv

HISTÓRICO

PROGRAMA INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA.....	2
INTRODUÇÃO.....	4
SITUAÇÃO PROBLEMATIZADORA.....	4
PROBLEMA.....	5
OBJETIVOS.....	6
OPÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	7
HIPÓTESE.....	8
FONTES.....	9
ANÁLISE DOS DADOS.....	10
JUSTIFICATIVA.....	10
ORGANIZAÇÃO DA TESE.....	11

CAPÍTULO 1

HOSISTESIA.....	12
1.1 CONSCIÊNCIA E SUJEITO NO MUNDO.....	12
1.2 REFERENCIAL HISTÓRICO - ATITUDE FENOMENOLÓGICA.....	13
1.3 SÍNTESE DE HOSISTESIA.....	14
1.4 HOSISTESIA – MATRIZ INTEGRADORA.....	15
1.4.1 Pressuposto Prático de Hosistesia.....	16
1.4.1.1 Observando a Seqüência das Fases.....	19

1.4.1.2 Exemplos Elucidativos.....	20
1.4.1.3 Ausência de Fundações e Pós-Metafísica.....	25
1.4.2 Pressuposto de Verificabilidade de Hosistesia.....	28
1.4.3 Representações e Significados.....	35

CAPÍTULO 2

DIMENSÕES DA FAMÍLIA E POBREZA.....	39
2.1 FAMÍLIA.....	39
2.2 POBREZA.....	44

CAPÍTULO 3

ASPECTOS DA URBANIZAÇÃO BRASILEIRA E CURITIBANA.....	55
3.1 URBANIZAÇÃO E POBREZA NO BRASIL.....	55
3.2 URBANIZAÇÃO E POBREZA EM CURITIBA.....	59

CAPÍTULO 4

UM OLHAR ÀS CONDIÇÕES DE VIDA NAS CIDADES.....	69
4.1 SUJEITO E CIDADE.....	69
4.2 SUSTENTABILIDADE E CIDADE.....	74
4.3 MATRIZ INTEGRADORA E AMBIENTE URBANO.....	77

CAPÍTULO 5

BAIRRO ALTO E A UPI.....	85
5.1 REFERÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS.....	85
5.2 UNIDADE DE PROMOÇÃO INTEGRAL.....	91
5.2.1 Ingresso das Famílias e Programas de Apoio.....	93
5.2.2 Treinamento e Participação na UPI.....	99
5.2.3 Encontros com Sujeitos em Promoção.....	99

CAPÍTULO 6

TRAJETÓRIA DE VIDA – ENTREVISTAS.....	103
6.1 AÇÃO PROMOCIONAL - REFLEXÃO, CUIDADO E AMOR.....	105
6.2 MUDOU MINHA VIDA - ME RECONSTRUI.....	112
6.3 SEU MAIOR SONHO ERA PODER CONVERSAR E CONSEGUIU.....	117
6.4 ENTENDER-ME COMO HOMEM PARA TER OBJETIVOS E SUPERAR DIFICULDADES.....	124
6.5 QUANDO NÃO APRENDE NA ESCOLA, APRENDE NA UPI.....	128
6.6 RESPEITAR UM AO OUTRO, SEM BRIGAS.....	132
6.7 FOI RETIRADO DA UPI.....	136

CAPÍTULO 7

MATRIZ INTEGRADORA E PROMOÇÃO INTEGRAL DAS FAMÍLIAS EM

CONDIÇÕES DE MISÉRIA URBANA.....	139
7.1 UPI.....	140
7.2 PROGRAMA.....	143
7.3 SUJEITOS DAS FAMÍLIAS EM PROMOÇÃO.....	149
7.4 SUJEITOS DAS FAMÍLIAS PROMOVIDAS.....	152
7.5 SOCIEDADE E HOSISTESIA.....	155

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	162
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS.....	175
-------------------------	------------

BIBLIOGRAFIA.....	183
--------------------------	------------

ANEXOS.....	186
-------------	-----

ENTREVISTAS.....	187
------------------	-----

FICHAS DE REGISTRO DA UPI.....	213
--------------------------------	-----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - CONSCIÊNCIA PERCEPTIVA.....	22
FIGURA 2 - CONSCIÊNCIA PERCEPTIVA.....	23
FIGURA 3 - PÓS-METAFÍSICA.....	27
FIGURA 4 - DINÂMICA INTEGRAL.....	29
FIGURA 5 - CORRELAÇÕES CONSCIÊNCIA.....	37
FIGURA 6 - FAMÍLIA-POBREZA.....	50
FIGURA 7 - MAPA BRASIL, CURITIBA-PR E BAIRRO ALTO.....	61
FIGURA 8 - MAPA CONDIÇÕES DE POBREZA.....	66
FIGURA 9 - MAPA OCUPAÇÕES IRREGULARES.....	67
FIGURA 10 - MAPA ÁREAS DE RISCO, SUBABITAÇÕES E ENCHENTES.....	68
FIGURA 11 - AMBIENTE VIVIDO.....	83
FIGURA 12 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO.....	87
FIGURA 13 - AEROFOTO PONTOS DE INTERESSE – BAIRRO ALTO.....	88
FIGURA 14 - BAIRRO ALTO - RIO NEGRO.....	89
FIGURA 15 - BAIRRO ALTO - MARGEM ATUBA.....	89
FIGURA 16 - BAIRRO ALTO - MARGEM ATUBA/REDE ALTA TENSÃO.....	89
FIGURA 17 - BAIRRO ALTO - SOBRADOS.....	90
FIGURA 18 - BAIRRO ALTO - ÁREA DE COMÉRCIO.....	90
FIGURA 19 - DIAGRAMA VISÃO INTEGRAL E PROGRAMAS UPI.....	95
FIGURA 20 - ESQUEMA FUNCIONAMENTO PROGRAMAS DA UPI.....	96
FIGURA 21 - UPI.....	97
FIGURA 22 - UPI.....	97
FIGURA 23 - UPI.....	97

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - POPULAÇÃO RURAL, URBANA E TOTAL DO BRASIL.....	55
TABELA 2 - POPULAÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO DOS MAIORES MUNICÍPIOS DO BRASIL.....	60
TABELA 3 - POPULAÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO DAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL.....	60
TABELA 4 - CAUSAS GERADORAS DA MISÉRIA FAMILIAR - UPI/2004.....	98

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - FORMAS DE APRESENTAÇÃO HOSISTESIA.....	18
QUADRO 2 - DESENVOLVIMENTO E FRAGMENTAÇÃO.....	51
QUADRO 3 - ESQUEMA COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	161

LISTA DE SIGLAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICCPR - Convênio Internacional sobre Direitos Cíveis e Políticos
ICESCR - Convênio Internacional sobre Direitos Econômicos, Sociais e Culturais
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba
ONU - Organização das Nações Unidas
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RDH - Relatório de Desenvolvimento Humano
RM - Região Metropolitana
RMC - Região Metropolitana de Curitiba
SEMA - Secretaria Estadual de Meio Ambiente
SMMA - Secretaria Municipal de Meio Ambiente
UFPR - Universidade Federal do Paraná
UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância
UNILIVRE - Universidade Livre do Meio Ambiente
UPI - Unidade de Promoção Integral

RESUMO

Hosistesia é uma matriz integradora: consciência, sociedade e natureza, que tem por base a não dualidade, isto é, a inseparabilidade sujeito e objeto. No estudo a matriz é investigada e discutida em termos de teoria e prática (ação), com o objetivo de elaborar um instrumento para observação ambiental. A pesquisa de campo, desenvolvida em 2004, observa, analisa e debate a aplicação dessa visão integradora junto a uma Unidade de Promoção Integral (UPI), localizada no Bairro Alto em Curitiba-PR, Região Sul do Brasil; essa instituição tem por missão a promoção social de famílias em situação de miséria urbana, que habitam o bairro e o entorno. A situação problema observa as carências: de consciência, de conhecimento e das famílias em condição de miserabilidade urbana, o que dá origem ao problema de pesquisa: “Como observar ‘a miséria da consciência para ter consciência da miséria’?” A tese é que a matriz integradora, por incorporar a consciência ao ambiente, amplia e aborda com mais propriedade as relações ambientais, e ao vincular consciência e ambiente torna possível agir no círculo vicioso da miséria, que é formado pela miséria da consciência e pela consciência da miséria, e assim mitigar a miserabilidade de forma mais ética e verdadeira. As bases teóricas encontram-se em disciplinas e fontes como meio ambiente, urbanismo, filosofia, diálogo de saberes, estudos da consciência e matrizes integradoras.

Palavras-chave: Hosistesia, matriz integradora consciência, sociedade e natureza, não-dualidade, miséria, pobreza, família, meio ambiente.

ABSTRACT

Hosistesia is an integrated matrix: consciousness, society and nature. Hosistesia is based on non-duality, which means the subject and object inseparability. In this study, the matrix is investigated and discussed in terms of theory and practice (action), in order to create an instrument for environmental analyses. The field's research developed in 2004 observes, analyses and debates the application of this integrated vision, alongside with Integral Promotion Unit (UPI), located in Bairro Alto, borough of Curitiba (state of Paraná), southern part of Brazil. This institution's mission is to improve social life of families in urban poverty, who live in the borough of Bairro Alto and surroundings. The 'problem situation' observes the lack of consciousness, knowledge and the families in urban poverty, what originates the research's problem – "How to recognize this lack of consciousness to have consciousness of poverty?" The thesis is that the integrated matrix by incorporating consciousness to the environment amplifies and approaches with more emphasis on environmental issues. By linking consciousness and environment it becomes possible to act on the vicious circle of poverty, which is formed by the lack of consciousness and by the consciousness of poverty, and then mitigates the poverty in a more ethical and authentic way. The theoretical bases are found in disciplines and sources such as environment, urbanism, philosophy, dialogue of knowledge, studies on consciousness and integrated matrixes.

Key-Words: Hosistesia, integrated matrix, consciousness, society and nature, non-duality, misery, poverty, family, environment.

RÉSUMÉ

Hosistesia est une matrice intégrante: conscience, société et nature, qui a comme base la non-dualité, c'est-à-dire, l'inséparabilité sujet et objet. Dans cette étude, la matrice est examinée et débattue selon la théorie et l'action, ayant l'objectif de créer un instrument vers l'observation de l'environnement. L'enquête, développée en 2004, observe, analyse et discute l'application de cette visée intégrante avec une Unité de Promotion Intégrale (UPI), située au Bairro Alto, quartier de Curitiba, Région Sud du Brésil ; cet organisme a comme but la promotion sociale des familles en situation de misère urbaine qui habitent ce quartier et ses alentours. La situation problème apperçoit les carences de conscience, de connaissance et la misère familiale urbaine, ce qui origine le problème de recherche: "Comment observer 'la misère de la conscience envisageant avoir conscience de la misère'?" Cette étude considère que la matrice intégrante, puisqu'elle conjugue la conscience à l'environnement, développe et affronte avec propriété les relations du milieu, et puisqu'elle conjugue conscience et l'environnement, il est donc possible d'agir sur le cercle vicieux de la misère offrant aux individus des conditions plus favorables à la rendre moins rigoureuse, de manière plus éthique et vraie. Les bases théoriques se trouvent dans des disciplines et sources comme l'environnement, l'urbanisme, la philosophie, le dialogues de savoirs, les études de conscience et les matrices intégrantes.

Mots-clés: Hosistesia, matrice intégrante, conscience, société et nature, non-dualité, misère, pauvreté, famille, environnement.

HISTÓRICO

PROGRAMA INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA

O Programa Interdisciplinar do Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná objetiva qualificar pesquisadores e renovar abordagens relativas à temática Sociedade/Natureza.

Embora os problemas ambientais encontrem antecedentes no pensamento naturalista e mesmo em priscas eras das civilizações, ganham ênfase e status planetário principalmente a partir da década de 1960 com debates pautados entre crescimento, desenvolvimento e ambiente; no início dos anos 70 o Clube de Roma observa os limites do crescimento em escala global, e a Conferência de Estocolmo (1972) oficializa a idéia de Desenvolvimento Sustentado; já em 1987, com o Relatório Brundtland, surge o conceito de Futuro Comum; a década de 1990 é marcada pelos Fóruns Globais de ONGs e pela Conferência do Rio-1992, eventos nos quais se percebe que o desafio ambiental global passa pela compreensão das problemáticas sociais (PIERRI, 2001).

A interdisciplinaridade constitui tanto fator de inovação quanto de demanda, atendendo às velozes e complexas problemáticas que advêm das dinâmicas socioambientais, termo este que enfatiza a associação dos sistemas sociais e naturais, usado em estudos que buscam compreender a sociedade e o ser humano em suas expressões psíquica, simbólica, social, cultural, construções perceptivas, valores, atitudes etc., que (des)constroem o ambiente (MENDONÇA, 2001, 2002).

Portanto, ao lado da problemática ambiental urbana a ser observada, como, por exemplo, ocupações irregulares, abastecimento hídrico, saneamento, violência, segregação espacial, degradação urbana, conflitos de grupos sociais, qualidade de vida, biodiversidade, poluição etc.; colocam-se as dificuldades do exercício interdisciplinar relacionadas à transposição das especificidades das disciplinas de base dos doutorandos e também relativas à construção de novas

formas de questionamento, em função do encontro destes diferentes olhares (FLORIANI e KNECHTEL, 2003).

Os trabalhos da linha de pesquisa “Condições e Qualidade de Vida na Cidade”, da Turma V do doutorado, aglutinaram uma equipe com doutorandos de distintas formações, dois geógrafos, quatro arquitetos-urbanistas e dois engenheiros, um agrônomo, outro florestal, todos envolvidos com o tema Ambiente Urbano, exatamente onde a pressão social sobre os recursos e sobre o próprio ser humano tende a ser mais ostensiva.

Diante da complexa realidade urbana da Região Metropolitana de Curitiba (RMC), os doutorandos consideraram relevante discutir e analisar os filtros, as construções mentais e os condicionantes humanos que conduzem aos processos de apropriação e produção do espaço, fatores basilares para compreensão da degradação socioambiental urbana (LEFF, 2003; JACOBI, 2000).

De forma sucinta, nota-se que Curitiba, cidade pólo da RMC, passa, a partir da década de 1970, por um forte processo de urbanização e ao veicular a imagem de cidade de Primeiro Mundo, intensifica a atração de fluxos migratórios, que são sublinhados pela reestruturação no campo, que expulsou populações para a capital e região metropolitana, de tal modo que Curitiba registra a partir da década de 1970 uma das maiores taxas crescimento populacional entre as cidades brasileiras, contabilizando 1,587 milhão de habitantes, segundo o censo IBGE de 2000.

A turma V operacionalizou o Programa Interdisciplinar a partir de Oficinas de Pesquisa pautadas nas Condições e Qualidade de Vida na RMC e em interesses comuns ao grupo de doutorandos, que estabeleceram os seguintes recortes para o objeto comum de pesquisa: a) **espacial**: conurbação curitibana; b) **temático**: ambiente urbano, teorias, grupos sociais e políticas públicas, e c) **histórico**: panorama atual.

A partir dessa visão desenvolvida coletivamente, cada doutorando, segundo seu interesse, desenvolveu olhar próprio à realidade curitibana.

INTRODUÇÃO

A tese é construída a partir do olhar de um **arquiteto-urbanista**, com os recortes: a) **espacial**: Bairro Alto, Curitiba - PR; b) **temático**: matriz integral e promoção integral de famílias em miséria urbana; c) **histórico**: panorama atual.¹

SITUAÇÃO PROBLEMATIZADORA

A situação problematizadora incorpora os dois grandes focos do trabalho: primeiro, o reducionismo do conhecimento exclusivamente disciplinar, que, em geral, exclui, entre outros, a consciência como dimensão ambiental; segundo, a miséria familiar urbana, que, associada com essa fragilidade de visão de mundo inerente a um tipo de conhecimento objetificante, forma um círculo vicioso composto pela interação entre ‘consciência e miséria’.

Dessa forma, a carência de consciência incide tanto nos reducionismos e nas fragmentações do conhecimento disciplinar – dificuldade esta que interdisciplinaridade e matriz integradora buscam superar – quanto na miséria, que, ao ser observada de forma mais integral e consciente, é percebida não só como ausência do ter, mas também como carência do ser.

Esse conhecimento fragmentador e objetificante alimenta e é alimentado por uma visão de mundo que isola as intenções do sujeito, como se, de fato, sujeito, consciência, objeto e responsabilidades pudessem ser separados; as conquistas e os comprometimentos deste modelo se fazem sentir, das viagens interplanetárias à miséria humana. Essa alienação da consciência, e, portanto, de uma dimensão ambiental, desencantou o mundo e construiu um sujeito

¹ A tese segue um histórico de pesquisas desenvolvidas no Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento – UFPR; as teses de Gonçalves (2002) e Carneiro (1999), que investigam, respectivamente, a pobreza e as dimensões ambientais, nas quais se encontram categorias de análise e formatação semelhantes à proposta; e as pesquisas de Floriani (2004), sobre matrizes integradoras consciência, sociedade e natureza.

desconhecedor de sua natureza, emoções, valores, idiossincrasias, e que construiu um ambiente tão cheio de conflitos quanto sua experiência humana (KHUN, 1970; VARELA, THOMPSON e ROSCH, 2003; e MORIN, 1984, 2002).

Sobre a fadiga desse modelo e na perspectiva de transformações, concorda-se com Floriani, quando afirma:

Ouvimos a torto e a direito uma persistente ladainha, comum no léxico da academia e dos movimentos sociais, especialmente por parte dos ambientalistas, composta de bordões tais como: crise de paradigmas, globalização, crítica às visões dualistas da realidade, separação entre natureza e sociedade, hiperespecialização e conseqüente fragmentação do conhecimento [...] Pretendia não apenas conformar-me em repetir essa ladainha, mas sobretudo indagar sobre uma possível matriz teórico-filosófica que contivesse os elementos fundantes e emergentes desse novo pensamento sintetizador, de uma epistemologia que traduzisse uma outra tentativa de articular o pensamento, a ação, a natureza e a cultura das sociedades humanas (2004, p.9). (grifos do autor)

Essa matriz integradora teórica e prática é o foco do trabalho e exige um novo olhar, uma aliança ética, que só se firma com o diferencial da consciência, ou seja, com a visão não-dual de inseparabilidade entre sujeito e objeto. Um olhar ou testemunho ambiental que inclui a observação, o observador e o observado. E qualquer procedimento que desconsidere a incorporação da consciência na ação não renova a aliança, porque simplesmente segue isolando consciência e ser humano, cuja separação engendra toda sorte de misérias, que advêm das misérias dessa visão de mundo dual e objetificante (PRIGOGINE e STENGERS, 1997, VARELA et al., 2003; WILBER, 2000a, 2001a).

O problema de pesquisa associa miséria à consciência e situa-se neste duplo foco ou círculo vicioso, em que a miserabilidade da consciência humana constrói uma visão de mundo e um ser que para ser no mundo gera misérias. Por conseqüência tanto há carência de observação da miséria da consciência quanto da consciência da miséria. Desta forma, surge o **problema: como observar “a miséria da consciência para ter consciência da miséria” ?**²

² A idéia da miséria como círculo vicioso e construção de mundo humana é uma síntese teórica extraída de autores como Demo (2003), Bourdieu (1997), Morin e Kern (1995), e Wilber (2000a), que, em resumo, permite observar: ‘ser a visão de mundo miserável, que constrói a miséria’.

A miserabilidade familiar urbana é observada na cidade de Curitiba-PR, junto a uma Unidade de Promoção Integral (UPI), localizada no Bairro Alto, cuja missão é promover socialmente famílias em condição de miséria, que habitam o bairro e o entorno. A instituição foi escolhida para estudo em função da convergência de interesses relacionados à tese e à linha de pesquisa, ou seja, discutir a dinâmica e a aplicação de uma matriz integral ante as condições de vida na cidade.³

OBJETIVOS

O estudo investiga, analisa e discute a matriz integradora, em termos de teoria e prática (ou ação), neste caso como resposta ao problema da miséria urbana. Conseqüentemente o **objetivo principal** da tese é a construção de uma matriz integradora – Hosistesia, como instrumento para qualificar e ampliar os estudos das complexidades humana e ambiental, logo das relações entre sociedade e natureza. E os **objetivos específicos** são: a) investigar, analisar e discutir o programa integral desenvolvido na UPI e, a partir destas observações, reconhecer e renovar ações para mitigar e combater a miséria familiar urbana; b) pesquisar e refletir de forma qualitativa sobre as características dos sujeitos componentes das famílias em miséria e suas condições de vida na cidade (Bairro Alto, Curitiba-PR), e c) fornecer subsídios a instituições e comunidades com interesse em questões como: meio ambiente, miséria e programas integrais e visões não duais.

³ O termo 'promoção integral' é adotado em respeito a instituição pesquisada (UPI), embora o significado considerado seja o de desenvolvimento e construção da relação todo-parte, consciência-sujeito, aqui associado aos domínios propostos na matriz integradora – ver Capítulo 1.

OPÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O trabalho inicia elaborando a revisão teórica dos temas, matriz integradora, família, miséria e pobreza urbana e ambiente, e, a partir destas bases, investiga e analisa, por meio de estudo de caso, a instituição cuja missão é promover socialmente por meio de um programa integral famílias em situação de miséria urbana.

A investigação, por pesquisa participante⁴, do processo de promoção vivido pelas famílias em situação de miséria na UPI possibilita: a) monitorar, discutir e avaliar as características das populações em situação de miséria aprofundando a compreensão de sua complexidade social, cultural, material e espiritual, e b) observar a relação entre a matriz integradora, suas dinâmicas programáticas e as transformações nas condições de vida verificadas junto aos sujeitos componentes das famílias consideradas socialmente promovidas.⁵

Os autores nos quais a tese encontra seu fundamento – **Wilber, Varela, Morin e Leff** – apresentam reflexões que renovam a visão disciplinar tradicional e evitam os reducionismos objetificantes da modernidade. Isto redundando em procedimentos interdisciplinares, transdisciplinares e no diálogo entre saberes, que incorporam práticas e conhecimentos extracientíficos, transformações metodológicas, ontológicas e éticas ao panorama do saber.

Das obras dos autores que fundamentam o estudo, extraíram-se os seguintes elementos: a) diálogo de saberes, como transbordamento do conhecimento interdisciplinar, e b) ambiente como consciência em

⁴ A pesquisa participante permite notar os significados, os valores e as atitudes, elementos essenciais para um estudo que envolve a consciência e a complexidade do ambiente.

⁵ Entre as referências observadas para a pesquisa participante estão Goldenberg (2001); Brandão (1981); Gomes (1994), e Muniz (2001), esta última autora constitui fonte para o recurso de investigação da trajetória de vida, cujo expediente de pesquisa participante é usado para narrativas de vivências junto à comunidades. Os registros da pesquisa junto à UPI e aos sujeitos de interesse se efetuaram entre março e dezembro de 2004.

complexificação observada na relação todo-parte. Esses aspectos (a+b) os mais significativos para composição da matriz integradora.

HIPÓTESE

Hosistesia matriz integradora pode ser aplicada à problemática ambiental da miserabilidade familiar urbana.

O **ponto de vista defendido** é o de que visões mais abrangentes como as da matriz integradora e da interdisciplinaridade discutem, renovam e ampliam o conhecimento ambiental, visto que existem dificuldades inerentes aos reducionismos disciplinares, como, por exemplo, os que reduzem ambiente à ecologia, biologia, engenharia ambiental etc., e em função destes reducionismos não se discutem e apreendem a multidimensionalidade e a complexidade do ambiente.⁶

Como, em geral, os programas sociais não possuem uma visão integral, não contemplam diversos aspectos dos sujeitos, por isso negligenciam e terminam por não resolver alguns problemas, e com isso os indivíduos sentem-se desamparados, permanecendo fora do contexto social.

Em *suma*, a inobservância de um panorama mais integral conduz invariavelmente a frustrações nas ações e nos estudos ambientais, de maneira que a matriz integradora auxilia a observar e atuar com maior possibilidade de sucesso em problemas recalcitrantes, como miséria, carências éticas e de consciência. Daí o interesse de investigação e estudo da matriz integral.

⁶ ONU e UNICEF concluíram que os anos 2000 são os da abordagem integral, pois o processo sustentável de mudança exige visões mais abrangentes, conjugando desenvolvimento e conhecimento dos domínios objetivos, subjetivos e intersubjetivos (WILBER, 2000a).

FONTES

Para observar a interface matriz integral-miséria, utiliza-se amostragem qualitativa-ilustrativa, com investigação dos seguintes grupos:⁷

- a) **sujeitos das famílias que passaram pelo processo de promoção na UPI** - abordagem por entrevistas com seis pessoas pertencentes a três famílias promovidas, feita por meio de perguntas dirigidas e temas semi-estruturados verificando o significado atribuído por estes atores ao programa integral da UPI e ao ambiente;⁸
- b) **equipe de promoção e sujeitos das famílias em fase de promoção na UPI** - abordagem com a técnica trajetória de vida junto à instituição, com entrevistas, registros e anotações em reuniões, treinamentos e aulas com funcionários, voluntários e sujeitos em fase de promoção social; esta abordagem permite identificar as características dos sujeitos em promoção e a dinâmica da instituição na aplicação do programa integral.

Com relação às limitações da metodologia, observa-se que o trabalho qualitativo, com menor número de entrevistados, embora permita enveredar pelo complexo universo da consciência, da mente e do ambiente, não caracteriza quantitativamente a miséria familiar de um bairro, nem muito menos de uma cidade. Contudo, para enriquecer a análise dos dados, foi consultado um estudo

⁷ Todas as entrevistas e coletas de dados foram feitas com a permissão dos atores e da UPI, algumas entrevistas gravadas, outras por solicitação de informalidade transcritas com anotação dos depoimentos e testemunhos. Para preservar a identidade dos entrevistados, usam-se pseudônimos e não foram feitos registros fotográficos deles.

⁸ Os encontros com os sujeitos em situação de miséria ocorreram por intermédio da UPI, que indicou sujeitos de famílias que já haviam passado pelo processo de promoção.

quantitativo intitulado *Famílias pobres no Paraná* (IPARDES, 2003), que serve como apoio teórico ao trabalho.

ANÁLISE DOS DADOS

As informações que compõem o conjunto de dados coletados foram extraídas de: entrevistas, participação em atividades na UPI e observações de campo. A análise de dados é feita de acordo com três domínios e (ou) categorias de análise estabelecidos na matriz integradora, a dizer, subjetividade, intersubjetividade e objetividade, aqui entendidas como dimensões da consciência e do ambiente (WILBER, 2001a). Cabe sublinhar que, embora estas categorias estejam interagindo, o entendimento específico destes domínios facilita a leitura e inteligibilidade dos dados, que foram analisados em cinco âmbitos: 1) UPI; 2) Programa Integral; 3) Sujeitos em promoção; 4) Sujeitos promovidos e 5) Sociedade.

JUSTIFICATIVA

As teses do doutorado são dirigidas a pesquisadores e interessados em reflexões, análises e ações diante das complexas problemáticas das condições de vida e do ambiente urbano; os trabalhos investigam, pela via da interdisciplinaridade, as múltiplas interfaces, relações e dimensões ambientais.

O estudo interessa a todos os envolvidos com os temas matrizes integrais, miséria, pobreza, ambiente, cidade, não-dualidade, especialmente àqueles voltados a refletir sobre a complexidade da miséria urbana e ações mitigadoras.

ORGANIZAÇÃO DA TESE

A tese está organizada em quatro capítulos teóricos, e três relativos ao estudo de caso, seguidos pelas considerações finais. Complementa o trabalho o anexo composto das entrevistas com sujeitos de interesse e das fichas de documentação usadas na UPI.

- **Apresenta-se a Visão Integral**

Capítulo 1 – apresenta e define Hosistesia.

Capítulos 2, 3 e 4 – tratam da revisão de literatura de temas relacionados ao objeto e ao estudo de caso, tais quais: família, miséria, pobreza, urbanizações brasileira e curitibana, ambiente, sustentabilidade e matriz integradora.

- **Aplica-se a Visão Integral**

Capítulo 5 – investigação junto à UPI, elaborada a partir de pesquisa participante, contribui na investigação da validade e eficiência de um programa integral diante da situação de pobreza familiar.

Capítulo 6 – apresentação das entrevistas com reflexões sobre: a UPI, os sujeitos da UPI e os indivíduos componentes das famílias em miséria urbana.

Capítulo 7 – análise de dados, observando a relação entre a matriz integradora os conteúdos teóricos propostos e o estudo de caso.

Considerações Finais – avaliação da hipótese e da matriz integral.

Anexo – fichas de registros da UPI e transcrição das entrevistas.

CAPÍTULO 1

1 HOSISTESIA

1.1 CONSCIÊNCIA E SUJEITO NO MUNDO

Entre as maiores dificuldades ambientais contemporâneas estão a ética e a consciência nas relações que o ser humano estabelece com o mundo. Os reducionismos do conhecimento objetificaram a vida e hipertecnologizaram a sociedade e por sua insuficiência conduziram à imperativa necessidade de reencantamento do mundo, fato que necessariamente passa pelo sujeito, visto que as matematizações e engenharizações da natureza afastaram conhecimento e experiência humana.

Hosistesia aproxima conhecimento e experiência humana pela via da consciência, o que possibilita ao sujeito redirecionar suas atitudes a partir da observação de seus sentimentos, representações, crenças e emoções, na medida em que renova as relações para consigo próprio.

As fontes teóricas para a matriz são as obras de Varela, Depraz, Vermesch (1999); Varela, Rosch e Thompson (2003); e Ken Wilber (2000a, 2001a, 2001b, 2001c), cujos trabalhos tanto operam com matrizes integradoras quanto observam o processo de conscientização engendrado pelo próprio sujeito, visto que este passa a observar seus conteúdos mentais enquanto age no mundo.⁹

Para que a ética não seja reduzida a discurso, mas realmente integre a experiência humana, é necessário observar a inseparabilidade entre sujeito e

⁹ Embora as referências teóricas usadas sejam Wilber e Varela, cabe nota a dois autores que trabalham com matrizes integradoras: Enrique Leff (2001, 2002, 2003) e Edgar Morin, especialmente pela forma como compreendem a complexidade, o primeiro contemplando a complexidade ambiental por meio dos diálogos de saberes e práticas extracientíficas; o segundo, com sua definição baseada no termo latino *Complexus*, que significa “o que foi tecido junto”, ou seja, o conhecimento complexo é também amplexo, e pensar a complexidade é respeitar a tessitura integrada e comum da relação todo/partes e destas entre si (1984, 2000, 2001, 2002).

objeto, pois ambos são criados pela própria consciência e é essa consciência de base que dissolve a separabilidade sujeito-objeto¹⁰. Parte-se do pressuposto que, na prática, as relações éticas debilitam-se em função da própria fragilidade e obtusidade mental dos sujeitos. Desse modo, o escopo básico é estimular os sujeitos a tornarem-se melhores práticos, uma vez que ética não pode prescindir da incorporação e presença vívida no indivíduo.

Portanto, a proposta não é somente de transformação do saber, mas de despertar ético, que insere o sujeito no mundo, e vice-versa; esse despertar tem relação direta com estesia e poética vitais e permite ao sujeito renovar-se e assimilar-se nas dimensões e relações ambientais.

1.2 REFERENCIAL HISTÓRICO – ATITUDE FENOMENOLÓGICA

Segundo Varela et al. (2003), o coração da prática da consciência é o que Husserl denominou parentetização¹¹ (em inglês *bracketing*, em francês *epochè*), pelo fato de exigir que se tire de circulação, como pondo entre parêntesis, os julgamentos comuns do sujeito com respeito a sua experiência e o mundo. A fenomenologia designou o ponto de vista a partir do qual esses julgamentos comuns são feitos de “atitude natural” ou “realismo ingênuo”, que consiste na convicção de que o mundo é independente da mente, da percepção e da cognição. A atitude natural assume que as coisas são da forma como elas parecem ao serem representadas socioculturalmente. Mas ao colocar entre parêntesis a atitude natural o sujeito torna-se capaz de observar os conteúdos mentais de forma puramente interna, sem conduzi-los àquilo a que se referiam no mundo, deste modo, ao observar o mundo o sujeito não deve vê-lo ingenuamente,

¹⁰ A consciência, embora tenha significado polissêmico, neste trabalho significa a consciência de base (aqui também entendida como todo) que cria tanto o sujeito quanto o objeto, portanto é a realidade fulcral para ambos.

¹¹ Parentetização refere-se à tradução do conceito “colocar entre parêntesis o mundo”, feita para a língua portuguesa (VARELA et al., 2003).

mas, ao contrário, deve vê-lo como detentor das marcas de sua própria estrutura.¹²

Seguindo esse raciocínio, a fenomenologia elaborou o conceito de mundo vivido, que não é a concepção teórica e ingênua do mundo encontrada na atitude natural, mas, ao contrário, do mundo social cotidiano no mundo vivido a teoria volta-se à prática. Dessa forma, toda experiência de reflexão e teoria, inclusive a ciência, pressupõe o mundo da vida como *background*, e a tarefa proposta é analisar esta relação essencial entre consciência, experiência e mundo vivido. Isso expande a noção de ciência para incluir a ciência do mundo da vida, que ligaria ciência e experiência, sem sucumbir ao objetivismo estilo Galileu, por um lado, e ao niilismo, por outro. A grande crítica de Varela et al. ao trabalho de Husserl é a deficiência diante da dimensão pragmática, a falta de estabilidade empírica da essência das coisas vividas durante o fato e não após o fato, exatamente do que trata este capítulo.

1.3 SÍNTESE DE HOSISTESIA

'Hosistesia' (*hosi* é uma palavra dos Tsongas e significa força sustentadora, e *estesia* vem do grego e relaciona-se à percepção), em termos práticos significa sentir a consciência de base, que por sua vez incorpora e sustenta em conjunto sujeito e ambiente. Desse modo, Hosistesia não é um conceito, mas sim consciência e estesia de que o ambiente não é algo parado e estanque, mas que inclui e incorpora sujeito e objeto. Mas pode ser que o sujeito esteja anestesiado, perceba a realidade a partir da inseparabilidade, sendo essa percepção a partir da inseparabilidade a fonte de Hosistesia. Enquanto instrumento de averiguação,

¹² Outra importante referência histórica para o trabalho de Varela et al. (1999, 2003) é a Escola de Kyoto, que abriu diálogos entre a filosofia ocidental e a tradição oriental do Zen Budismo, contando com filósofos proeminentes como Keiji Nishitani, Shin-ichi Hisamatsu, Massao Abe, Kitarô Nishida, Shizuteru Ueda, entre outros, que dialogaram com autores como Nietzsche, Heidegger, Whitehead, entre outros (ABE, 1985).

Hosistesia opera verificando a presença desta condição de consciência em três domínios, que são criados pela consciência: a) **subjetividade** (arte, religião, contemplação, belo – quer provar olhe para si), b) **objetividade** (verdade científica, tecnológica, sensorial – quer provar olhe para fora) e c) **intersubjetividade** (bom, justiça, ética e moral – quer provar dialogue, observe os significados em permuta). Observando esses aspectos da consciência (a+b+c), contempla-se o quanto o sujeito, suas ações e construções ambientais são frutos da consciência, o que também propicia observar as ênfases e ausências do conhecimento em cada domínio.

1.4 HOSISTESIA – MATRIZ INTEGRADORA

O pressuposto básico de Hosistesia é pragmático, portanto não é um conceito, mas um estado de consciência não-dual, integrado, no qual o sujeito está incorporado (VARELA et al., 2003); mas, para que se observe a presença dessa condição primeira, elabora-se o segundo pressuposto, que é um instrumento teórico e de verificação, formado por categorias de análise da consciência, como dito subjetividade, intersubjetividade e objetividade (WILBER, 2000a, 2001a, 2001b).

A etimologia do neologismo compõe-se dos termos: **a) hósí** - s.m. MOÇ (Sul) ser supremo; deus ETIM pal. Tsonga; somado a **b) estesia** - s.f. **1** capacidade de perceber sensações; sensibilidade **2** ESTÉT capacidade de perceber o sentimento de beleza ETIM gr. *aísthesis* ou *aísthésíe* 'sensação' + ia (HOUAISS, 2001)¹³; esta associação etnoetimológica que compõe Hosistesia encontra justificativa na complexidade ambiental, que é amplexidade, por isso

¹³ **tsonga** s.2g. ETNOL **1** indivíduo dos tsongas - s.m. LING **2** grupo de línguas bantas aparentadas, faladas pelos tsongas. Adj. 2g. **3** relativo a tsonga (acp. 1 e 2) ou próprio do povo desse nome. tsongas s.m.pl. ETNOL **4** povo africano que habita as áreas bantas ocidentais da República da África do Sul e imediações.

abraça e integra pela via da consciência as diferenças e diversidades ambientais, povos, raças, valores, saberes, culturas etc.

O sujeito nota Hosistesia quando o fluxo da consciência (ou todo, hosi, consciência de base) o assimila e estesia. Pois o todo é autoexplicativo, não necessita explicações, mas se identifica em diferentes graus de estesia/anestesia ambiental, que as partes expressam.

Identifica-se Hosistesia por um sentir ambiental, é “um sabor único”, e encontra referência de sua universalidade em Wilber, ao afirmar que:

O Sabor Único é muito diferente dos outros sentimentos ou experiências, porque a sensação de ser simplesmente não vai ou vem, trata-se de uma sensação que não está no tempo senão que o tempo flui através dela, como uma de suas múltiplas texturas. A sensação simples de que a existência tão pouco é uma experiência, senão a imensa Abertura por onde passam todas as experiências, o Espaço Infinito no qual brotam todas as percepções, o Absoluto do qual emanam todas as formas criadas, que permanecem um tempo e terminam desaparecendo. A sensação simples da existência é seu próprio Eu-Eu que só aparece quando seu pequeno eu é consumido na imensa expansão da Totalidade do Espaço. (2001b, p.318).

A característica fundante de Hosistesia é a estesia, isto é, não se trata de uma palavra-conceito, mas de saber que é ser todo na parte e parte no todo.

1.4.1 Pressuposto Prático de Hosistesia

Despertar de forma atenta à consciência é o coração do que se expõe, e é tanto o impulso inicial quanto o fluxo que apresenta o sujeito continuamente a realidade. Esta lógica de fluxo faz com que os resultados não se apresentem como algo finalizado e acabado, mas como experiência em constante transformação, cuja sustentação é responsabilidade do sujeito.

Embora didaticamente o que se propõe possa ser apresentado de diferentes maneiras, para melhor compreensão optou-se em esboçá-lo em quatro fases (ver quadro 1), em certos aspectos de acordo com Varela et al. (1999);¹⁴

- **1ª Fase - Suspensão** - suspensão dos pensamentos, das opiniões e dos juízos habituais, esta é a pré-condição para qualquer mudança de atenção; é uma ruptura em relação à atitude “natural” e não examinada por parte do sujeito, isto é, da desatenção passa-se à atenção;
- **2ª Fase - Conversão da atenção** - o sujeito em geral costuma voltar a atenção somente ao objeto, com a conversão da atenção o sujeito passa a focar concomitante tanto sujeito quanto objeto, e percebe a partir da inseparabilidade suas relações; desse modo, passa a conscientizar-se por meio de quais justificativas, emoções, sentimentos etc. estabelece relações com o mundo;¹⁵
- **3ª Fase - Repouso e Abertura Receptiva** - (ou também, soltar-se, desprender-se), a receptividade dá-se com a abertura através da qual o sujeito ruma em direção “à experiência” e “à vida”, e essa abertura permite ao sujeito certa neutralidade com relação à experiência de representação e conceituação, iniciando uma estesia ou percepção panorâmica; além das fixações nos conceitos e representações usuais, esta abertura por parte do sujeito no enfrentamento das situações introduz estesia, que renova e refina a atitude inicial de atenção-consciência;

¹⁴ Varela et al. (2003) entendem “atenção-consciência” como síntese de: a) *shamata* (sânscrito) – técnica de focalização da atenção ou concentração; b) *vispashyana* (sânscrito) – tem dois sentidos, contemplar para acalmar a mente e produzir *insights* sobre a natureza da mente. A aferição dessa condição atenta-consciente, dá-se na observação das ações e suas conseqüências nos domínios subjetividade, objetividade e intersubjetividade, que como domínios são criados pela própria consciência (WILBER, 2000a, 2001a, 2001c).

¹⁵ O texto apresenta certa discordância de Varela et al. (1999), que propõe como segunda etapa a conversão da atenção do exterior para o interior, e aqui considera-se a extensão da atenção integrando pela via da consciência de base sujeito e objeto. Isto não é simplesmente voltar a atenção para o interior, o que pode reforçar no sujeito traços de egoísmo, reincidindo na separabilidade e carência ética. A integração proposta inclui a fase apontada por Varela et al. de voltar a atenção para o interior, mas observa sua insuficiência. Ao analisar esses autores, também se observa a necessidade de inserir critérios de avaliação, daí a proposição da 4ª fase, denominada Ação ou Fruto.

- **4ª Fase - Ação** - (ou fruto), é o resultado da prática, quando o sujeito atento interage com o mundo em crescente clareza ética, isto se desdobra em percepção e ação conscientes do ser sendo no mundo, a ação pode ser verificada no comportamento do sujeito em termos objetivos, subjetivos e intersubjetivos – Ver item 1.4.2 Verificabilidade.

Hosiestesia é o conjunto das quatro fases, pois a 2ª, a 3ª e a 4ª fases são sempre reativadas pela e reativam a 1ª fase; é o movimento ou fluxo que confere qualidade à experiência ambiental, perceptiva, cognitiva etc., pois que se renova continuamente. Nesse sentido, a consciência permite ao sujeito desanestesiá-lo ao ambiente estabelecido por conceitos, visto que o sujeito estesia-se com algo que não reside somente nas aparências e conceitos, mas vai além e inclui as aparências, representações e conceitos.

QUADRO 1 - FORMAS DE APRESENTAÇÃO HOSIESTESIA

FORMAS DE APRESENTAÇÃO		CONTEÚDOS	
Direta todas as fases são um só fluxo de percepção consciente, intenção consciente e ação consciente, visto que o sujeito é fluxo de consciência, para tal basta observar a partir da inseparabilidade.	Em Fases		
	Visão	1ª Suspensão	
	Estabilização	2ª Conversão	Estabilização - a estabilidade na visão abre a relação sujeito / consciência e isto engendra o conhecimento do conhecimento, isto é, discernimento porque relaciona via consciência parte e todo abertamente.
		3ª Repouso e Abertura Receptiva	
Fruto	4ª Ação	Fruto - permite aferir o “quanto” o ser é cômico de sua percepção, intenção e ação no mundo. *	

FONTE: Adam (2004)

* Obs.: Ver item **Verificabilidade**.

1.4.1.1 Observando a Seqüência das Fases

A fase de suspensão pode ser observada a partir de diversas situações, por exemplo: a) uma circunstância que gera a suspensão involuntariamente, tal qual uma surpresa estética, uma inefabilidade espontânea etc.; b) exemplo vivido por um sujeito que experimenta esta estesia conferindo-lhe significado e isto influencia outros sujeitos; c) como uma prática voluntária pressupondo treinamento e aprendizado. Tais circunstâncias não são mutuamente excludentes, embora para cada uma haja uma motivação diferente (VARELA et al., 1999).

Um dos obstáculos encontrados nas 2ª e 3ª fases é a instabilidade do sujeito, que tende a retornar sempre à sua atitude habitual desatenta e automatizada. Com isso, o processo cognitivo empobrece e a prática se esvai, e o indivíduo passa a orientar-se exclusivamente ao mundo objeto; o que o sujeito desconsidera é que a consciência continua em cena, mas agora esquecida e alienada, o que inibe as relações do sujeito.

Ao modificar-se a direção da atenção, na 2ª fase, gera-se o contato entre sujeito e objeto, o que permite ao sujeito identificar seus condicionamentos na relação com o objeto, re-incorporado-se no mundo, como afirmam Varela et al., a mente está sempre incorporada.

A 3ª fase consiste na atitude de “repouso, receptividade e abertura”, a abertura passa a intensificar-se a partir do momento em que certas pulsões mentais anteriormente alimentadas como categorias, expectativas e identificações perdem sentido. Repouso e receptividade servem para “ouvir os sons do mundo da maneira como emergem, além dos julgamentos habituais”, e isso exige desenvolver a atenção a ponto de ser capaz de escutar e perceber as coisas, o mundo como tal, sem imposições, memórias e automatismos. Uma das principais barreiras para esta etapa é a falta de estabilidade mental, que não permite ao sujeito assimilar-se no simples gesto de estar consciente momento a momento. Nessa fase a qualidade da atenção se altera, pois se passa do buscar ou procurar para o deixar vir, que não implica uma atitude indiferente, mas meta-observação,

exatamente porque esta fase de Hosiesthesia expande a percepção do sujeito, permitindo-lhe a observação da sua própria forma de observação.

A 3ª fase propicia o desprendimento das atitudes, dos desejos, das buscas habituais etc., e fusiona o sujeito à receptividade vivida de modo aberto, uma condição de repouso e qualidade, que não é, conforme já observado, uma “simples atitude espontânea”, um “*laissez-faire*”, mas uma abertura (*openess*), que exige atenção-consciência e uma espécie de destemor ao *continuum* de circunstâncias vividas. Neste ponto intensifica-se a experiência, que revela uma qualidade de serenidade e compaixão fundamentais para a 4ª fase (VARELA et al., 1999).

Na 4ª fase o indivíduo percebe-se em suas relações com o mundo de modo aberto, desprendido e compassivo, o que revigora a maneira com que o indivíduo experimenta sua experiência no âmbito da vida, ou seja, a prática transforma-se em fato, em ação e ética, porque um modo novo e básico de conhecer, inquirir e viver é desenvolvido e observado nos domínios subjetivo, objetivo e intersubjetivo (Para detalhes, ver item 1.4.2 Pressuposto de Verificabilidade).

As etapas, quando conjugadas, correspondem a um fluxo de consciência, identificado por uma estesia, “imutável em sua constante renovação”.

1.4.1.2 Exemplos Elucidativos

Como os indivíduos habitualmente se engajam de maneira exclusiva na percepção alheia (objeto), fixando-se a convenções e aos nomes das coisas, deixam de viver o mundo, deixam de viver entre as coisas, para viver as representações mentais e os conceitos estabelecidos sobre o mundo. Assim, os sujeitos, ao não experimentarem a estesia da consciência, também não se capacitam à percepção de sua própria forma de percepção.

A percepção da forma de perceber permite ao indivíduo alterar suas relações, o que não quer dizer necessariamente alterar as coisas, mas a

consciência do sujeito, que com elas se relaciona, e isto acaba por incidir sobre a forma de legitimar e validar relações.

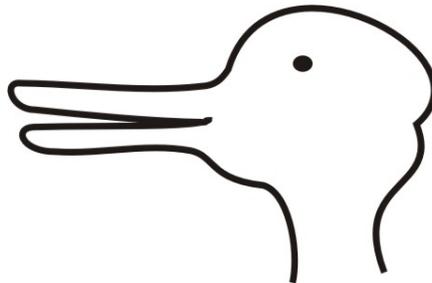
Ao substituir coisas por palavras, que examinadas em pormenor pouco significam, deprecia-se a experiência. Por exemplo, a cor branca, os brancos do gelo e das nuvens denotam diferenças perceptivas difíceis de capturar por conceitos ou mesmo pela linguagem (branco), pois se trata de branquismos diferentes. Por isso linguagem e conceitos podem condicionar a estesia do sujeito, assim o sujeito não percebe a coisa propriamente, mas fica retido, anestesiado, envolvido e aprisionado às suas conceituações mentais. Vale questionar, então, onde está a representação dada ao branco da nuvem na qual o sujeito se fixa, com suas emoções e imaginação. Esta representação é criada, sustentada e engendra fixações mentais que não existem isoladas do sujeito.

Com essas noções, o próprio ambiente fica reduzido aos conceitos e reducionismos a ele aplicados, que de modo algum percebem o ambiente, mas somente a própria visão reducionista, visto que ambiente, nos termos apresentados, é multidimensional, aberto, infinito e não se reduz aos reducionismos a ele aplicados (LEFF, 2003).

A função da FIGURA 1, lebre-pato, a seguir, é ilustrar por analogia o fato de que o sujeito, porque observa as coisas condicionado por suas representações e linguagens, pode não perceber as coisas, mas somente seus condicionamentos interpretativos, que condicionam sua própria construção como sujeito. O sujeito vê a imagem como a *interpreta*, não como a percebe, assim embota sua percepção, e anestesia-se em face da consciência, esses embotamento e anestesia dessignificam as coisas de seu significado. O que se propõe com a analogia das figuras é demonstrar que, diante das representações lebre e pato, o sujeito pode se fixar em uma e (ou) em outra representação, mas somente se liberta dessas fixações mentais à medida que atenta para o fato de que há liberdade para estabelecer representações no percebimento do fato “folha com riscos”; assim, não mais se condiciona por representações e cognições, mas se descondiciona pela percepção. Esse descondicionamento engendra a liberdade própria da consciência de base, que está sempre livre e presente, sempre a tudo inclui e a

tudo transcende. Em síntese, enquanto o sujeito se prende às representações, seja da lebre, seja do pato, não percebe que sua forma de perceber não está livre, mas condicionada pela representação, o sujeito se esquece desta liberdade básica do papel em branco. Vale sublinhar que o importante para Hosistesia não é abandonar a representação, mas que o sujeito note ser livre para representar, desde que atento a esta condição básica de liberdade e consciência que estesia e permite ao sujeito perceber seus condicionamentos, pensamentos, emoções etc., e desta forma agir observando-os ao mesmo tempo consciente e descondicionadamente.¹⁶

FIGURA 1
CONSCIÊNCIA PERCEPTIVA
Analogia Pato-Lebre



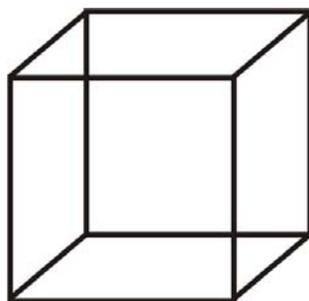
FONTE: Adaptado por Adam (2004); de Wittgenstein (1991)

Outro exemplo elucidativo é o do cubo, no qual também se pode observar esta liberdade básica, ou consciência de base, que existe em função desta fixação mental, associada ao quadrado de frente e de fundo do cubo, o observador pode se prender tanto no quadrado frontal quanto no posterior, mas, ao despertar perceptivamente com atenção-consciência, observa que possui liberdade para

¹⁶ Para Hosistesia importa usufruir essa liberdade ou consciência de base (ver item não-fundacionismo neste capítulo).

representar, segundo suas próprias premissas subjetivas, a objetividade cubo. Ver FIGURA 2.

FIGURA 2
CONSCIÊNCIA PERCEPTIVA
Analogia Cubo



FONTE: Adam (2004)

O que se propõe não exclui as representações, os pensamentos, as atitudes mentais, as tonalidades emocionais e afecções, mas os inclui em gesto mais amplo e livre que transcende e inclui convenções. De tal sorte que o sujeito passa a não se fixar às condições conceituais, inclusive às que conceituam absoluto e ambiente, mas a sentir-se cômico e livre.

Uma das falhas que podem ocorrer, nesse gesto, é o sujeito continuar a fixar-se, migrando de um para outro conceito, de uma representação para outra. Corretamente executado, o efeito suspensivo não cria ou faz surgir novo conceito ou fixação, mas faz surgir a percepção da “insuficiência” e relatividade de qualquer representação e conceito. Isto é, o sujeito está sempre vinculado ao mundo, entretanto nem sempre atento à sua forma de estabelecer vínculos.

Por paradoxal que pareça, a estesia preconizada não deve gerar anestesia e insensibilidade dos sentidos, essa anestesia ocorre pela necessidade de o sujeito reintroduzir novas formas de fixação. Mas ao não se fixar o sujeito se estesia integrando corpo e mente em seu *continuum*. É nessa condição de abertura que surge a compassividade, sem a qual o gesto de atenção-consciência

torna-se ato que conduz o sujeito a enclausurar-se, conforme observam Varela et al. (1999); Varela et al. (2003); e Wilber (2000a), sem abertura-compaixão, somente o simples ato de espriar a atenção, antes que estesiarem anestesiarem o sujeito.

Receptividade e consciência na ação pressupõem também uma forma de não-ação durante a ação, o que fortalece e estesia a ação, porque o centro da ação passa a ser a consciência. Dessa maneira, circunstâncias para as quais o sujeito havia se tornado anestesiado afloram em forma de estesia, sentar, comer, ler, estudar etc., as experiências cotidianas passam a renovar-se, pois com a consciência e abertura o sujeito é incorporado no fluxo da consciência e passa a ser sendo no mundo, ciente em sua ação, ou fruto.

Nota-se, também, que pode ocorrer descontinuidade da atenção, mas com a atitude de presença o sujeito torna a estabilização plena e natural. Wilber (2001a) enfatiza que, a partir do aprofundamento e da estabilização, não se deve afirmar que essa estesia seja experiência, mas sim estado, pois a não dualidade não vem ou vai, por isso não é experiência, mas testemunho das experiências, que simplesmente ocorrem na presença da consciência, descondicionada, livre e sustentadora; e isto inclui reconhecer e saber como tratar o paradoxo de sustentar algo que é espontâneo e involuntário. Ou seja, o sujeito aprende a ser algo que é, mas pode não estar atento, consciente e percebendo. Com respeito a essa consciência sustentadora, Wilber enfatiza que a abordagem não dual não nega o paradigma da “representação totalmente; mas afirma que, num nível mais profundo, o próprio pensamento não pode se desviar das correntes do Kosmos, porque o pensamento é o produto e a representação dessas mesmas correntes” (2001a, p.87).

Em termos éticos e práticos, a ação, ou fruto, analisada a seguir, serve como balizador para verificação e eventual remoção de hábitos da ordem do auto-interesse, esses, segundo Wilber – e concorda-se com o autor –, os grandes geradores da miséria (2000a).

As categorias de verificação elucidam que o proposto não é princípio de prazer ou ataraxia, mas de ética nos domínios da consciência. Esta averiguação

da ação nos domínios da subjetividade, intersubjetividade e objetividade transforma os sentidos nas bases da consciência, porque preenchidos de incondicional beleza, bondade e conhecimento.

À medida que os automatismos são eliminados e que se repousa abertamente a característica natural da estesia de conhecer-se como experiência pode salientar-se mais, e isso marca o início da maturidade na forma de conhecer.

1.4.1.3 Ausência de Fundações e Pós-Metafísica

O gesto de atenção-consciência faculta *insights* sobre a co-dependência ou inseparabilidade entre seres, eventos e sobre a ausência de fundações. Essa flutuação ou perplexidade, que surge da descoberta da ausência de fundações ou liberdade, é chamada de a grande dúvida por Varela et al. (2003); e onde há grande dúvida, afirmam os autores, há grande *insight*. Esta grande dúvida aponta para o movimento existencial e marca uma transformação qualitativa na experiência humana; conforme visto, esta transformação consiste em um afastamento ou neutralização dos conceitos (como: dualidade, não dualidade etc.), em direção a um campo de esvaziamento-preenchimento, que renova e estesia.

Desse modo a ausência de fundações proposta em Hosistesia difere da ausência de fundações do pensamento filosófico europeu, em geral refém do niilismo. Segundo Varela et al. (2003), o niilismo surge quando o sujeito percebe que suas mais estimadas crenças são insustentáveis e apesar disso continua incapaz de viver sem elas, e o que este sujeito considera ser um ponto de referência absoluto é na realidade interpretação impingida sobre um processo impessoal, indefinível e inabarcável por conceitos. Em consonância com esses autores, compreende-se que o niilismo advém do contínuo desejo de possuir alicerces, da busca de pontos de referência e conceitos, e quando ele anuncia o colapso dos pontos de referência fixos cria novas fixações. O não fundacionismo-liberdade-consciência aqui preconizado, conclui-se acompanhando os autores,

não se relaciona com qualquer conceito, mas com esta condição aberta de estesia cônica, inerente ao “conhecimento-compaixão”.

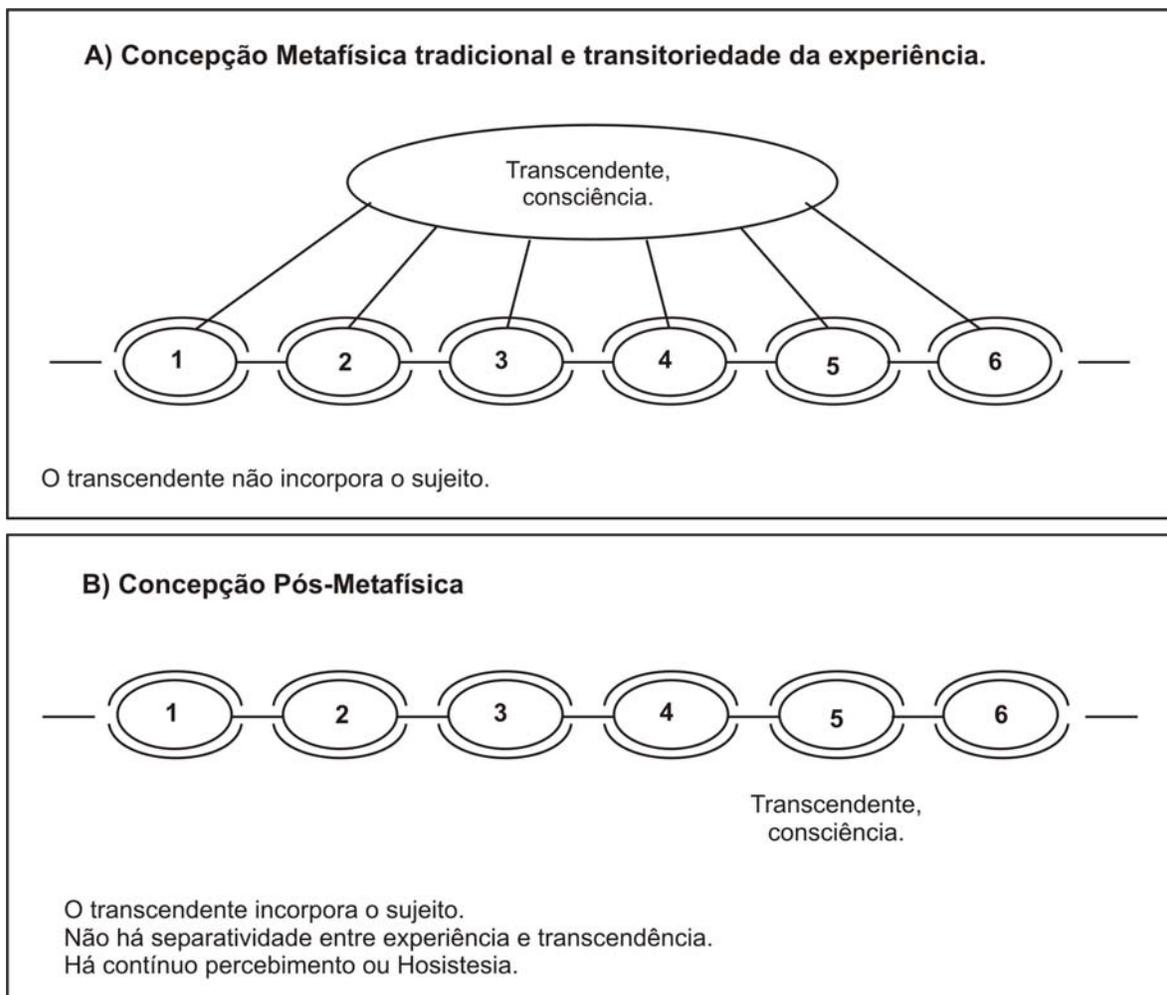
O que pode ser perturbador e conduzir à repressão e anestesia é a fixação ainda existente ao novo conceito “ausência de fundações” e não a experiência da mesma. Na medida em que aprofunda a ação e repousa progressivamente, emerge a estesia, pois o não fundacionismo está ligado à abertura do próprio sujeito à expressão básica de liberdade e conhecimento.

Ratifica-se este diferencial de Hosistesia acompanhando Varela et al. (2003), quando afirmam que a ausência de fundações é preenchida de compaixão, assim perda de fundações e de referências fixas são inseparáveis da compaixão. Na prática, a percepção da liberdade básica e natural do sujeito é conhecer-compaixão, mas isso fica aparentemente obscurecido pelas fixações. Se ao sujeito é dado o sentido ético do não fundacionismo, se o escopo é observar o mundo com sua natural ausência de fundações e nela repousar, Hosistesia faculta um caminho.

Wilber e Varela dizem de uma realidade pós-metafísica pois a metafísica diz de algo além, do transcendente, mas na pós-metafísica o além o transcendente são incorporados na ação, na experiência do sujeito. Ou seja, o transcendente é incluído, essa consciência de base ao mesmo tempo transcende e inclui, ou seja, inclui mas não está detida no sujeito, objeto etc. Portanto, os temas propostos teoricamente são tratados a partir dessa base que inclui as condições convencionais mas ao mesmo tempo as transcende. A condição básica da consciência está além e presente. É nessa condição básica de consciência que se dilui a dualidade sujeito-objeto, exatamente porque em Hosistesia se observa por inseparabilidade. A consciência está sempre presente, embora o sujeito possa não desfrutá-la. A relação sujeito-objeto é apenas um modo de conhecer, e em Hosistesia não conhece por meio da relação sujeito/objeto. Mas pela consciência de base, que dissolve a separabilidade. Permite conhecer por percepção não-dual e inseparabilidade. Não-dualidade (inseparabilidade) é o surgimento simultâneo de sujeito e objeto. Portanto, Hosistesia permite ao sujeito observar sua natureza,

pois a consciência passa pelo sujeito, mas não é o sujeito, e sim sua condição básica ambiental (FIGURA 3).

FIGURA 3
PÓS-METAFÍSICA



FONTE: Adaptado por Adam (2004) de Varela et al. (2003)

Seguindo os autores, observa-se que a metafísica ocorre na experiência, somente não é percebida. Portanto trata-se de algo que ao mesmo tempo está em todas as coisas e em nenhuma delas, em o que se propõe há a estesia de que sempre se está incorporado sob a forma de consciência que tudo inclui e transcende.

Hosistesia faculta ao sujeito estabilizar sua realidade na consciência básica da experiência do ser no mundo, e assim pela via da consciência não se relaciona de forma condicionada. Conforme observado, o propósito é calar as elaborações conceituais, é transcender o conceito, mas também incluir o conceito e observar sua insuficiência discriminativa ao tratar a realidade. Hosistesia, quando vivida, permite observar o ambiente de modo cortante e atento, em estesia momento a momento, ininterruptamente. A especulação discriminativa e conceitual não se esvai com Hosistesia, mas passa a ser feita na presença dessa estesia, pois mesmo as definições como absoluto, não-dual, infinito inqualificável são essencialmente duais, e qualquer uma dessas definições não é o fato, mas a estesia o é.

O objetivo é observar a realidade ambiental em sua condição básica de estesia e liberdade, além da discriminação conceitual, e, portanto, das palavras. É nesse sentido uma experiência que liberta o sujeito perceptivamente. O objetivo não é gerar mais um conceito, não é criar mais um objeto mental, mas usufruir a liberdade, a consciência básica mesmo na presença dos conceitos, representações e nomes.

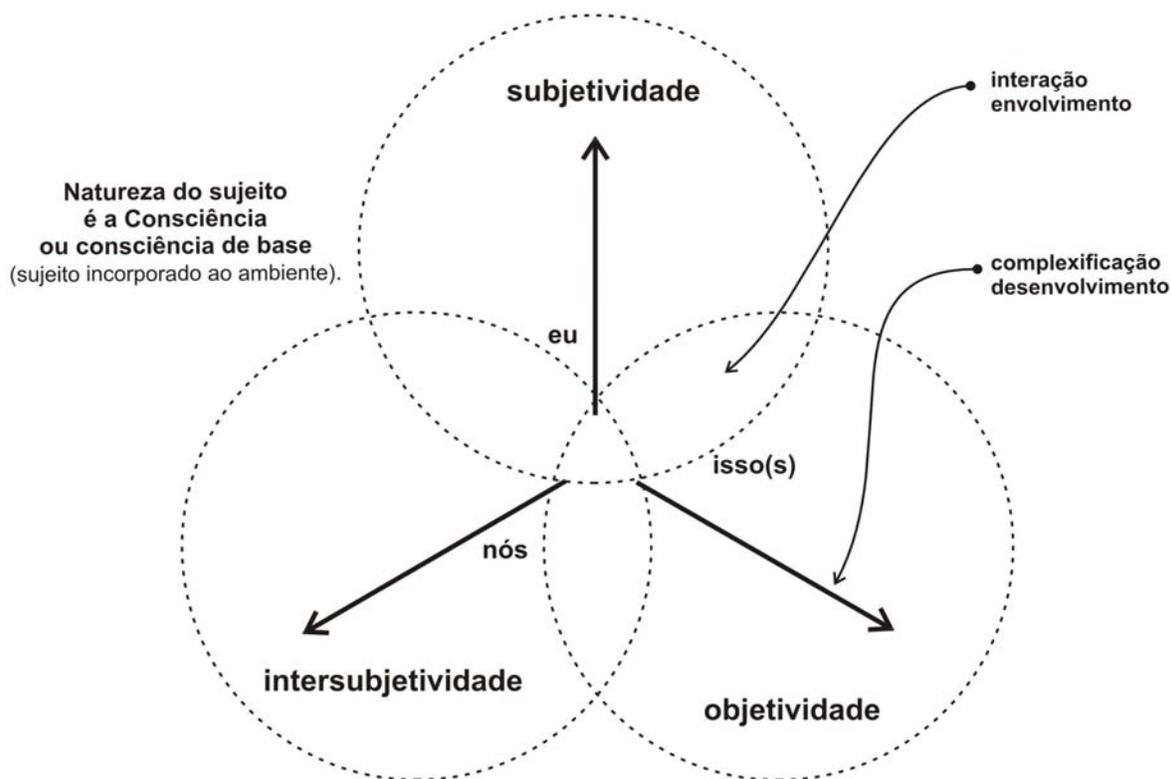
1.4.2 Pressuposto de Verificabilidade de Hosistesia

A visão integral proposta considera a consciência em três domínios¹⁷, ou três esferas, subjetividade, intersubjetividade e objetividade. O interesse da matriz integral é observar por meio e sobretudo através dos domínios ou esferas até sua fonte, que é fonte das esferas, o que aqui se entende por consciência. Segundo Wilber (2001c), estes três domínios funcionam não só como categorias de análise teórica, em função das ênfases e disciplinas vinculadas a cada domínio, mas também como pressupostos de observação do sujeito, que pode avaliar-se a partir

¹⁷ Para o item verificabilidade, a referência adotada de três domínios também pode ser apresentada na versão quatro quadrantes (WILBER, 2000a, 2001a).

da consciência em termos de desenvolvimento ao averiguar cada domínio, ver FIGURA 4.

FIGURA 4
DINÂMICA INTEGRAL
Três Domínios e (ou) Três Categorias de Análise



FONTE: Adaptado por Adam (2004); de Wilber (2000a, 2001c)

Portanto, a consciência não é só assimilada como subjetividade, mas processo de reflexividade, interatividade, desenvolvimento e complexificação, entre subjetividade, objetividade e intersubjetividade, ainda que além de domínios e definições.

Observando a FIGURA 4, a consciência pode ser compreendida como o fundo branco da folha de papel, que cria os domínios subjetividade, objetividade e

intersubjetividade, isto é, não exclui a idéia de consciência associada somente à subjetividade, mas a inclui em um processo de inter-ser e co-dependência (VARELA et al., 2003). Entretanto, acrescenta-se que além da tri-interação há tri-desenvolvimento, isto é, a consciência não se encontra somente na interação entre estas categorias subjetividade, objetividade e intersubjetividade, mas engendra complexificação e desenvolvimento, ou seja, não é só a interação e envolvimento, mas também fluxo, desenvolvimento.

Os domínios tri-interagem exatamente porque um domínio não pode ser reduzido ao outro. A tri-interação supera reducionismos, por exemplo, os que reduzem a consciência somente a mecanismos cerebrais, ondas e padrões neuronais, negando a validade da experiência subjetiva, que os mecanismos de aferição e pesquisa cerebral não são capazes de traduzir, desenvolver e informar; existem também atitudes reducionistas que associam unicamente consciência a paradigmas exclusivamente psicológicos, computadores, comportamentos humanos aos de animais, nem mesmo podem os mecanismos químicos e cerebrais de pesquisa da consciência negar a validade dos saberes intersubjetivos, que permitem averiguar e validar por meio do diálogo experiências subjetivas. A abordagem integral, ao observar as três esferas ou domínios, configura elementos de leitura dos saberes contemplando a complexidade de forma inteligível e as três esferas operam como diretrizes orientadoras conferindo inteligibilidade à complexidade (WILBER, 2000a; 2000b).

Com a observação dos domínios, a abordagem integral faculta ao conhecimento desenvolver-se de forma equilibrada, segundo as três esferas, subjetividade, intersubjetividade e objetividade, sem priorizar um domínio em especial.

O que ocorre com o conhecimento em geral, inclusive o conhecimento ambiental convencional, é que o ambiente fica reduzido à esfera objetiva, enquanto as outras esferas são menosprezadas, menos enfatizadas e mesmo excluídas do estudo ambiental.

A matriz integradora possibilita observar o quanto reducionismos e estratégias ambientais encontram correspondência em os domínios. O escopo da

interdisciplinaridade e da matriz integradora é observar o ambiente sem reducionismos, por meio de categorias de análise, ou princípios de inteligibilidade e leitura, que evitem os reducionismos e achatamentos do conhecimento disciplinar tradicional, observando a complexidade dos saberes sem alienar a consciência de base.

Entende-se que a consciência cria e se desenvolve em correlações: a) objetivas, observadas empiricamente em estruturas físicas, equipamentos e instituições, técnicas e economias, estilos de arquitetura, estruturas sociais, geopolíticas etc., a esfera objetiva é tratada na linguagem do isto, da terceira pessoa, são as ciências objetivas; b) subjetivas, observadas nas dimensões interiores, o domínio subjetivo investiga a forma com que os indivíduos manifestam a consciência na linguagem do eu, tal qual, psicanálise, psicologia, contemplação, sagrado etc.; e c) intersubjetivas, verificadas na linguagem do nós, o interior coletivo, investigados em hermenêutica, justiça, cultura, interpretação, dialética, valores e crenças, visões de mundo e paradigmas, expressos na linguagem do nós. Essas categorias de análise e verificação também representam domínios de desenvolvimento e observação da matriz e têm alguns de seus conteúdos listados a seguir (WILBER, 2001a, 2001c).¹⁸

- a) **Subjetividade** - Eu, sagrado, consciência introspectiva, significado, psíquico, belo, *self*, auto-expressão, arte, estética, veracidade, sinceridade, “sentir”, “teosfera”, psicologia do desenvolvimento convencional e contemplativa;

- b) **Intersubjetividade** - Nós, ética, moral, cultura, linguagem, sociedade, bom, cosmovisões ou paradigmas sociais, cultura, significado intersubjetivo, diálogo, justiça, interioridade coletiva da consciência humana, “pensar”, sociosfera, psicologia cultural e antropologia;

¹⁸ A idéia dos três domínios subjetividade, objetividade e intersubjetividade para composição de matriz integradora, como instrumento para desenvolvimento de sujeitos que sejam sintetizadores e integradores dos saberes, com capacidade de macrovisão, também se encontra em Gardner (1999) e Wilson (1999).

- c) **Objetividade** - Isso, ciência e tecnologia, materialidade, físico, verdadeiro, natureza objetiva, formas empíricas, “querer”, bio e fisiosfera, cérebro, fisiologia e sistemas sociais, visão sistêmica, verdade proposicional consciência humana, como estudado pela neurologia, biologia, sociologia.

Essas três esferas, de acordo com Wilber (2001c), foram separadas na modernidade. Com esse afastamento, surgem a especialização do conhecimento e também a fragmentação do ser, podendo daí ser elencados aspectos positivos e negativos:

- a) **positivos** - surgem diferenciação e estudos específicos, da arte, da moral e da ciência; *self*, cultura e natureza, antes da modernidade estes domínios eram confundidos, porque não eram diferenciados com clareza, em sendo diferenciados na modernidade se expandiram; democracia, movimentos de libertação, verdade científica, moral e ética não mais subservientes ao Estado e à Igreja;
- b) **negativos** - dissociação das três esferas, a modernidade aprendeu a diferenciar, mas ainda não aprendeu a valorar para integrar, é necessário reestruturar o sujeito, sem o que não se percebem as esferas, e só assim se pode diferenciar e integrar o que se conhece; sem a diferenciação preserva-se a indissociação mítica, a sobrecarga da ciência à consciência e moral, pois o que não é descrito empiricamente não é real, a transcendência é negada, gerando crises e patologias; os três grandes domínios reduzidos a uma grande objetividade, a interpretação do mundo uniforme e predeterminada, o infinito, o desconhecido, a criatividade e toda potencialidade da consciência negados, ambiente e natureza passam a ser um Isto, mapeado e estudado quantitativamente, sem qualidade, sem significado e profundidade; o desencanto.

Em *suma*, como os domínios são irreduzíveis entre si, a interação-integração entre eles auxilia a estudar a consciência e, como conseqüência desta, o ambiente, nos termos: a) de cada esfera, sem os usuais reducionismos; b) do observar consciente, simultâneo e interativo entre as esferas pelo sujeito, o que faculta transformações perceptivas (GUATARI, 1992).

Retornando ao sujeito e à questão ética, nota-se que estas categorias de análise também permitem verificar as conseqüências das ações do sujeito em cada domínio, conforme observado na QUADRO 1 - ver termos ação e fruto.

A matriz integral não inclui somente a interação, mas também, a partir da verificação das esferas, o desenvolvimento diante destas, para que se processe de forma equilibrada, segundo subjetividade, intersubjetividade e objetividade, antes que hipervalorizando um domínio em especial.

Diálogos e intercâmbios tornam-se fundamentais para que os sujeitos possam avaliar o desenvolvimento. Uma exemplificação que permite ao sujeito avaliar a estesia preconizada, conforme os padrões de averiguação, é: a) seguir a injunção prática proposta, conforme as instruções, enfim se o sujeito quer conhecer precisa observar; b) coletar e produzir dados e referências desta observação, apreendendo-os, e c) averiguar junto a uma comunidade de investigadores, comparando as observações e descobertas, confirmando, analisando e refutando dados (WILBER, 2000a, 2001c).

De acordo com Varela et al. (1999), este gesto de observação com atenção e consciência aproxima-se dos procedimentos de psicoterapia, que permitem ao paciente conscientizar-se, ao mesmo tempo em que desenvolve a capacidade de observar-se enquanto conteúdos afloram em sua mente; esses autores usam um exemplo e fazem analogia com a prática do terapeuta, que oferece atenção e vigilância recebendo abertamente os conteúdos que o paciente revela e traz à luz; significados são permutados entre terapeuta e paciente; anotam-se conteúdos verbais, epi-verbais (o que é dito a estrutura lingüística usada, as categorias de descrição do mundo nas escolhas semânticas do paciente), para-verbais (variação de entonação), e não-verbais (mudanças de postura, gestos, respiração,

pequenos movimentos, ritmo, amplitude etc.); este procedimento só é possível com observação atenta.

Ao observar suas atitudes a partir da consciência, o sujeito potencia a passagem do auto-interesse para o auto-interesse conjugado ao interesse comum e sustentador do interesse do todo, visto que é orientado a observar a si mesmo enquanto percebe o outro, o mundo, com equanimidade e imparcialidade, com base na consciência.

A matriz permite desenvolvimento conjunto e equilibrado, combinando pela via da consciência sentimento e conhecimento, exatamente porque para a matriz integradora o ambiente é percepção, conseqüentemente não é inerte e estanque, mas conjunto de estesias. Acompanha-se a visão wilberiana, para a qual mesmo a matéria é percebimento e estesia, o que se nota na atração formadora dos átomos e células, na condição partícula-onda, nos tropismos e mecanismos moderadores dos vegetais, na estrutura complexificada do sistema nervoso dos animais etc.; ou seja, o ambiente tanto é estesia, que cria condições crescentes de estesia e percepção, evidente nas relações de interdependência com diversos aspectos, como, sons, odores, luz, sombra, sol, ventos, poluição, vegetação, emoções, sensações, sentimentos, memórias, cultura etc., que atuam ambientalmente de maneira reflexiva ampliando movimentos e liberdade entre consciência, sociedade e natureza.

Hosiestesia, ao abordar a complexidade e polissemia ambiental incluindo a consciência em suas expressões físicas, psíquicas, mentais, biológicas, socioculturais, insere-se no projeto interdisciplinar, transdisciplinar e diálogo de saberes, pois segue diretrizes orientadoras que permitem verificabilidade, inteligibilidade e conhecimento inclusor de saberes e práticas ambientais extra-científicas sem os reducionismos objetificantes do conhecimento tradicional hiperespecializado (WILBER, 2000a; LEFF, 2001; LEFF, 2003).

A matriz faculta não só o traçado de mapeamentos ambientais mais abrangentes, mas também o desenvolvimento de cartógrafos integrais, e estes são os dois temas centrais da problemática ambiental, mapeamentos e sujeitos,

mais éticos e integrais (GARDNER, 1999; WILSON, 1999; WILBER, 2001 e VARELA et al., 1999).

Quando se busca a inerência dos fenômenos, nada se encontra, mas sim sente-se somente uma estesia proveniente da abertura. Hosistesia permite ao ser humano conhecer e tornar-se uno com a própria experiência. Mesmo a idéia de um fluxo pode não ser ideal, pois o que se objetiva é perpassar toda e qualquer idéia. O que se objetiva é usufruir a consciência básica no momento a momento, esse usufruto '*Hosistesia*'. Vale sublinhar que, de acordo com essa noção de transcende-inclui (pós-metafísica e não-fundacionista) da matriz, não se deve confundir os domínios, que são orientadores, com o **enraizamento e usufruto da consciência não-dual de base** (esse último o princípio fundante de Hosistesia). Pois a consciência cria os domínios, portanto pode ser observada por meio, mas também e principalmente através dos domínios. Observar por meio é importante, mas o fundante é observar e perceber através dos domínios sem deter-se neles.

1.4.3 Representações e Significados

O depoimento a seguir auxilia a compreender, a condição de justiça e liberdade em meio aos sistemas de cultura (aqui compreendida como representação) de que falam os autores da consciência. Cita-se o holocausto:

Sereny – Quantos prisioneiros chegavam em cada comboio?

Stangl – Em geral cinco mil. Às vezes, mais.

Sereny – Nunca falou com alguma das pessoas que chegavam?

Stangl – Se falei? Não. Geralmente, eu trabalhava no meu escritório até as onze horas – havia muito trabalho administrativo a despachar. Depois eu fazia outra inspeção partindo do *Tontenlager*. Àquela hora, ali já estavam bastante adiantados com o trabalho – (queria dizer que àquela hora, as cinco ou seis mil pessoas que haviam chegado pela manhã já estavam mortas: o trabalho era a acomodação dos corpos, que exigia quase todo o dia e que freqüentemente continuava durante a noite) – àquela hora da manhã, tudo estava quase terminado no campo de baixo. Normalmente um comboio nos mantinha ocupados por duas ou três horas. Ao meio dia, eu almoçava. Depois, outra inspeção e mais trabalho no escritório. O trabalho de matar com gás e queimar cinco mil seres humanos, e em

alguns campos de cinco a vinte mil pessoas em vinte e quatro horas, exigia o máximo de eficiência. Nenhum gesto inútil, nenhum atrito, nada de complicações, nada de acúmulo. Chegavam e no prazo de duas horas já estavam mortos.

Sereny – Mas o senhor não podia mudar nada disso tudo? Na sua posição, o senhor não podia impedir que as pessoas fossem despidas, açoitadas, submetidas aos horrores daqueles recintos desumanos?

Stangl – Não, não, não! Aquele era o sistema. Wirth o havia criado. Funcionava. E se funcionava, era irreversível (GALIMBERTI, 2003, p. 377).

O diálogo demonstra a carência de liberdade do sujeito diante de suas fixações mentais e perceptivas, a falta de consciência no interser, a ausência e o vazio do indivíduo perante a situação, que se achata e anula em obediência cega a ordens, sem questionamentos, sem reflexão. Obedecer à ‘máquina’ e aos condicionamentos, sem saber para onde se vai, significa não observar os processos de miserabilidade e alienação da consciência (ARENDRT, 2001; MORIN, 1984).

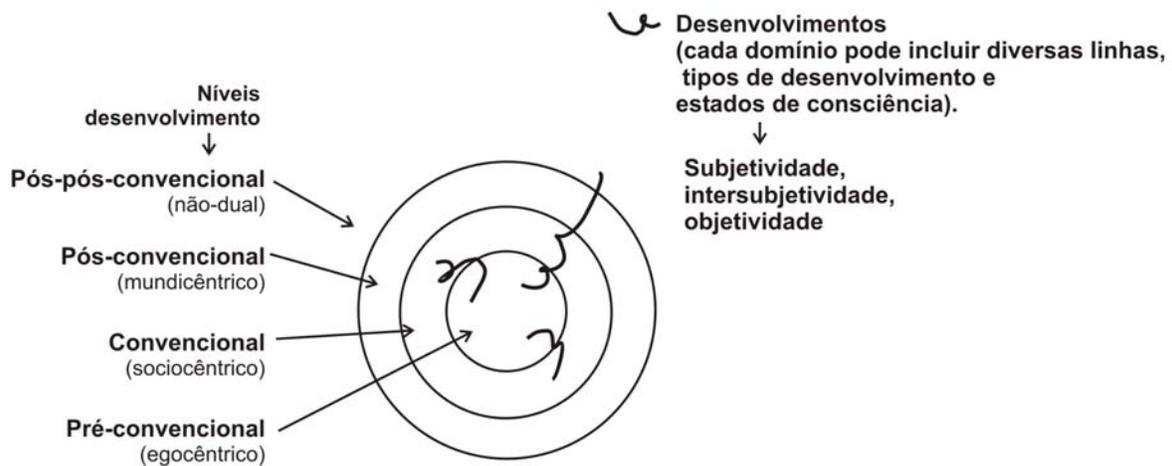
Falácias

Um das formas de observar a lacuna entre a linguagem (neste estudo entendida como representação, cultura etc.) e significado (aqui compreendida como real acesso ou fusionamento à consciência) é a falácia pré/trans.

Nesse âmbito de análise, a complexificação é importante, precisa ser respeitada, pois uma matriz que inclua somente domínios, sem desenvolvimento ou complexificação, não inclui verticalidade e consciência – complexidade significa aqui maior transparência à própria consciência. Sem verticalidade ou complexidade anulam-se consciência e desenvolvimento, e a simples soma dos domínios, gera matrizes integrais e culturas integrais que impedem a verdadeira visão integral, que é essencialmente não-dual. Seguindo-se Wilber, elaborou-se a seguinte orientação geral, conforme FIGURA 5.

FIGURA 5

CORRELAÇÕES - CONSCIÊNCIA



Obs - o sujeito:
em os níveis mais baixos pré e convencional apresenta dificuldades de partilha e significado,
em os níveis mais altos pós e pós-pós apresenta mais capacidade de partilha e significação da consciência.

FONTE: Adaptado por Adam (2004), de Wilber (2000a, 2000b)

Um caso clássico de estudo, que exemplifica a falácia pré/trans, são os protestos estudantis em Berkeley, no final dos anos 60 contra a Guerra do Vietnã. Os estudantes afirmavam que eram movidos por elevados princípios de moral, entretanto nos testes de desenvolvimento moral a grande maioria alcançou um nível pré-convencional e não pós-convencional. Os conceitos “lute contra o sistema” e “questione a autoridade” podem originar-se tanto no estágio pré-convencional quanto no pós-convencional; as pesquisas indicam que a primeira alternativa é mais freqüente do que a segunda. Outro fator representativo desses estudos é que tudo que é pré ou pós é também anti. Isso quer dizer que o simples apoio a uma causa, por exemplo a ambiental, não é suficiente para determinar a real motivação que leva o sujeito a apoiá-la. Tudo indica que nesse caso os testes mostraram que ideais de padrão moral elevados foram usados para justificar o que em verdade, eram impulsos de ordem inferior, nesta estranha mas aparente semelhança entre estágios de desenvolvimento “pré” e “pós”. Esse fato é crucial,

pois demonstra que não importa o quanto uma causa possa ser altruísta, elevada ou idealista – da ecologia à paz –; o simples apoio à causa não é suficiente para demonstrar o motivo que leva uma pessoa a apoiá-la. O fato de se reivindicar paz, harmonia e compaixão não é necessariamente indicação de que se está caminhando em uma direção pós-pós-convencional e de partilha não-egocêntrica. Isto é, ideais pós-convencionais podem ser cultivados por motivação pré-convencional (WILBER, 2000a).

Para analisar esses ‘efeitos impremeditados’ da interface significado-linguagem, nas relações de representação e cultura, verifica-se o objeto sendo observado pelos diferentes matizes perceptivos. Floriani cita Toynbee:

‘Faz alguns anos, um estudo mundial sobre como era vista a série *Dallas*, em diferentes culturas, descobriu-se que as pessoas percebiam coisas extraordinariamente diferentes e definiam os argumentos e os personagens como bons e ruins, como se estivessem assistindo a outra coisa. As lentes com as quais se olha ajudam a proteger-se contra o excesso de homogeneização cultural’ (2004, p.41).

A análise da reciprocidade nas relações ambientais, sejam estas relações locais ou globais, permitem notar que certas trocas não são trocas, mas mecanismos de imposição cultural, forjados com intenções que não se apresentam nos discursos. São mensagens ocultadas sob os diferentes significados construídos em grupo, mas também individualmente, camadas e camadas de significados a orientar as relações ambientais, que, embora sejam conjuntas, nem sempre são assumidas em termos de responsabilidades e conhecimento inseparável e conjunto, pelo fato de os indivíduos estarem presos e condicionados por construções ou representações políticas, geográficas, religiosas e culturais.

Importa notar nessas relações de linguagens, representações e significados que Hosistesia é também para o sujeito um método de auto-liberação, pois conceitos e estratégias nascem autolibertados, visto que há a presença não fundada e pós-metafísica da consciência na amplexidade ambiental.

CAPÍTULO 2

DIMENSÕES DA FAMÍLIA E DA POBREZA

2.1 FAMÍLIA

A abordagem teórica da família fornece dados para análise do estudo de caso, exatamente porque a instituição investigada tem como foco de trabalho tanto o sujeito quanto o fortalecimento do grupo familiar, como interface entre o indivíduo e a inserção no círculo socioambiental.

As famílias apresentam arranjos complexos e diversificados, embora os estudos apontem para elas como segmento alvo para bem-estar social e qualidade de vida, observando que esta pode contribuir de forma efetiva para o avanço qualitativo no desenvolvimento humano e comunitário. Assim sendo, a problemática familiar assume dimensões públicas, visto que é cumpridora de papéis e responsabilidades com impactos no conjunto da sociedade.

Portanto, o grupo familiar não constitui simples somatório de comportamentos, anseios e demandas individuais, mas processo relacional entre sociedade e trajetórias de vida dos integrantes familiares. A família é marcada por tipos de relação, por exemplo, mãe e filho, homem e mulher, entre irmãos, indivíduo comunidade, e mesmo meio para: valores, conhecimento, emancipação, respeito, autoridade, compreender, perdão e justiça, libertação, sacrifício, altruísmo, responsabilidade, sexualidade, tanatismo, vida etc. (CANEVACCI et al., 1985; ARENDT, 2001).

Adorno e Horkheimer (1985, p.211-212) afirmam que não há emancipação na família sem emancipação da totalidade social, que, nesta relação, indivíduo e família podem entre si produzir ou não alienação, de sorte que:

a família se torna a terrível matriz dos mecanismos de internalização da submissão, a mais funcional das agências psicológicas da sociedade. Mas, ao mesmo tempo, retomando a imagem de Antígona [...] a família pode se tornar o irredutível local de oposição à tirania dos Estados totalitários. A tensão voltada para a emancipação do gênero humano, que orienta toda a pesquisa, conserva-se até hoje graças e precisamente ao fato de se ter indicado na mulher o momento não utilitário e, portanto, o sujeito 'negativo', capaz de libertar a inteira estrutura familiar de sua função repressiva e de realizar o princípio do amor tão constantemente buscado e evocado.

Com respeito à família, Arendt afirma que, enquanto a *polis* conhece iguais, a família conhece desiguais, e a vida no lar existe em função das condições de vida na *polis*: “Historicamente, é muito provável que o surgimento da cidade-estado e da esfera pública tenha ocorrido às custas da esfera privada da família e do lar” (2001, p.38). Cabe argüir sobre significados e discursos da família à esfera pública e vice-versa.

Para Habermas (1985), a valorização da família implica uma ordem de interesse psicológico, que vai além da funcionalidade cotidiana e da simples mediação público-privado.

Considerando as categorias estabelecidas na matriz, vale parafrasear Nietzsche (1994), para quem o matrimônio é vontade, criar em dois algo maior que dois. Mas as pessoas assim concebem o matrimônio? Que é o ser humano ao qual é concedido o poder de desejar um filho? Um virtuoso? Expressão de desejos? De apartar-se de si mesmo? Solidão? Estão os pais livres? Aprenderam a amar e a criar? Que sejam conquista de liberdade, monumentos vivos de corpo e alma.

Uma perspectiva da dimensão familiar, em que a idéia de interser e de todo-parte estão presentes, encontra-se em Gibran (2002, p.28-29), que incorpora o sentido reflexivo da responsabilidade do sujeito como mediador, mas também ao que recebe e transmite como herança, exortando a consciência como patrimônio e gênese de relações:

Vossos filhos não são vossos filhos.
São os filhos e as filhas do desejo da Vida por si mesma.
Eles vêm através de vós, mas não de vós,
E embora estejam contigo, a ti não pertencem.

Podeis dar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,
 Porque que eles têm seus próprios pensamentos.
 Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas,
 Pois suas almas vivem na casa do amanhã, a qual vós não podeis visitar,
 nem mesmo em vossos sonhos.
 Podeis esforçar-vos em ser como eles, mas não tentai fazê-los como vós.
 Pois a vida não volta para trás, nem permanece no dia de ontem.
 Sois os arcos dos quais seus filhos, como flechas vivas, são arremessados.
 O arqueiro vê o alvo no caminho do infinito, e Ele vos dobra com o Seu poder para que
 suas flechas possam ir longe e velozes.
 Deixai que o arqueiro vos curve com alegria;
 pois assim como ele ama a flecha que voa, Ele também ama o arco que é estável.

Nietzsche e Gibran exaltam a presença-ausência da consciência em sociedade que constantemente não se percebe integrada, participante de um ambiente que, nos dizeres leffianos e wilberianos, se estende ao infinito. O que constrói sociedades enfraquecidas nas relações com o mundo.

Damergian (2001), pelo viés da psicologia ambiental, analisa as relações da família brasileira a partir do pressuposto da família como interação pai, mãe e filho, e afirma **não ser possível renovar a construção do indivíduo nas cidades, sem passar pela revalorização da família**, da figura da mãe e de seu amor. Para a autora, a mãe é figura fundamental no desenvolvimento humano oferecendo condições indispensáveis à restauração da subjetividade, para que esta não seja marcada por indiferença e egoísmo, assim sustentando círculo vicioso mortífero.

Antígona, caracterizada na mitologia como exemplo de amor fraternal, revolucionária pela sua capacidade de amar, reflete o potencial humano na ruptura das lógicas e reproduções de padrões sociais. Ela não se afasta dos seus, mas pela via da consciência, fortalece e resgata relações, retomando a família como universo vital de leis não escritas, o perdão como ruptura, observando não só os direitos e deveres da *polis*, mas a consciência para alterar padrões sociais (BULFINCH, 1999; MALDONATO, 2001; FREITAG, 1992).

No caso brasileiro, Costa (2000) afirma ser a família campo de confluência de diversas problemáticas, criança, adolescente, jovem, mulher, homem, idoso, desencontro entre gerações, (des)continuidade da identidade, (des)construção de

valores, estabilidade do casal, aborto, divórcio e ruptura da noção de lar ou ninho etc. De acordo com o autor, o assunto da família tem sido relegado a plano secundário nas questões sociais do País, visto que, conforme a definição constitucional, a família demarca igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres na sociedade conjugal, assegura o planejamento familiar como decisão do casal e prevê mecanismos para coibir a violência na família. O autor identifica quatro principais grupos de entidades de apoio familiar: a) **de ordem sócio-religiosa, voltadas à promoção de valores e formação para a vida, incluindo os beneficiários em uma rede de apoio humanitário por vezes mais importante que a de apoio material**; b) associações de profissionais médicos, psicólogos, assistentes sociais, no campo da terapia e estudo da família; c) organizações em favor da educação dos filhos; d) organizações de natureza produtiva, como centros de apoio a pequenos empreendimentos familiares.¹⁹

De acordo com Carvalho (2000), a família ainda é ilustre desconhecida na política social brasileira, de modo que **as famílias têm avaliações curtas e condenações breves; são atendidas em muitas instituições com frieza, desânimo e sem força de utopia**. Para resgatar a família, a autora sugere programas de geração e complementação de renda e criação de uma rede de apoio psicossocial e cultural, e evoca o que conceitua por “solidariedade missionária”, na qual as instituições religiosas e seus programas de suporte espiritual, emocional, afetivo e material funcionam como escolas para aprender a viver na cidade e canal de conquista de serviços públicos. Essas instituições presentes no cotidiano das famílias são as que têm maior credibilidade junto a essa população e sua demanda por justiça, são, ainda que pareça contraditório, o amortecedor da revolta e indignação com a injustiça, por isso tais obras sociais eventualmente criam certa cumplicidade com a pobreza reproduzindo o “*apartheid*” social vigente. Contudo, ressalta a autora, mais do que partidos políticos ou agentes públicos, essas instituições formam a base para um salto organizativo da população, expresso em movimentos de luta por moradia, saúde, saneamento, transporte etc.

¹⁹ A instituição pesquisada correspondente ao item “a”.

A família como forma específica de agregação tem uma dinâmica afetada por processos de diversas ordens, tais quais: políticas públicas, atentados aos direitos humanos, exploração e abuso, dificuldades socioeconômicas e culturais ao desenvolvimento de seus membros, e a distribuição de renda no país.

As famílias empobrecidas apresentam características como solidariedade conterrânea e parental na qual a convivência da família nuclear é subsumida pela família ampla, formada por agregados de parentes e conterrâneos, condição básica para sobrevivência dos que vivem em situação de pobreza e discriminação, condição expressa nos pequenos empréstimos cotidianos para pagar contas, até tomar conta de crianças em situações de emergência. As famílias de baixa renda nas grandes cidades brasileiras assimilam valores e padrões de reprodução social, tais quais a mulher como força de trabalho, diferenciação entre chefe e provedor; vínculos com classes média e alta que asseguram um canal de doação de roupas, remédios, eletrodomésticos, usufruto de bens de segunda mão, estes fundamentais na composição do consumo das famílias em situação de pobreza, o que explica a cultura do apadrinhamento perpetuada no cenário brasileiro (CARVALHO, 2000).

Famílias em situação de miséria, que vivem em ocupações ou em áreas ilegais, em geral se submetem a condições que podem esgarçar os vínculos familiares, como: falta de privacidade, igualdade homogeneizada da miséria – pois todos vivem sob o mesmo signo –, discriminação, salários baixos, exclusão, ausência de trocas culturais, falta de acesso a lazer, saúde, cultura, vulnerabilidade social e juvenil, enfim, um conjunto de fatores que dificultam à família romper com a identidade e os estigmas da miserabilidade.

Kaloustian (2000), observando os dados censitários dos anos 1990, percebe que: a) apontam para um aumento das famílias monoparentais; em especial aquelas em que a mulher assume a chefia domiciliar; b) a situação domiciliar conjuga-se à degradação ambiental, acesso aos serviços básicos e aos métodos de planejamento familiar – estes últimos, problemas que afetam diretamente as famílias em situação de miséria e vulnerabilidade.

As transformações ocorridas no núcleo familiar brasileiro entre os anos de 1981 e 1990, como as famílias formadas por mulher sem cônjuge morando com filhos, podem estar associadas à crescente participação feminina no mercado de trabalho, à transformação dos valores tradicionais do casamento e ao papel social do homem e da mulher. Nesse mesmo período, há um crescimento significativo dos divórcios no País. Os dados mostram que os jovens passam a adotar um modelo próximo ao das sociedades desenvolvidas, nas quais o casamento tardio e o morar só são considerados opções válidas de vida. Considerando a relação entre famílias e regiões metropolitanas, nota-se que a proporção de casal com filhos é menor que a média no conjunto do País, indicando que formas alternativas de vida familiar encontram-se vinculadas ao processo de urbanização. No final da década, duas formas de família são mais comuns, as de casal com filhos e as de mãe com filhos; nesse período, o número médio de pessoas por família caiu de 4,5 para 4,1; 4,5 pessoas na área rural e 3,9 na área urbana. No final da década de 1990, as famílias abaixo de linha de pobreza, vivendo com rendimento *per capita* de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo no meio urbano, compunham 17,5% do total de famílias do País (RIBEIRO, SABÓIA, BRANCO e BREGMAN, 2000).²⁰

2.2 POBREZA

Desde 1948, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que propôs um conjunto de valores universais, a miséria começou a ser percebida como uma violação a esses direitos, por desrespeitar e não satisfazer as necessidades básicas dos indivíduos em seus direitos sociais e econômicos fundamentais.

Em termos gerais, nos estudos sobre pobreza a referência é a renda; entretanto, adotando-se a pobreza sob o prisma ambiental, evidencia-se que o

²⁰ Entre os anos 1984 e 1990, o número de separações e divórcios no País inteiro passa de 70,4 mil para 148,7 mil.

fenômeno da miséria está relacionado a inúmeros fatores, renda, saúde, educação, localização geográfica, acesso a bens, origem étnica e circunstâncias familiares, consumo, falta de serviços básicos, insegurança, isolamento físico ou social, vulnerabilidade, liberdade, participação política, e neste sentido é claramente difícil medir a pobreza de maneira a capturar sua ordem multidimensional com grandezas nem sempre mensuráveis, embora em geral seja observada como a não satisfação das necessidades básicas dos indivíduos, desrespeito a direitos econômicos e sociais fundamentais, que constituem obstáculos à realização de direitos políticos e civis.²¹⁻²²

A Conferência do Milênio promovida pela ONU em 2000 estabeleceu os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM): 1) a **erradicação da pobreza** e da fome; 2) a universalização do acesso à educação primária; 3) a promoção da igualdade entre os gêneros; 4) a redução da mortalidade infantil; 5) a melhoria da saúde materna; 6) o combate à AIDS, malária e outras doenças; 7) a promoção da sustentabilidade ambiental; 8) o desenvolvimento de parcerias para o desenvolvimento.

Quanto ao cumprimento desses objetivos, o RDH-2003 apresenta a seguinte perspectiva:

Desde 1990, a Ásia Oriental e o Pacífico, liderados pela China, quase reduziram para metade a privação de rendimento extrema – e também estão a fazer progressos significativos quanto aos outros Objetivos. No que respeita aos Países Árabes e à América Latina e Caribe, alcançar os Objetivos até 2015 será um desafio, mas é possível. Mas em relação a outras regiões em desenvolvimento, atingir os Objetivos continua a ser um enorme desafio. A menos que as coisas melhorem, a África Subsariana levará até 2129 para alcançar a educação primária universal, até 2147 para reduzir para metade a pobreza extrema e até 2165 para reduzir em dois terços a mortalidade de crianças. (p.33-34)

²¹ Embora o texto articule de modo intercalado o uso de ambos os termos, 'miséria' e 'pobreza', a distinção que se faz segue o estabelecido para o estudo de caso em que miséria é situação de maior carência do que pobreza. A tese propõe que o egoísmo e o orgulho são as grandes fontes da miserabilidade. Para tal, usa o termo 'miséria da consciência'.

²² O Relatório de Desenvolvimento Humano-2001, com dados de 162 países, sobre pobreza, registra 1,2 bilhão de pessoas vivendo com renda inferior a US\$ 1/dia e 2,8 bilhões com renda inferior a US\$ 2/dia (RDH, 2001).

Analisando-se as referências mundiais, nota-se um conjunto de temas envolvendo a dignidade humana, que ainda continua a assolar o planeta, e por sua vez expressa a multiplicidade de aspectos com os quais a miséria está associada. Ribeiro afirma que a pobreza ocorre quando, em “dada localidade geográfica no interior de um país, a maior parte da população tem baixa expectativa de vida, baixa escolaridade e rendimentos mensais insuficientes para manter-se”; e isso impede o ser humano de expressar-se livremente pela escassez de recursos materiais que permitam a reprodução saudável da vida (2003, p.405-406).

Santos (1979) divide as análises teóricas da pobreza em três grupos principais: 1) as que evitam o problema da pobreza; 2) as que abordam o problema da pobreza parcialmente; 3) as que procuram dar uma interpretação completa e integral da pobreza, portanto ao ser analisada, sob o prisma ambiental (ou integral); por conseguinte não só econômico, ecológico, social, ou humano isoladamente, percebe-se que pobreza é fenômeno complexo e múltiplo. Para o autor, pobreza existe em toda parte, mas sua definição é relativa ao âmbito de cada sociedade, isto quer dizer que a “medida da pobreza é dada antes de mais nada pelos objetivos que a sociedade determinou para si própria. É inútil procurar uma definição numérica para uma realidade cujas dimensões – agora e no futuro – serão definidas pela influência recíproca dos fatores” envolvidos nesta problemática (p.9-10).

Conjectura-se que se erradica pobreza por simples transferência de recursos, pois se pressupõe que somente a disponibilidade de recursos implica eqüitativa distribuição, o que nem sempre trata do problema associado da desigualdade, e esta aponta para as raízes da indiferença humana. Demo assevera que a

Pobreza não é situação linear de carências mal distribuídas, mas tensão não linear de oportunidades coibidas. Qualquer proposta de mensuração da pobreza parte de hipóteses prévias de como conceber esta condição, observar, indicar, formalizar, geralmente também inferindo causas e efeitos. Dependendo do paradigma científico, emergem pressões sobre procedimentos ‘oficiais’ que desde logo cercam o problema para adequá-lo à expectativa

de tratamento, escamoteando, normalização. Por isso, dizem os autores, “a visão de pobreza como violação dos direitos do homem é ainda embrionária” (2003, p. 289).

O fato de o pobre não se fazer sujeito de suas próprias oportunidades está diretamente ligado à descoberta de que pobreza é injustiça, assim o pobre segue especulando imaginariamente na condição de objeto, esvaziado e alienado de seu papel social e potencial individual, confiando que seus problemas são inerentes à sorte de uma identidade, que não sabe ter pulsão ou sequer que exista, e quanto à pobreza, se solução houver, parece que há de vir por outrem.

A sociedade moderna, por conta de sua visão de mundo, vive condições de insegurança e incerteza em diferentes esferas – econômica, ambiental, social, científica, tecnológica e cultural –, um amálgama desenvolvimentista que, via de regra, nem sempre associa o desenvolvimento à mitigação das causas ou condicionantes da desigualdade e das distorções implicadas nas construções socioambientais.

A miséria da consciência, fulcral nos termos desse estudo, não é um problema dado, mas construído, cultivado e mantido socialmente; é questão histórica humana; é uma das conseqüências da separabilidade, ou egoísmo, que são de natureza excludente.

Vale recuperar Santos (1979, p.66) e a história do senador romano Sêneca, que pensou em exigir que, “todos os escravos passassem a usar roupas iguais para distingui-los dos homens livres. Sua proposta não chegou a ser votada, pois o senado previu que tão logo percebessem que constituíam maioria, os escravos se revoltariam”.

Compreender a pobreza exige associá-la à desigualdade, que dá origem à pobreza, pois separar pobreza e desigualdade é banalizar ambas, embora esta seja causa daquela, separá-las é ignorar a história capitalista das periferias e o embate sociocultural e político de fundo, restringindo a complexidade vital a heranças de teor material.

Demo, associando pobreza e desigualdade, afirma:

Por isso, pobreza pode ser “definitivamente erradicada”, enquanto desigualdade apenas reduzida. Escamoteando o tumulto político que está por trás desta dinâmica histórica complexa, os autores contentam-se com formalizações técnicas, em si muito úteis e interessantes, mas absolutamente limitadas para dar conta da trama qualitativa subjacente. [...] Reconhecendo que pobreza “evidentemente” não pode ser definida de maneira única e universal, permaneciam na noção de que o fenômeno se refere a situações de carência em que os indivíduos não conseguem manter um padrão mínimo de vida condizente com as referências socialmente estabelecidas em cada contexto histórico (DEMO, 2003, p.205-210-212).

Os reducionismos teóricos e estatísticos aplicados à pobreza desconsideram o sujeito e a complexidade ambiental na qual o tema está envolvido. Associando pobreza à banalização da realidade material pelo paradigma vigente, os estudos apontam que os principais problemas a considerar em se tratando de pobreza são as “estratégias ocultas nos dados”, mantenedoras de injustiça e desigualdade social. Ações solidárias contra a fome e a miséria não alertam para o fato de que sejam emergenciais, imediatas e assistenciais e, portanto, não avançam em médio e longo prazo nas causas da miséria, consolidando, assim, uma relação perversa, mas não livre, de dependência entre grupos humanos.²³

Outro problema destacado em Bourdieu (1997), Demo (2003) e Santos (1979) é a pobreza das análises e pesquisas sobre pobreza; de acordo com este último, para evitar este hiato dos estudos sobre pobreza, “é preciso usar com cuidado a estrutura estatística, e ir além dela” (p.8). Concorda-se com os autores ressaltando que mesmo pesquisas que incorporam o conceito da vulnerabilidade podem incluir dificuldades na compreensão da complexidade humana referente aos aspectos simbólicos, psíquicos e culturais, exatamente porque podem seguir desconsiderando os reducionismos nos quais se envolvem conceitual e metodologicamente. Importa notar que mesmo as construções que os cientistas fazem dos sujeitos refletem seus próprios significados construídos e fixações

²³ Com respeito aos índices, sabe-se que não ponderam a diversidade cultural planetária, porque cada comunidade estabelece por meio de valores interiorizados em sua rede de relações sociais suas referências, destarte os indicadores não necessariamente devem seguir os preconizados pela sociedade capitalista, por conta da reprodução de referências e modelos.

mentais. A desigualdade e as causas da miséria continuam não sendo observadas, e muitos levantamentos empíricos captam a limitação metodológica, mas não a dimensão complexa da realidade. Aqui foram observadas minimamente três dimensões (subjetividade, intersubjetividade e objetividade), como categorias de análise para relacionar consciência, pobreza, ambiente, sociedade etc. – estas moderadas pelo princípio de unidade-consciência ou todo-parte do ambiente.

Segundo Bourdieu (1997), há uma grande e uma pequena miséria, e uma favorece a outra. A pequena miséria vem dos pontos de vista e especializações nas abordagens ligadas à miserabilidade; a grande miséria é o objeto miséria em toda sua complexidade, isto é, fala-se mais pelos dominados do que eles propriamente se expressam, e quando falam aos dominantes falam para a televisão e para certas pesquisas, com frases e solicitações prontas, e estas, longe de auxiliar, só fazem estigmatizar sujeitos. Para o autor, diante das pesquisas sobre o tema se está sempre entre o cinismo e a ingenuidade, visto que ao rigor e à disciplina científicos falta o essencial por parte do pesquisador, há carência de reflexividade reflexa em que a própria ciência avalie seu olhar, seus pressupostos e a violência de suas ações e omissões.²⁴

Spink (2000) recorre às pesquisas de Melo que, ao ouvir populações empobrecidas sobre o que é bem-estar e o que provocaria modificação significativa em suas vidas, observa nos resultados a complexidade de dimensões interagindo com armadilhas, “bem-estar é felicidade”, “harmonia”, “paz interior”, “serenidade”, discursos e significados oriundos da necessidade de segurança e proteção em termos de saúde, educação etc. Leff propõe que a

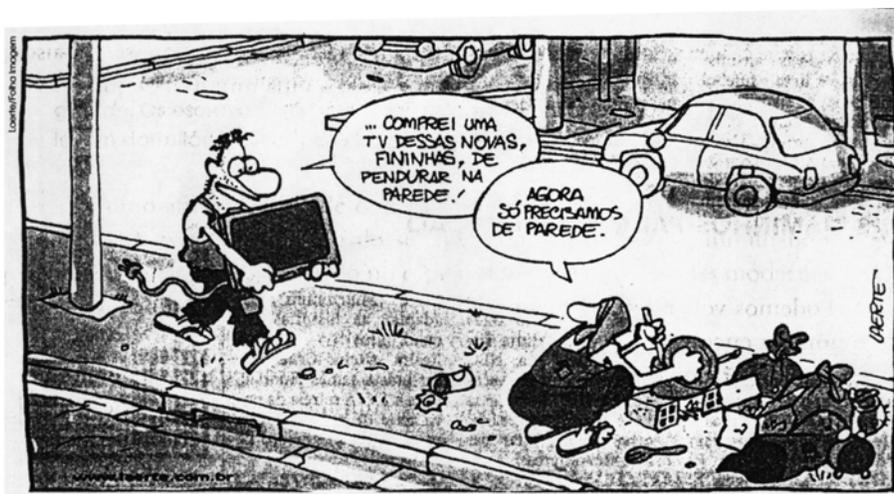
[complexidade ambiental questione] os comportamentos associados às práticas de consumo derivadas da sociedade pós-industrial e os interesses disciplinares que obstaculizam a produção de estudos integrados do processo de desenvolvimento; da mesma forma, problematiza as ideologias que orientam as demandas das classes trabalhadoras e dos movimentos populares para satisfazer suas necessidades básicas através do acesso ao mercado de trabalho e da redistribuição de renda (2001, p.100).

²⁴ Para Bourdieu (1997), analisar a miséria redimensiona o leitor, porque passa a avaliar suas próprias misérias consciência, indiferença, sociabilidade, desigualdade etc., das quais tanto é produto, quanto produz.

A crise global produzida por modelos reducionistas, dualistas e parciais, que não contemplam a multidimensionalidade ambiental e da consciência, permitem observar que o problema central da miséria não é integrar a população pobre em uma estrutura opressiva, para tornar-se parecida ao opressor, mas transformar esta estrutura, agindo nos aspectos causais, para que todos se desenvolvam segundo o exercício pleno de suas liberdades e faculdades.

Benévolo (1976) ao observar miséria e significados nas cidades retrata ser difícil não passar por clichês e clássicos que exaltam desde aspectos econômicos, técnicos e objetivos dos planejadores até os subjetivos exaltados pela literatura relacionados com estratégias e poéticas de sobrevivência urbana (FIGURA 6).

FIGURA 6
FAMÍLIA-POBREZA



FONTE: Laerte(s/d)

Segundo Demo, tão importante quanto a economia é a política no desenvolvimento humano, pois as populações querem ser livres para construir seus destinos, exprimir seus pontos de vista e participar das decisões que moldam suas vidas, e essas capacidades são de extrema relevância para o indivíduo. Entretanto, econômica, política e tecnologicamente, o planeta nunca pareceu mais livre e capaz de gerar riquezas e ao mesmo tempo desigual e injusto (QUADRO 2).

QUADRO 2 DESENVOLVIMENTO E FRAGMENTAÇÃO

Progresso Global	Fragmentação Global
Democracia e Participação	
<p>* Desde 1980, 81 países tomaram medidas significativas no sentido da democracia; 33 regimes militares foram substituídos por governos civis.</p> <p>* 149 dos cerca de 200 países do mundo realizam eleições multipartidárias.</p>	<p>* Das 81 novas democracias, só 47 são plenamente democráticas; muitas outras não parecem transitar para a democracia, ou regrediram ao autoritarismo. Militares foram substituídos por governos civis.</p> <p>* Apenas 82 países, com 57% da população do mundo, são inteiramente democráticos.</p>
<p>* 125 países, com 62% da população mundial, têm uma imprensa livre ou parcialmente livre.</p> <p>* Entre 1970 e 1996 o número de jornais dos países em desenvolvimento mais do que duplicou, passando de 29 para 60 exemplares por 1.000 habitantes, e o número de televisões aumentou 16 vezes.</p>	<p>* 61 países, com 36% da população mundial, ainda não têm uma imprensa livre.</p> <p>* Em 2001, 37 jornalistas morreram em trabalho, 118 foram presos e mais de 600 jornalistas morreram, ou organizações noticiosas, foram fisicamente atacados ou intimidados.</p>
<p>* Países que ratificaram as 6 principais convenções e acordos de direitos humanos aumentaram muito desde 1990; ratificações do Convênio Internacional sobre os Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (ICESCR) e do Convênio Internacional sobre os Direitos Civis e Políticos (ICCPR) cresceram de 90 para cerca de 150.</p>	<p>* 106 países ainda restringem importantes liberdades civis e políticas.</p> <p>* 38 países não ratificaram ou não assinaram o ICCPR, e 41 não ratificaram ou não assinaram o ICESCR.</p>
<p>* Em 10 países, mais de 30% dos parlamentares são mulheres.</p>	<p>* Em todo o mundo, apenas 14% dos parlamentares são mulheres - e em 10 países nenhum é mulher.</p>
	<p>* Na Organização Mundial do Comércio cada país tem um voto, mas a maioria das decisões fundamentais é tomada pelas maiores potências na "sala verde".</p> <p>* Os executivos que representam França, Japão, Alemanha, Federação Russa, Arábia Saudita, Reino Unido e Estados Unidos detêm 46% dos direitos de voto no Banco Mundial e 48% no Fundo Monetário Internacional.</p>
Justiça Econômica	
<p>* A percentagem da população mundial que vive na pobreza extrema caiu de 29%, em 1990, para 23%, em 1999.</p> <p>* Durante os anos 1990, a pobreza extrema foi reduzida em 50% na Ásia Oriental e Pacífico, e caiu 7 pontos percentuais na Ásia do Sul.</p> <p>* Espera-se que os mais de 500 milhões de usuários atuais da Internet aumentem para cerca de um bilhão até 2005.</p>	<p>* 5% das pessoas mais ricas do mundo têm rendimentos 114 vezes superiores aos dos 5% mais pobres.</p> <p>* Nos anos 1990, o número de pessoas em extrema pobreza na África Subsaariana cresceu de 242 milhões para 300 milhões.</p> <p>* 72% dos usuários da Internet vivem em países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento econômico com elevados rendimentos, com 14% da população mundial; 164 milhões residem nos EUA.</p>
Saúde e Educação	
<p>* Desde 1990, 800 milhões de pessoas tiveram acesso a melhor abastecimento de água, e 750 milhões a melhor saneamento básico.</p> <p>* 57 países (50% da população mundial) reduziram pela metade a fome, ou estão a fazer até 2015.</p>	<p>* Ao ritmo atual, levaria mais de 130 anos para o mundo se ver livre da fome.</p>
<p>* Entre 1970 e 2000, a taxa de mortalidade de menores de 5 anos caiu, em todo o mundo, de 96 para 56 por 1.000 nascidos vivos.</p>	<p>* Todos os dias, mais de 30.000 crianças, em todo o mundo, morrem de doenças evitáveis.</p>
<p>* Em todo o mundo, a escolarização primária aumentou de 80%, em 1990, para 84%, em 1998.</p>	<p>* 113 milhões de crianças em idade escolar não estão na escola - 97% delas de países em desenvolvimento.</p>

FONTE: Adaptado por Adam (2004), de Demo (2003)

Demo assevera que

Crescimento econômico, comércio e investimentos internacionais crescentes são todos muito importantes, contudo são meios e não fins. A contribuição que estes podem ter ao desenvolvimento humano no séc. XXI dependerá da capacidade/liberdade/responsabilidade das escolhas, para se criar um ambiente para os indivíduos desenvolverem todo o potencial e levarem uma vida produtiva e criativa. Fundamental para a ampliação das opções humanas é construir capacidades humanas: o conjunto de coisas que as pessoas podem fazer ou ser. As capacidades mais básicas para o desenvolvimento humano são levar vida longa e saudável, ser educado, ter acesso aos recursos necessários para o padrão de vida digno e poder participar na vida da comunidade (2003, p.296). (grifos do autor)

Le Goff emprega uma passagem atribuída a São Francisco de Assis, com sua síntese peculiar entre consciência de si, da miséria e da cidade; a cena é testemunhada por Thommaso da Spalato, que assim a relata: ‘Seu discurso nada tinha do tom ou das maneiras de um pregador; parecia mais uma conversação e visava apenas extinguir os ódios e reintroduzir a paz. Seu traje de orador era miserável, raquítico seu aspecto, seu rosto sem beleza; mas sua palavra conseguia nada menos do que reconciliar os nobres bolonheses, que desde gerações e gerações não paravam de se matar entre si’. Segundo o autor, a lição do franciscanismo, enquanto reinarem a fome, a miséria e a opressão, com vistas no desenvolvimento do pleno potencial do ser, continua atual (2001, p.107).

O trecho citado vem ao encontro da hipótese deste trabalho, de que desenvolver a consciência do ser humano nos domínios da subjetividade, intersubjetividade e objetividade possibilita maior sucesso em estabelecer o ser no mundo, e por conseguinte no ambiente urbano. E a cena é realmente atual, pois o RDH-2004 afirma que: “Para que o mundo atinja os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e acabe por erradicar a pobreza, tem que enfrentar primeiro, com êxito, o desafio da construção de sociedades culturalmente diversificadas e inclusivas” (2004, p.4).

Segundo Buarque e Souza (1995), somente ampla consideração das dimensões humanas e o desenvolvimento com base nos fatores sociais, culturais, econômicos, ecológicos e ambientais possibilitam apurar as investigações, reflexões e análises da pobreza em toda sua extensão. O assistencialismo vigente

e os programas que desconsiderem estes desenvolvimentos individual, social, cultural etc. atendem muito mais aos apelos e às emoções dos que assistem do que às verdadeiras necessidades dos que são assistidos.

Cuidar, educar, ensinar e saber receber o inusitado, que surge das pulsões das populações empobrecidas, permite programas mais abrangentes destinados aos desfavorecidos, realmente favorecê-los nesta contenda, por considerar os sujeitos a partir de seu contexto e examinar quantidade e qualidade das variáveis, metodologias aplicadas nas estratégias antipobreza.

A superação da miséria aponta para fortalecimento dos laços sociais e culturais, desenvolvimento do sujeito, valorização da expressão cultural do sujeito, criação de soluções pacíficas e construtivas para o conflito social.

Dessa maneira, discutir e refletir uma matriz ambiental especialmente voltada a mitigar a pobreza é pensar no próprio sujeito para avaliar, inovar e criar mecanismos de ampla disseminação de conhecimentos, saberes e práticas capazes de abordar a miséria e principalmente resgatar indivíduo e sociedade de modo ético e sincero. **Programas simples com novos olhares, implementados considerando os mais complexos fatores da realidade das populações empobrecidas, sem alienação e discriminação, com atividades e estratégias que exaltem dignidade e humanidade na ação transformadora; e esta é a contribuição central da pesquisa: ampliar a consciência da miséria, discutindo ações e estratégias contra a pauperização.**

Morin e Kern observam e articulam exatamente o fulcro da problemática e hipótese do trabalho, incidindo sobre os vários fatores que o problema da tese articula e Hosistesia busca mitigar, exatamente porque os autores observam a consciência no que denominam desenvolvimento do subdesenvolvimento dos desenvolvidos e subdesenvolvidos:

O subdesenvolvimento dos desenvolvidos é um subdesenvolvimento moral, psíquico e intelectual. Há certamente uma penúria afetiva e psíquica em maior ou menor grau em todas as civilizações, e em toda parte há graves subdesenvolvimentos do espírito humano; mas é preciso ver a miséria mental das sociedades ricas, a escassez de amor das sociedades de fartura, a maledicência e a agressividade miseráveis dos intelectuais e universitários, a proliferação das idéias gerais vazias e das visões mutiladas, a perda do

global, do fundamental. Há uma miséria que não diminui com o decréscimo da miséria fisiológica e material, mas que aumenta com a abundância e o lazer (1995, p.110-111). (grifos do autor)

Esses autores corroboram a importância do despertar para consciência da miséria de consciência, visto que o reconforto material do dito desenvolvimento faz argüir sobre os critérios que determinam desenvolvimento e subdesenvolvimento e, ainda, se estes critérios são suficientemente complexos e multiculturais, já que ao conforto não corresponde necessariamente paz de consciência. **Neste sentido os domínios, como generalizações orientadoras e de verificabilidade propostos em Hosistesia permitem plasmar e qualificar conhecimento, observação e ação ambiental, sem dissociá-las da ética e da consciência.**

CAPÍTULO 3

ASPECTOS DA URBANIZAÇÃO BRASILEIRA E CURITIBANA

3.1 URBANIZAÇÃO E POBREZA NO BRASIL

Até a década de 1950, o Brasil contava uma população de 33 milhões de camponeses e 19 milhões de habitantes nas cidades. Na medida em que aumentou a participação do setor industrial na economia nacional, o número de habitantes das cidades passou a crescer mais do que no campo, fenômeno evidente a partir da década de 1970, quando a população urbana superou a rural. Essa diferença de crescimento entre população rural e urbana amplia-se nas décadas posteriores e nos anos 2000: enquanto a população no campo atinge a marca de aproximados 31 milhões de habitantes, a população urbana chega a supera 130 milhões (TABELA 1).

TABELA 1
POPULAÇÃO RURAL, URBANA E TOTAL DO BRASIL

ANO	POPULAÇÃO RURAL		POPULAÇÃO URBANA		POPULAÇÃO TOTAL
	Abs.	%	Abs.	%	
1940	28.356.133	68,77	12.280.182	31,23	41.236.315
1950	33.161.506	63,80	18.782.891	36,20	51.944.397
1960	38.767.423	55,30	31.303.034	44,7	70.070.457
1970	41.054.053	44,10	52.084.984	55,90	93.139.037
1980	38.566.297	32,30	80.936.409	67,70	119.502.706
1991	36.041.633	24,50	110.875.826	75,50	146.917.459
1996	33.997.406	21,60	123.082.167	78,40	157.079.573
2000	31.845.211	18,75	137.953.959	81,25	169.799.170

FONTE: Anuários Estatísticos IBGE 1940, 1950, 1960, 1970, 1991 e 2000 / Contagem da População de 1996

Os dados anteriores demonstram que a realidade do País transformou-se rapidamente de predominantemente agrária em urbana, e mudanças dessa magnitude implicam transformações qualitativas profundas, pois as condições urbanas passam a ser palco cotidiano de grande parte da sociedade. Com efeito,

o IBGE (2003) afirma com bases no Censo de 2000 que a população brasileira é eminentemente urbana.

O interesse populacional nas cidades advém da concentração econômica, social, cultural e política, em que as mesmas agem como centros de acumulação de riqueza e conhecimento, marcante nas grandes cidades, que se configuram pontos de convergência de redes de sistemas socioeconômicos que articulam e materializam espacialmente interesses regionais, nacionais e internacionais. No caso brasileiro, a concentração da pobreza nas áreas urbanas associa-se à acelerada urbanização ocorrida nas décadas recentes em contraponto ao histórico de carência de infra-estrutura urbana e serviços.

Os setores populares diante da realidade social brasileira reproduzem um modelo de urbanização caracterizado pelo acesso à terra por meio de invasões, ocupações, mecanismos irregulares de parcelamento, construção por autogestão e complementação tardia de infra-estrutura e serviços municipais. O modelo dual da urbanização com sua polarização socioespacial (sujeito-objeto) reflete a característica mais notável das metrópoles latino-americanas, uma minoria concentra volumes crescentes de riqueza, enquanto grande parte não dispõe de oportunidades sociais e realizações individuais. Essa polarização sociedade-produção espacial cria verdadeiro *apartheid* urbano, uma das grandes dificuldades para a sustentabilidade urbana (ALVA, 1997; DEÁK e SCHIFFER, 1999).

Para Castro, a falta de políticas voltadas para a igualdade social, em um país que ao longo de 400 anos de escravidão consolidou uma mentalidade e um *status quo* de privilégios entre os que detêm poder, configura um quadro tal como este:

Os indicadores sociais divulgados pela Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (PNAD) entre 1992 e 1999, realizada pelo IBGE, mostram que os 40% mais pobres ganham em média menos de um salário mínimo por mês, enquanto os 10% mais ricos recebem a média de 18 salários mínimos mensais. Assim, o Brasil aparece com um dos mais altos índices de desigualdade do mundo, um país onde, ainda que os direitos políticos estejam assegurados, os direitos civis e sociais não estão garantidos para a maioria da população. [Evidente na] imensa disparidade de acesso a riqueza material e simbólica entre os diferentes estratos sociais no Brasil (2001, p.123).

As constatações de Alva (1997), Deák e Schiffer (1999) e Castro (2001), anteriormente expostas, encontram-se nas raízes da história brasileira, pois embora o fato urbanização seja evidente, sua natureza liga-se à gênese colonial do País, cuja sociedade é centralizada por categorias dominantes, ligadas à terra, negócios e altos cargos, garantindo sobrevivência da estrutura colonial de produção. Organizou-se um Estado cujo objetivo não coloca em risco o domínio econômico e social e garante relações de produção.

Velloso (2000), ao analisar a pobreza brasileira, afirma que, a despeito do investimento na área social, o País apresenta várias anomalias, como a péssima distribuição de renda, indicadores desfavoráveis de educação e saúde, um contingente excessivo de pobreza, a preferência das políticas públicas pelos não pobres, além da ausência dos pobres na expressão política. O autor sugere que para transformar essa situação é necessário qualificar a distribuição de renda, estabelecer parcerias entre governo e agentes sociais tendo como pressuposto acesso a bens públicos e foco das políticas sociais para populações pobres.

Ao círculo vicioso da miserabilidade²⁵, que associa significado de ser no mundo e mazelas socioambientais, Morin e Kern (1995) denominam subdesenvolvimento do desenvolvimento, que não altera mentalidades.

Segundo Maricato, no Brasil as cidades estão no centro da problemática socioambiental em constante diálogo com a miséria;

'Aproximadamente metade da população de Rio de Janeiro e São Paulo, metrópoles nacionais, mora em favelas ou loteamentos ilegais, a relação população / áreas invadidas nas cidades é de: 33% Salvador, 34% Fortaleza, 40% Recife, 20% Belo Horizonte e Porto Alegre; mesmo a decantada Curitiba [exemplo de planejamento urbano e ambiental exibe] 'áreas de crescimento desordenado' formando um cerco completo ao núcleo central da aglomeração urbana. Outro dado emblemático é a concentração da população brasileira num pequeno número de grandes cidade. Apenas 12 regiões metropolitanas (Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Belém, Brasília, Fortaleza, Goiânia e Manaus) acolhem 33% da população total do país' (apud WALDMAN, 2003, p.550-551).

²⁵ Segundo Demo (2003), a pobreza tem duas determinantes: a escassez de recursos e a má distribuição destes; entretanto, apesar de o País contar com inúmeros pobres, o produto é suficiente para garantir o mínimo necessário a todos, e o problema recai na desigualdade de distribuição.

Ao associarem-se as observações de Leonard (1992) e Pereira (2002), pode-se elaborar o seguinte quadro de referências para as cidades brasileiras em termos de espacialização da miséria urbana e degradação ambiental:

- a) grande parte da população de baixa renda habita em aglomerados de sub-habitações, construções precárias, com elevada quantidade de habitantes por unidade de habitação, sem abastecimento de água potável e sob condição de risco sanitário;
- b) as áreas ocupadas pelas populações de baixa renda são frágeis ambientalmente, encostas, várzeas, terrenos vizinhos a áreas de poluição e risco (aterros sanitários, indústrias, redes de alta tensão etc.);
- c) as ocupações em geral localizam-se em terrenos invadidos ilegalmente, desrespeitando a legislação de uso do solo, o que causa dificuldades e (ou) impedimento dos serviços urbanos, rede de água, coleta de lixo, esgoto, energia elétrica etc.;
- d) o ambiente físico e social favorece a disseminação de doenças como diarreia, febre tifóide, infecções de pele, olhos, ouvidos, e intoxicação alimentar, além dos riscos da violência e de outros grupos sociais envolvidos com roubos, tráfico de drogas etc.

As populações empobrecidas tendem a ocupar áreas ambientalmente mais frágeis, em função do baixo ou inexistente custo da terra, com perversas relações entre sociedade, cidadania e ambiente. Os grupos em condição de miséria urbana são vulneráveis e estão sujeitos a maior risco por conta das condições socioambientais, violência, criminalidade, insalubridade, enchentes, deslizamentos de terra etc., reflexos da inserção desses grupos nas cidades (SPINK, 2000).

Segundo Buarque e Souza (1995), no caso brasileiro, pobreza urbana é injustiça, desproteção, privação e incapacidade de os seres humanos satisfazerem necessidades fundamentais, por isso, destituição de cidadania, que leva à apropriação antrópica violenta do ambiente urbano.

A miséria urbana concentrada majoritariamente nas Regiões Metropolitanas mostra que as cidades como promessas da superação de um Brasil arcaico, para um país modernizado e emancipado, ainda vivem estado de choque, em razão das precariedades de infra-estrutura e da realidade social, que contrariam esta máxima, fortalecendo a espacialização da dicotomia escassez-excesso.

3.2 URBANIZAÇÃO E POBREZA EM CURITIBA

Fundada em 1693, Curitiba, capital do Paraná, cidade pólo da região metropolitana, ocupa 432,17 km² de área na latitude 25°25'40"S e longitude 49°16'23"W.

Na década de 1970, Curitiba apresentou um dos maiores índices de crescimento populacional em relação às outras RMs brasileiras, 5,34%, enquanto o Brasil cresceu 2,48% ao ano. Nos anos 1980, o crescimento torna-se menos intenso, cai para 2,90% na RMC e 2,29% em Curitiba. Nos anos 1990, Curitiba apresentou uma taxa de crescimento de 2,11%, enquanto a RMC crescia a 3,12%. Atualmente a população curitibana é considerada totalmente urbana (IPPUC, 2004). Ver TABELA 2 e 3, e FIGURA 7.²⁶

²⁶ A relação entre a cidade pólo Curitiba e os 25 municípios da Região Metropolitana é mais direta e em adensamento contínuo com os localizados em um primeiro anel, Almirante Tamandaré, Araucária, Campina Grande do Sul, Campo Largo, Campo Magro, Colombo, Fazenda Rio Grande, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras e São José dos Pinhais; apresenta-se um segundo anel sem a mesma continuidade com respeito à cidade pólo, mas que estabelece relações com a mesma e demais municípios da mancha urbana, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Contenda, Itaperuçu, Mandirituba, Rio Branco do Sul e Tunas do Paraná; o terceiro anel é composto de municípios de características rurais e que mantêm relações mais tênues com a região, Adrianópolis, Agudos do Sul, Cerro Azul, Doutor Ulysses, Lapa, Quitandinha e Tijucas do Sul (DESCHAMPS, 2004).

TABELA 2
POPULAÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO DOS MAIORES MUNICÍPIOS DO BRASIL

MUNICÍ-PIOS	POPULAÇÃO					TAXA DE CRESCIMENTO (%)			
	1970	1980	1991	1996	2000	70/80	80/91	91/96	96/00
São Paulo	5.924.615	8.493.226	9.646.185	9.839.436	10.434.252	3,67	1,16	0,40	1,41
Rio Jan.	4.251.918	5.090.700	5.480.768	5.551.538	5.857.904	1,82	0,67	0,26	1,32
Salvador	1.007.195	1.501.981	2.075.273	2.211.539	2.443.107	4,08	2,98	1,30	2,50
Belo H	1.235.030	1.780.855	2.020.161	2.091.448	2.238.526	3,73	1,15	0,71	1,61
Fortaleza	857.980	1.307.611	1.768.637	1.965.513	2.141.402	4,30	2,78	2,17	2,13
Brasília	537.492	1.176.935	1.601.094	1.821.946	2.051.146	8,15	2,84	2,66	2,91
Curitiba	609.026	1.024.975	1.315.035	1.476.253	1.587.315*	5,34	2,29	2,38	1,82
Recife	1.060.701	1.200.378	1.298.229	1.346.045	1.422.905	1,24	0,71	0,74	1,38
P. Alegre	885.545	1.125.477	1.263.403	1.288.879	1.360.590	2,43	1,06	0,58	1,35
Manaus	311.622	633.392	1.011.501	1.157.357	1.405.835	7,35	4,35	2,78	4,94

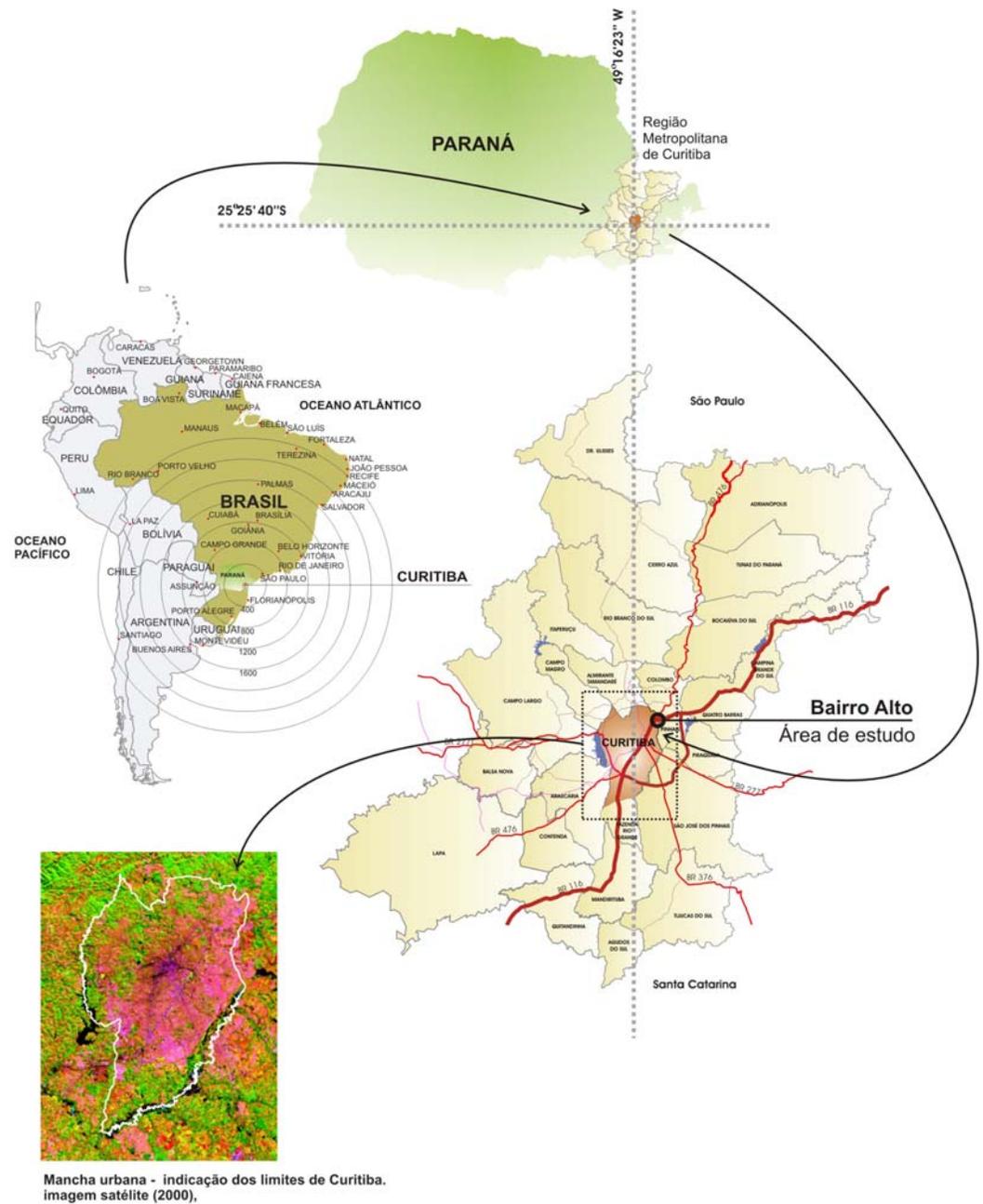
FONTE: Anuários Estatísticos IBGE 1970, 1980, 1991 e 2000 / Contagem da População de 1996

TABELA 3
POPULAÇÃO E TAXA DE CRESCIMENTO DAS REGIÕES METROPOLITANAS DO BRASIL

REGIÕES METROPOLITANAS	POPULAÇÃO			TAXA DE CRESC. 1991/96 (%)	TAXA DE CRESC. 1991/00 (%)
	1991	1996	2000		
Belém	1.332.840	1.485.569	1.795.536	2,23	2,82
Fortaleza	2.307.017	2.582.820	2.984.689	2,32	2,43
Recife	2.919.979	3.087.967	3.337.565	1,14	1,49
Salvador	2.496.521	2.709.084	3.021.572	1,68	2,15
Belo Horizonte	3.436.060	3.803.249	4.819.288	2,09	2,37
Vitória	1.064.919	1.182.354	1.425.587	2,15	2,67
Rio de Janeiro	9.814.574	10.192.097	10.894.156	0,77	1,15
São Paulo	15.444.941	16.583.234	17.878.703	1,46	1,63
Curitiba	2.057.578	2.425.361	2.726.556	3,40	3,17
Porto Alegre	3.027.941	3.246.869	3.658.376	1,43	1,69
Total	43.902.370	47.298.604	52.542.028	1,53	1,77

FONTE: Anuário Estatístico IBGE 1991 e 2000 / Contagem da População de 1996

FIGURA 7
MAPA - BRASIL, CURITIBA-PR E BAIRRO ALTO



mapas sem escala

FONTE: Adaptado por Adam (2004), de Ippuc (2004)

Curitiba veiculou sua imagem no sentido de positividade ou cidade ideal do seguinte modo: nos anos 70, imagem de exemplo de planejamento urbano, cidade polinucleada, solução de transporte urbano; na década de 1980, capital de Primeiro Mundo, planejamento urbano eficaz, qualidade de vida urbana e solução de transporte urbano; nos anos 90, capital ecológica, áreas verdes por habitante, qualidade de vida urbana e eficiência no sistema de transporte urbano; no período dos 2000, capital social, qualidade de vida urbana (LIMA, 2000; MENDONÇA, 2001).

Com essa imagem, a cidade tornou-se uma espécie de atração em nível nacional e internacional; Garcia capta a popularidade curitibana na década de 1990 citando um periódico:

'A cidade de Curitiba [...] é dona de uma lisonjeira unanimidade nacional. Tida e havida como a capital brasileira de melhor qualidade de vida, é hoje indicada por urbanistas da Organização da Nações Unidas, a ONU, como uma das três melhores cidades do planeta para se viver, ao lado de Roma e da americana São Francisco' (1996, p.83). (grifos do autor)

As mensagens sobre Curitiba ao tornarem-se rotina invadiram o imaginário do cidadão, configurando uma ambigüidade entre cidade ideal e cidade real. Uma cidade *griffe* materializada em obras pontuais, que estimularam tanto o orgulho de ser curitibano quanto a valorização urbana de certas regiões da cidade, tais quais: Ópera de Arame, Jardim Botânico, Rua 24 horas, Memorial de Curitiba e Parques Urbanos.

Cidades e lugares construídos, representados e fixados subjetiva e mentalmente dificilmente escapam de conceitos introjetados no cotidiano. No entanto, meio ambiente natural e visão de mundo estão estreitamente ligados (TUAN, 1980; 1983).

Curitiba elaborou forte *City Marketing*, veiculando imagem de cidade ideal, em nível local, nacional e internacional, o espírito do que Gunn denomina guerra dos lugares (1999). Essa imagem das cidades e lugares aponta para o poder do

elo entre comunicação, cultura, dominação e política urbana, palpitando entre o real e o imaginário, visível e invisível (CALVINO, 1990).

O discurso de competência incorpora a cidade como produto em que se agrega adesão social e produção do espaço, associando identidade social e espacial, quando a imagem atinge *status* de dominação ideológica e faz refletir sobre o mito criado, como se para sempre. Cidades focos globais e locais que combinam rupturas, paradoxos sociais, fragmentações espaciais e singularizações culturais com a necessidade de integração planetária (GUATARI, 1992; LEFEBVRE, 2001; ACSELRAD, 2001).

Segundo o Atlas de desenvolvimento humano 2004 – PNUD, em Curitiba os 20% mais ricos possuem 63% da renda gerada na cidade, enquanto os 20% mais pobres apenas 2,5%. Curitiba assemelha-se a várias cidades brasileiras, para as quais os processos de industrialização e tecnologização urbanos geraram renda, mas não conseguiram incluir a grande massa de trabalhadores rurais que migrou para a cidade nos últimos 20 anos. No início dos anos 2000, isso torna-se não só evidente espacialmente como surge um processo público de questionamento da imagem curitibana de prestígio e unanimidade das décadas anteriores. A posterior citação questiona esta imagem

de que Curitiba é uma cidade de Primeiro Mundo, não é verdade. Se a capital paranaense fosse um minúsculo país, estaria entre os mais desenvolvidos da América Latina, mas distante das nações ricas em muitos aspectos. E seria também um dos países mais desiguais do planeta (MARTINS, 2004).

O Mapa da Pobreza de Curitiba (IPPUC, UFPR, IPARDES, 1997), à parte a defasagem dos dados coletados em 1991, mostra na comparação entre os bairros diferenças intra-urbanas da capital e revela desigualdades sociais espacializadas. Os bairros em melhor situação com respeito à moradia, morador e serviços estão circunscritos na região central do município, áreas consideradas nobres, Centro Cívico, Cabral, São Francisco, Batel, Alto da Glória, Centro, Jardim Social, Hugo Lange, Juvevê e Água Verde; entre os bairros com maior carência constam Caximba, Ganchinho, São Miguel, Campo de Santana, Augusta, Lamenha

Pequena, Tatuquara, Riviera e Mossunguê, na periferia da cidade, e Prado Velho, próximo ao centro.

Esse Mapa da Pobreza mostra que Curitiba tem 45.160 domicílios com chefes de família com renda de até 1 salário mínimo e população residente de 159.431 hab.; os domicílios considerado precários, pela condição social do morador e (ou) saneamento básico deficitário são 62.140, que abrigam população de 231.888 hab. A leitura dos dados demonstra ocupação do espaço vinculada a regras de mercado que exclui parcelas populacionais, que se sujeitam a viver em áreas distantes, impróprias, de fragilidade ambiental, com serviços e condições precárias e comprometimento no atendimento das suas necessidades básicas (FIGURAS 8 a 10 – ao final do capítulo).

Retornando à relação família-pobreza, o estudo *Famílias pobres no Paraná* (IPARDES, 2003) caracteriza as famílias em situação de pobreza no Paraná, considerando como principal indicador a renda familiar mensal *per capita* de $\frac{1}{2}$ salário mínimo; e a pesquisa identifica que no Paraná, em 2000, a taxa da pobreza entre as famílias é de 20,87%, constatando que em grande parte dos municípios a taxa é maior do que no Estado, e as aglomerações urbanas concentram 37% das famílias pobres paranaenses. O estudo ainda indica que Curitiba, Censo 2000, registra um total de 495.243 famílias, destas 42.620 em situação de pobreza urbana e nenhuma família com características de pobreza rural.

A pesquisa do IparDES, anteriormente citada, caracteriza as famílias pobres que vivem no meio urbano paranaense da seguinte forma (2003):

- a) **arranjos familiares e estratégias de sobrevivência familiar** - as famílias têm como responsáveis grande percentagem de jovens e são compostas por um número maior de crianças, há um percentual de dependentes (crianças e idosos) maior do que o de membros ativos, o que limita o envolvimento da família no mercado de trabalho, com destaque para a significativa presença de mulheres jovens chefiando famílias pobres;

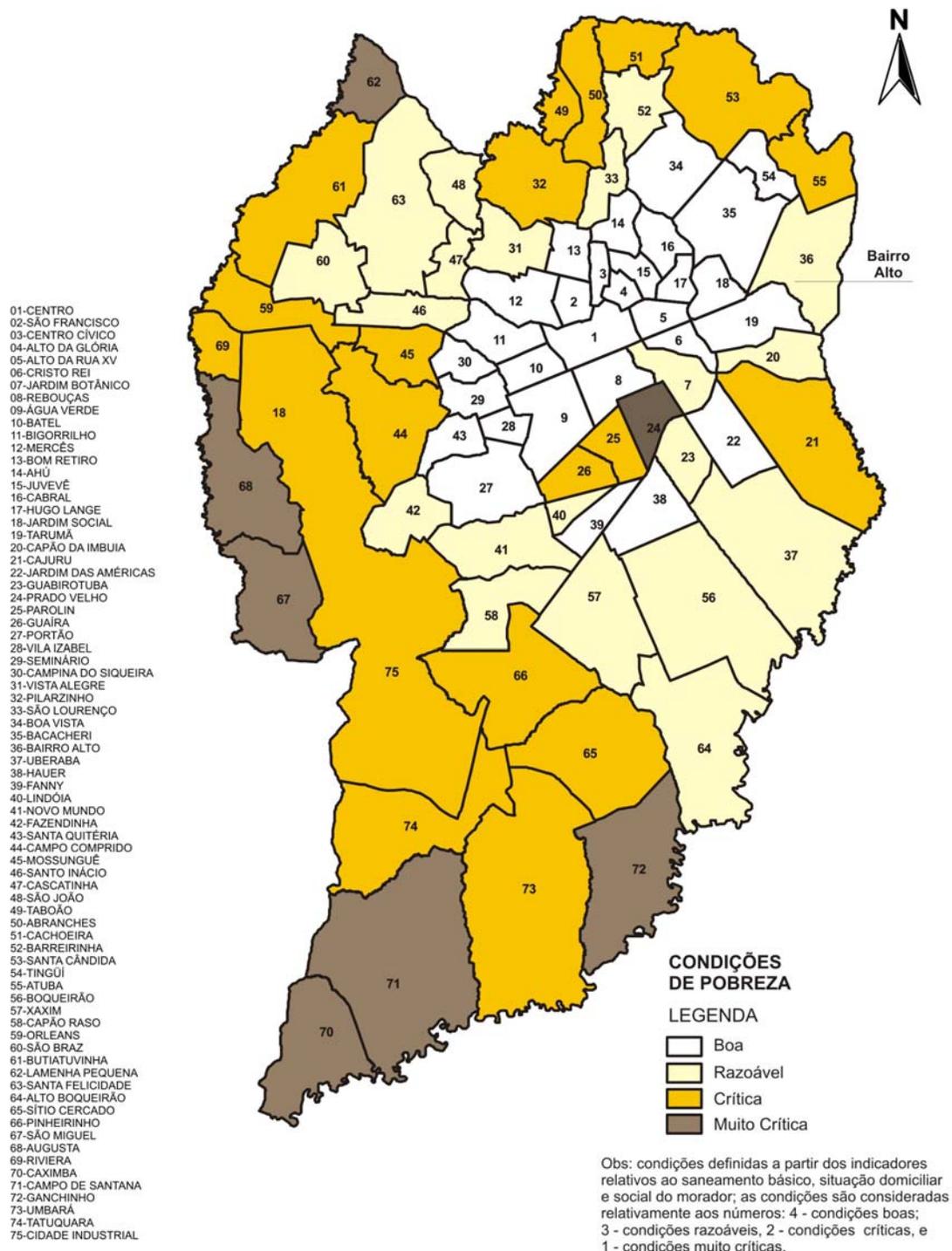
- b) **desemprego entre os responsáveis** - os chefes de famílias pobres apresentam maior taxa de desemprego especialmente no meio urbano, e estes, ao se inserirem no mercado de trabalho, não ocupam posições significativas, sendo um fator de dificuldade para esta inserção a baixa escolaridade;
- c) **domicílio** - visto que o contingente populacional cresce rapidamente, fato que não é acompanhado pela infra-estrutura, nos domicílios no meio urbano as condições de vulnerabilidade se acentuam, uma vez que esta população vive em favelas, ocupações ilegais e ambientes de precária infra-estrutura, que oferecem condições favoráveis para proliferação de mazelas decorrentes das péssimas situações ambientais.

O estudo do Ipardes observa a necessidade de estratégias e programas de desenvolvimento e agregação familiar, afirmando:

Enquanto concepção, a pobreza deve ser vista a partir da estrutura familiar, uma vez que este enfoque apresenta a possibilidade de uma intervenção capaz de alterar, substancialmente, a condição adversa em que vivem as famílias pobres. Do ponto de vista demográfico fica claro que o principal problema não se encontra no tamanho da família. O problema central está associado com o perfil etário das famílias pobres, que reflete momentos diferentes do ciclo familiar. Chama atenção o fato – que ocorre numa grande porcentagem – de essas famílias terem jovens como responsáveis e serem compostas por número expressivo de crianças. A estimativa da razão de dependência é ilustrativa dessa questão e mostra que, nas famílias pobres, há um percentual maior de dependentes em relação aos membros ativos, o que limita as possibilidades de envolver mais membros da família no mercado de trabalho como forma de aumentar a renda familiar (2003, p.34).

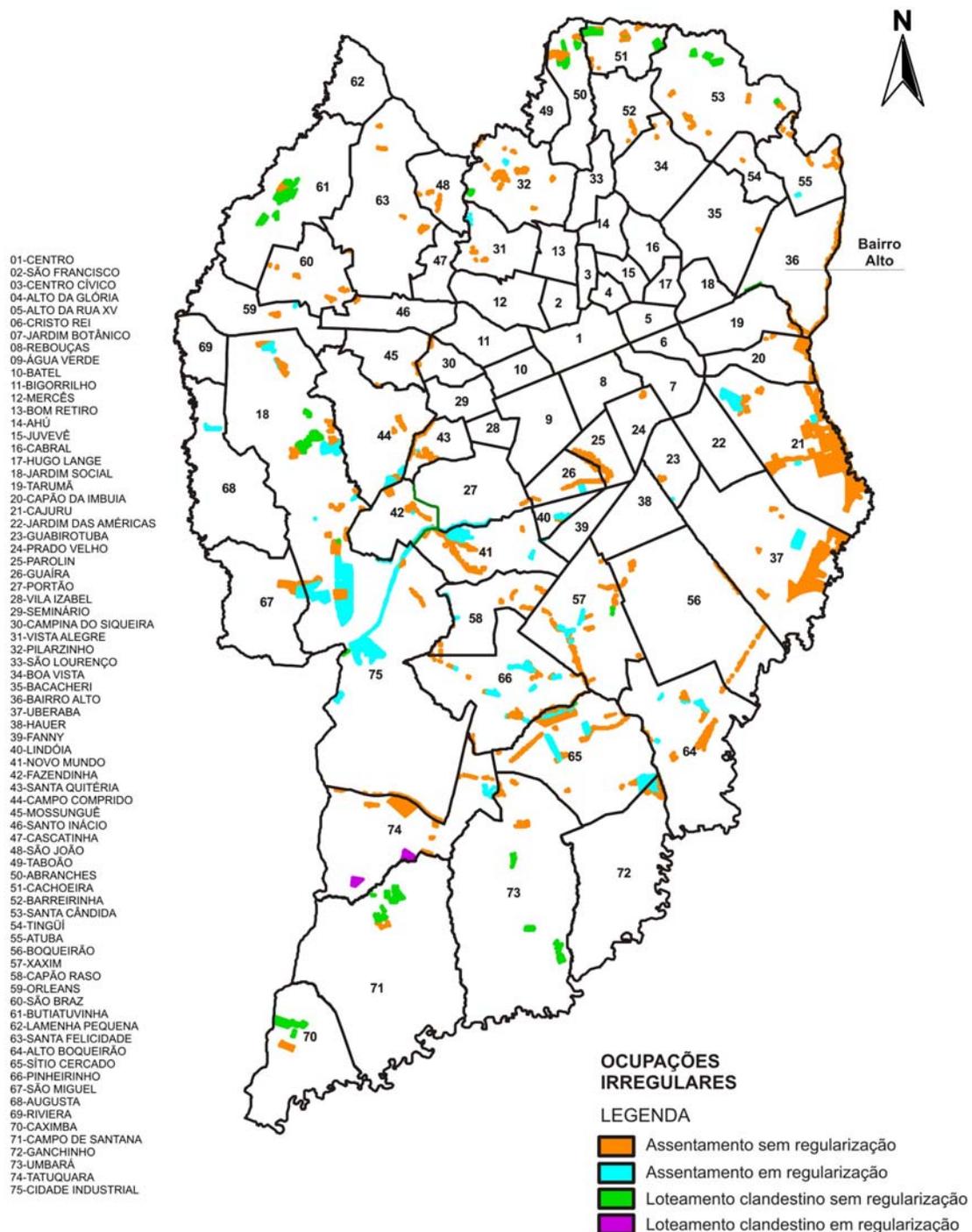
A alteração desse cenário de miserabilidade urbana, inerente à construção de uma visão de mundo, coloca em xeque a eficiência dos planos, do setor público, das leis e do próprio cidadão no resgate humano. Portar dignidade exige aprofundamento da visão de mundo e desenvolvimento integral, com disposição para considerar os múltiplos aspectos do ambiente ↔ consciência.

FIGURA 8
MAPA CONDIÇÕES DE POBREZA



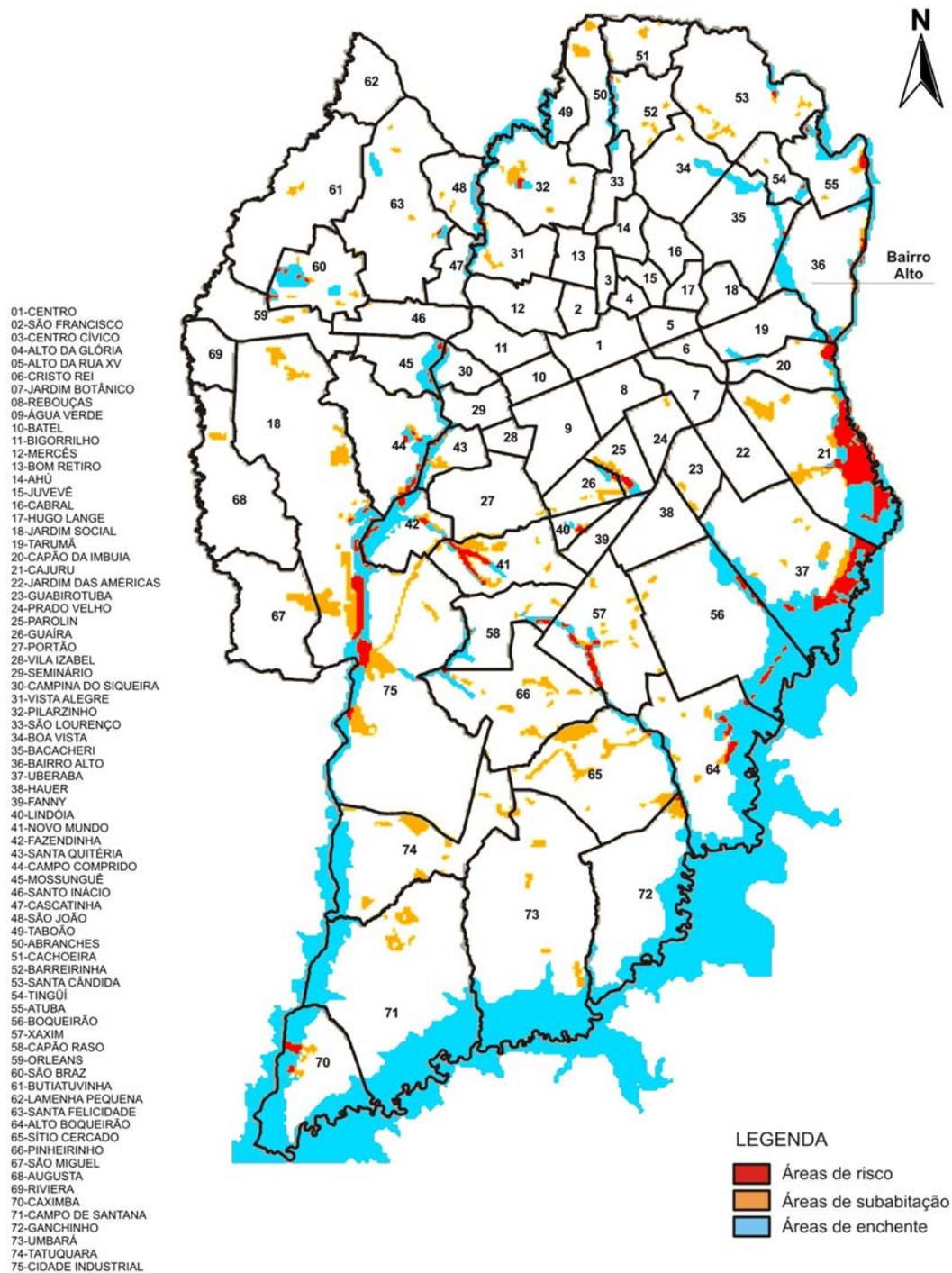
FONTE: Adaptado por Adam (2005); de UFPR, Ipardes e Ippuc (1997)
Escala: 1/150.000

FIGURA 9
MAPA OCUPAÇÕES IRREGULARES



FONTE: Ippuc (2003)
Escala: 1/150.000

FIGURA 10
MAPA ÁREAS DE RISCO, SUBABITAÇÃO E ENCHENTES.



FONTE: Adaptado por Adam (2005), de Ippuc (2003)
 Escala: 1/150.000

CAPÍTULO 4

UM OLHAR ÀS CONDIÇÕES DE VIDA NAS CIDADES

4.1 EXPRESSÕES DO SUJEITO NA CIDADE

Desde a antigüidade, a cidade tornou-se o centro organizador da sociedade. É o lugar onde surge a filosofia, a reflexão sobre a natureza, o mundo e o conhecimento. A história da cidade é a história da razão e de suas sem-razões, sendo a crise ambiental a expressão do caráter antinatural da racionalidade econômica e tecnológica que florescem e se exacerbam na modernidade (LEFF, 2001, p.288).

O texto leffiano discorre sobre o modo recorrente como as cidades se tornam cenários humanos-urbanos e, embora sejam necessárias apuradas reflexões e haja divergências a respeito, muitos passam a aceitar a partir dos séculos XX e XXI a hipótese de que a realidade do ser humano é ou tende a ser urbana, na qual a interface entre os sistemas sociais e naturais associam os fatores de degradação ambiental à diversidade da percepção, dos interesses e das necessidades dos diferentes grupos urbanos (ACSELRAD, 2001).

Contudo, as cidades revelam-se frutos da crise da ciência e do projeto ocidental de conhecimento, do colapso da tecnologia como fonte de solução dos problemas, da carência da sociedade como estrutura de valores, mediações e condicionamentos, da descaracterização do sujeito em seus processos de alienação e desconhecimento de seu potencial desenvolvimento. Entretanto:

o nível individual é da maior importância e não pode, a qualquer pretexto, ser desmerecido por uma estratégia ambiental, até porque a cidadania ambiental tem nos indivíduos seu suporte objetivo [e uma] parcela ponderável dos impactos no meio ambiente tem origem na ação e nos procedimentos rotineiros dos indivíduos (WALDMAN, 2003, p.556-557).

Como os sujeitos expressam diversas condições de consciência, as percepções afetam desigualmente a população urbana, que constrói fatores qualitativos específicos a partir dos quais validam suas relações com a cidade e suas expressões de cidadania.

Nessas expressões do sujeito, observa-se que os grupos pauperizados têm pouco ou não têm acesso a serviços públicos, convivem com riscos ambientais decorrentes do fato de habitarem regiões precariamente urbanizadas, de risco e fragilidade ambiental; e, ainda assim, apesar de serem os mais afetados, não revelam maior índice de questionamentos e mobilização com respeito ao meio ambiente (JACOBI, 2000; ACSELRAD, 2001).

A noção de condições de vida traduz a complexidade de interesses das sociedades e culturas humanas, em face de uma realidade que ao mesmo tempo constrói e é construída pelas experiências do sujeito. De sorte que o indivíduo na cidade estaria associado a um modo de vida regado pela existência em comunidade, decorrente da própria origem latina da palavra *civitas*, ou seja, bem coletivo, não suscetível de divisão, em que a satisfação de um interessado implica necessariamente a satisfação dos demais (WALDMAN, 2003).²⁷

Viver na cidade significa conviver com o outro, fato que nas grandes cidades produz transformações desde a subjetividade do ser humano, quando a condição humana se transforma à luz das condições da vida em comum. As cidades são, por excelência, campos da ação e experiência coletivos, nos quais vontades individuais se confundem, se mesclam e se confrontam.

Nesse sentido, a cidade é poética e transcendente, porque carrega o sentido de cidadania e humanidade em seu significado (MONTAGNA, 2001; TASSARA, 2001).

Para compensação e exercício do bem-estar e cidadania, há o sintoma da felicidade e plenitude cujas referências urbanas são os parques, as praças e outras áreas, que nem sempre consideram as diferenças sociais e culturais,

²⁷ As palavras *urbe* e *civitas* aparecem de forma intercambiável nos textos latinos. Cícero legou a definição de que a reunião de homens forma a cidade, enquanto conjunto de domicílios forma a urbe; a cidade é feita de homens, de seus hábitos, costumes e relacionamentos; daí o termo cidadania, enquanto *urbe* faz referência à parte física e infra-estrutura construída, como moradias, edifícios, ruas, calçadas, iluminação etc. (DUDEQUE, 2001, p.50).

preservando um conceito de natureza ideal, o ambiente do imaginário que remete às paisagens longínquas, muitas vezes sem presença humana. É sob esta influência que a iconografia ambiental opera, esposando imagens da mata atlântica, dos oceanos, do mico-leão, e animais que por vezes sequer habitam o território brasileiro, mas influenciam habitantes da cidade espetáculo produto de estatísticas favoráveis, com imagens paradisíacas, referenciais urbanísticos de Primeiro Mundo, dos quais, via de regra, estão ausentes as regiões de degradação e as populações que as habitam (WALDMAN, 2003; CALVINO, 1990).

Darci Ribeiro, ao refletir sobre as condições de vida nas cidades brasileiras, problematiza a expressão dos sujeitos:

Somos Todos Culpados

A quantidade e a qualidade da alimentação popular não podia ser mais escassa, nem pior. A qualidade de nossas escolas, a que o povo tem acesso, é tão ruim, que elas produzem de fato mais analfabetos que alfabetizados. [...] A solução brasileira para moradia popular, na realidade das coisas é a favela ou o mocambo. Não conseguimos multiplicar nem mesmo essas precaríssimas casinhas de marimbondo dos bancos da habitação e das caixas econômicas. Nossa elite, bem nutrida, olha e dorme tranqüila. Não é com ela. Desafortunadamente, não é só a elite que revela essa indiferença fria ou disfarçada. Ela se espraia por toda a opinião pública, como uma hedionda herança comum de séculos [...] Seremos impotentes para realizar as potencialidades de nossa terra e de nosso povo? (1995a, p.50-51-52).

A citação enfatiza a complacência diante dos impactos socioambientais urbanos – disseminação de pobreza, analfabetismo, fome, subabitações –, visão de mundo que evoca, conforme o autor, as dificuldades na realização dos potenciais dos sujeitos e suas conseqüências concretas e devastadoras nos interesses do indivíduo e da coletividade, visto que o conflito ambiental urbano é tratado com imediatismo e urgência.

Spink (2000) afirma que múltiplos aspectos implicam na expressão do ser humano na cidade: saúde, habitação, educação, segurança, entre outros, no entanto, geralmente no Brasil, cidadania e mesmo certas questões humanitárias ficam reduzidas a problema de polícia.

Os conflitos nas grandes cidades pautam a necessidade de recuperação da capacidade de viver em comum, sem que esse exercício revele indiferença, pois

com a cidade cristaliza-se a imagem do sujeito urbano, a alma urbana, o espírito do lugar. Concorde-se com Castro (2001), para quem a alma da cidade se transformou em algo que não se sensibiliza diante do sofrimento. Para a autora, a cidade precisa ser conquistada como parte do conhecimento de quem “nós somos”, não seres racionais e competentes, mas enredados pela paixão e pela emoção, divididos entre prazeres, dores, deveres; seduzidos pelas diversões e resistentes a renúncia.

Sentir-se parte e identificar-se significa encontro entre sujeito e condições que favoreçam seu pertencimento e consciência nas relações construídas como resposta à questões existenciais. Que é esse sujeito que caminha? Para onde e como caminha?

Para os estudos da consciência é fulcral agir incorporando o indivíduo e seu desenvolvimento. Para compreender o sujeito e suas relações, é necessário entender sua complexidade psíquica e social atuando, penetrando e construindo significados ambientais. Os caminhos do sujeito nas cidades são os do seu contínuo viver e morrer, com os paradoxos do desejo, dos subempregos, dos salários privilegiados, das exigências do multiculturalismo, das incapacidades e dificuldades de participação etc.; portanto, é central compreender a complexidade ambiental na qual o sujeito está envolvido.

O estudo considera que a gênese do indivíduo é ambiental e é por meio de um sujeito liberto, entendedor de que as trocas realizadas com o meio incluem a dimensão simbólica, a poética, a estética, e a afetiva com todas as suas implicações.

O ambiente é vital porque permite compreender objetos, necessidades, desejos, memórias, repressões, emoções etc., que são integrados, significados, reprimidos e elaborados em *continuum* de sobreposições. Esses vínculos e relações têm por base antes a consciência do que somente necessidade e desejo, pois a consciência marca a interação entre o finito e o infinito vivido na cidade.

Damergian (2001) ratifica o processo de reflexividade entre psíquico e social, corroborando o indivíduo psicossocial e que conteúdos desta ordem disseminam compreensão-violência, paz-desespero etc. A autora reafirma o

pressuposto conhecimento-compaixão delineado na matriz integradora; **“Enfatizar o papel da bondade na estruturação do caráter aponta-nos para o amor como constituinte básico da ética [...] Conhecimento sem amor produz barbárie e amor sem conhecimento produz a ingenuidade que leva à manipulação e controle”** (p.95-117).

Há um importante processo registrado no RDH (2004), que vem ocorrendo na cidade de Berlim e merece recordação:

Berlim ganhou reputação na Alemanha como pioneiro na promoção da integração de imigrantes. Berlim foi o primeiro dos Estados federais a criar um gabinete para tratar dos obstáculos à integração. Em 1981, sob o lema *‘Miteinander leben’* (viver uns com os outros), o Gabinete do Comissário do Senado de Berlim para a Migração e a Integração lançou uma campanha a favor da tolerância, do respeito pelos outros e do entendimento. Desenvolve atividades de extensão em bairros com elevada percentagem de imigrantes e campanhas de informação pública descrevendo os princípios básicos da política.

O gabinete também fornece aconselhamento e consultas jurídicas em 12 línguas, ajudando os imigrantes a encontrar emprego e a combater a discriminação. Juntamente com organizações não governamentais, o gabinete organiza formação regular para a polícia sobre relações com os imigrantes e realiza inquéritos anuais sobre as atitudes locais para com os imigrantes. (RDH-2004, p.104)

Instituições organizadas dedicadas à compreensão das diferenças, ao diálogo e a exaltar o humanismo são importantes porque a civilização antecede a barbárie, e todo conhecimento científico-tecnológico produzido e riquezas acumuladas pela civilização não beneficiam amplamente os indivíduos, descaracterizando o sentido de humanidade (DAMERGIAN, 2001).

Castro (2001) aponta a necessidade de uma pedagogia da cidade em que a imensidão urbana, seja em extensão geográfica, seja em complexidade, coloca aos cidadãos a tarefa da convivência coletiva, que, por ser exercício, exige empenho, esforço. A vida urbana, especialmente do ponto de vista das relações sociais, torna-se árdua, porque liberdade e autonomia individuais se conjugam à submissão às leis e ao respeito aos direitos alheios.

O trecho anteriormente citado sobre Berlim e a pedagogia das cidades vem de encontro à instituição avaliada no estudo de caso, pois remete ao resgate do

ser humano nas cidades. Para Damergian, o sujeito humanista é o que desenvolveu uma mente saudável:

que conhece a si mesma); que tem capacidade para amar, trabalhar, maturidade, capacidade para sentir culpa depressiva (provocada pelo dano causado ao objeto, ainda que em fantasia e que leva a não fazer mal ao outro por amor e não por medo de retaliação) – é o modelo ético amoroso que deve inspirar as identificações que estruturam nosso ego (2001, p.113).

Considerando as instituições de resgate social urbano, a autora afirma que o modelo identificatório é de grande importância, pois a influência que o “professor exerce (ou deve exercer), deve ser de inspiração humanista” (Ibidem, p. 115).

Esse enlace humano para que o sujeito encontre realização, ‘não por opção mas por reflexão, de sujeito sabedor (ou inquiridor)’, faz com que as organizações sociais que se responsabilizam pelos indivíduos tenham que gerar ‘oportunidades para os homens darem voz ao que descobriram acerca de si mesmos e do mundo e para persuadirem terceiros do seu valor’ (RDH, 2004, p.17).

Portanto, as condições de vida na cidade desdobram-se em múltiplos domínios e plasmam o indivíduo, tanto quanto por ele são plasmadas, e o sujeito esvazia-se na medida em que o significado da vida superficializa-se, pois uma sociedade frágil e desqualificada em seus pressupostos éticos constrói um mundo e urbaniza-o nos termos de um convívio esvaziado, edificando miséria.

4.2 SUSTENTABILIDADE E CIDADE

O conceito de sustentabilidade encontra-se ao mesmo tempo disseminado e banalizado, visto que foi legitimado por via de discursos, significados e interesses tão diversos quanto antagônicos, o que demonstra amplo leque de atores sociais que se apropriam do discurso da sustentabilidade.

Nas entrelinhas desses discursos encontram-se conteúdos como conciliar o inconciliável, garantir a reprodução capitalista e liberal, envolver grupos sociais

alheios à sociedade de consumo para absorver seu conhecimento do mundo natural, permitir práticas agrícolas mais limpas, gerar sistemas de controle ambiental da atividade industrial, manter a desigualdade social, propugnar limites para o crescimento, justiça e ecologia, independência e auto-suficiência, investigar a interdependência e os limites naturais, desvinculação das sociedades tradicionais do mercado mundial, e apropriação da ética em diversos matizes no debate de valores (ACSELRAD, 2001; JACOBI, 2000).

O Relatório Brundtland afirma que o desenvolvimento sustentado não é um estado de permanente harmonia, mas um processo de transformação no qual a exploração de recursos, a direção dos investimentos, os rumos do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional estão de acordo com as necessidades atuais e futuras, enfim relaciona diretamente ambiente e desenvolvimento, estabelecendo sustentabilidade não como um fim, mas processo de relações no qual relacionam-se direitos e deveres, os limites e o ilimitado ambiental (PIERRI, 2001).

Segundo Acsehrad (2001), os princípios de sustentabilidade conquistaram as políticas urbanas com a Agenda 21, resultante da Conferência da ONU sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente (Rio-1992), de modo que os atores sociais concentrados nas cidades atuam como funcionários de urbes metaforicamente denominadas “empresa”. Diante das diversas retóricas sobre visões ambientais e sustentabilidade, legitimadas por tensões e diferenças, Acsehrad reafirma que é sustentável todo conjunto de práticas portadoras de sustentabilidade no futuro, e identifica três matrizes discursivas de sustentabilidade urbana: a) a técnico-material – modelo de racionalidade eco-energética e equilíbrio metabólico; b) a cidade qualidade de vida – modelo da pureza, da cidadania e do patrimônio, e c) a legitimidade das políticas públicas – modelo de eficiência e equidade.

De acordo com Sánchez (2001), os discursos contemporâneos de sustentabilidade das cidades são marcados pela necessidade de inserção na dinâmica global, de modo que produzem imagens de modernização tecnológica e infra-estrutural, harmonia e elevada qualidade de vida, com intensa vida artístico-cultural; sintetizados na idéia da cidade competitiva e sustentável. Para a autora,

compreender a cidade passa pela compreensão dos processos de comunicação, a batalha do *city marketing* (GUNN, 1999), os *clichês* oficiais, as imagens urbanas, as logomarcas veiculadas e os discursos oficiais, uma linguagem que evoca de forma crescente a cidade sustentável, ainda que este conceito não seja claro, consensual, mas construído socialmente com identidades superficiais e a teatralidade ostensiva do “bem-sucedido”.

As percepções socioambientais da sustentabilidade não compõem discursos imparciais, mas apontam para tendências de grupos e legitimação de discursos; a(s) sustentabilidade(s) constitui(tuem) instituições sociais sob forma de categoria mental e representação coletiva demarcando e reproduzindo a própria organização social. De acordo com Foladori e Tomasino (2001), notam-se três visões gerais na apropriação do conceito de sustentabilidade: a) os grupos que visam às formas de desenvolvimento liberal tecnocentrista ou cornucopiana, representantes de uma sustentabilidade débil; b) os que argumentam em favor do conservacionismo radical e do socialismo verde e defendem uma sustentabilidade forte, e c) os discursos intermediários entre a e b, os denominados moderados.

Este espectro de significados envolvendo a sustentabilidade e a oscilação entre os desenvolvimentistas e os zeristas sublinha a importância de observar-se a condição humana e a função que o conceito de desenvolvimento sustentável pode apresentar como direito e dever, liberdade e ética (SEN, 1999), visto que está imbricado em uma rede de relações e impregnado de alienação (RIBEIRO, 2003).

A sustentabilidade só pode ser pensada com referência em novas relações sociais, econômicas, políticas etc., que permitam uma outra apropriação dos recursos naturais, menos voraz e mais equânime, uma apropriação marcada pela diminuição da desigualdade social e pela diminuição da miséria no mundo, fundada em uma ética na qual os seres humanos possam exercer suas capacidades criativas, sustentando e sustentados por gestões que propiciem a emersão do diálogo e da paz, em que cada um, cada grupo e a “totalidade” possam encontrar apoio para desenvolver-se e sustentar-se respeitando suas potencialidades e limites (LEFF, 2001).

Por conseguinte, a sustentabilidade ambiental como processo é um conceito aberto a novos e diferentes discursos, saberes e diversidades culturais; exige um sujeito capaz de renovar-se, estimulado a compreender e assimilar suas complexas dimensões e responsabilidades ambientais, ressignificando relações vitais.

4.3 MATRIZ INTEGRADORA E AMBIENTE VIVIDO NAS CIDADES

Todo pensamento urbanístico produzido pelos socialistas utópicos (Owen ou Fourier) e pelos tecnocratas, como Ebenezer Howard e Le Corbusier, Agache, Dioxiadis, ou pela Carta de Atenas, que veio nutrir a ideologia do plano diretor, todo esse pensamento baseia-se na crença de que na ciência (o diagnóstico e o prognóstico científicos) e na técnica (o plano diretor) é que estava a chave da solução dos ditos “problemas urbanos”. (VILLAÇA, 1999, p.187)

A citação denota que as cidades sofreram influência do conhecimento separativo e das visões funcionalistas e quantitativistas, o que redundou em planos nos quais o ser humano em geral é ambientado e reduzido às dimensões físicas, ergonômicas e funcionais. De acordo com Mori (1999), o ideário atual da constituição espacial brasileira apresenta mais continuidade que ruptura com o passado, pois o processo socioeconômico, embora renove imagens e discursos, “perpetua o descolamento entre sujeito e objeto da formação do espaço que sempre caracterizou a vida brasileira” (p.55).

Observando essa ordenação, James afirma que se trata de uma ordem “com a qual nós nada temos a fazer exceto fugir dela, o mais breve possível. Como eu disse, nós quebramo-la em histórias [...], partimo-la em artes, e partimo-la em ciências; e depois começamos a sentir-nos à vontade” (1943, p.9).

Associa-se a crise da fragmentação das faculdades do sujeito à das cidades. Para Lefebvre, são crises acompanhadas pelos conflitos das instituições em diversas escalas urbanas escolas, municipalidade, despesas, universidades,

etc.; o dia-a-dia é fragmentado em: trabalho, transporte, vida privada, lazer etc. e essa separação analítica resulta em apropriação da materialidade, na qual o ser humano vive desmembrado, dissociado, os sentidos, o olfato, o paladar, a visão, o tato, a audição, uns atrofiados, outros hipertrofiados. O autor denomina esse procedimento, cujo epifenômeno são as segregações urbanas, decupação do conhecimento e divide a segregação em três aspectos simultâneos e (ou) sucessivos: a) segregação espontânea (proveniente das rendas e ideologias); b) segregação voluntária (estabelecendo espaços separados) e c) segregação programada (sob pretexto de arrumação ou plano). Lefebvre caracteriza a separação:

Eis uma vida quotidiana bem decupada em fragmentos: trabalho, transporte, vida privada, lazeres. A separação analítica os isolou como ingredientes e elementos químicos, como matérias brutas (quando na verdade resultam de uma longa história e implicam uma apropriação da materialidade). Ainda não acabou. Eis o ser humano desmembrado, dissociado. Eis os sentidos, o olfato, o paladar, a visão, o tato, a audição, uns atrofiados, outros hipertrofiados. Eis, funcionando separadamente, a percepção, a inteligência, a razão. [...] Com toda certeza, e com a máxima urgência, é impossível continuar nessa situação. A síntese, portanto, se inscreve na ordem do dia, na ordem do século. Mas esta síntese para o intelecto analítico, surge apenas como combinatória de elementos separados. Ora a combinação não é, não é nunca uma síntese (2001, p.97-98). (grifos do autor)

Gardner (1999), ainda que dentro do reducionismo na perspectiva educacional, reconhece a dissociação entre as faculdades e afirma que conhecimento e educação, devem investigar, exercitar e entender exemplos de verdade, beleza e bondade (três domínios), pois são tão significativos aos seres humanos, que justificam-se por si mesmos, o autor afirma que: “Na ausência de tal entendimento, os indivíduos não podem participar de forma plena no mundo em que vivem” (p.17), e dá um exemplo:

Na perspectiva confuciana, que se desenvolveu mais ou menos pela mesma época, era importante que o jovem se tornasse um cavalheiro: hábil nas artes gráficas, musicais, marciais; leal a família e ao Estado; humilde, gracioso, amável, justo e cortês na companhia de quem quer que seja. Esse conjunto também só poderia resultar de uma educação ideal, que perdurasse pela vida inteira e promovesse a contínua autotransformação. Na sociedade confuciana, as áreas de beleza e bondade eram vistas

como fundidas numa só: não podia ser admitida a noção de beleza em um objeto ou pessoa que fosse, ao mesmo tempo, moralmente corrupto (1999, p.35).

Para avaliar estes três domínios o autor lança mão de três exemplos: a) Darwin, que buscou traçar estruturas explicativas, cruzando os limiares da teorização científica; b) Mozart, o artista que se movimenta entre os universos relativo e absoluto, e precisa exercer a presença entre emoções, sentimentos, pensamentos, crenças, visões, imaginação, materiais, técnicas etc., para transmitir sua obra, visto que sem domínio de meios o artista não consegue se expressar, e c) o Holocausto nazista, sobre o qual Gardner desenvolve o conceito do historiador, que trama suas análises em dados primários, secundários etc., mas somente penetra na história quando ultrapassa o registro puro de dados e se transforma em um intérprete de eventos, raciocinando sobre as conseqüências e responsabilidades das decisões.

Alerta Demo que nas escolas e universidades pouco ou nada se faz na direção do feliz, do sensível e do belo, ao contrário, sob o prisma do controle social, trabalham-se a infelicidade, a insensibilidade, e mesmo a deturpação estética da sociedade, é uma consciência pseudo-crítica.

Não se pode treinar o sábio, porque já seria instrumentalizá-lo. Isto é coisa da ciência. Mas talvez se possa formar o sábio, no sentido de auto-desdobramento, motivado pela convivência, pela prática, pela identificação cultural. A ciência se produz: a sabedoria se cria. Esta está mais para a arte, do que para a técnica (1985, p.54). (grifos do autor)²⁸

O que se funda aqui é a necessidade de avançar e portar sabedoria e ciência em conjunto. Embora Hosistesia reconheça que os domínios (subjetividade, objetividade e intersubjetividade) sejam importantes, a consciência é sempre mais ampla, transcende e inclui os domínios, **não se deve confundir os domínios, que são orientadores, com o enraizamento na consciência não-dual de base – esse o princípio fundante de Hosistesia.**

Calvino encerra sua obra *As Cidades Invisíveis* com a resposta de Pólo à observação de Khan sobre a cidade infernal, onde se drenam energias e se

²⁸ A citação importa para observar a matriz integral proposta e o estudo de caso.

sugam os esforços. O conteúdo é útil porque ratifica o defendido sobre as relações humanas e suas misérias. Neste trecho o autor corrobora a convergência entre atenção, consciência, visão de mundo e cidade:

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço (1990, p.150). (grifos do autor)

Calvino alinha-se a Varela et al. (2003), Wilber (2001a), Wilson (1999) e Gardner (1999), pois para estes são necessários melhores práticos, sujeitos mais empenhados e atentos ao mapeamento da realidade. Convergindo com a premissa da atenção estabelecida em Hosistesia e considerando o fato de que o objeto espelha ações e intenções do sujeito, a *polis* materializa os anseios dos cidadãos. Isto permite renovar o caráter clássico funcional da abordagem ambiental urbana, conforme atestaram anteriormente Villaça e Mori. Conhecer-se, enquanto conhecer significa não somente transformação no rumo de mapas mais integrais, mas também de mapeadores mais integrais, transformando os responsáveis pelos mapeamentos e pela formulação do conhecimento.

Para Frúgoli (1995), a cidade moderna carece do espírito do *flâneur*, que não se refugia, mas mergulha na massa urbana, recusa-se ao anonimato, embriaga-se na multidão, desperto e inspirado, lança olhares de atitude poética à cidade, resgata e pensa o sentido da cidade em seu ser.

Quando o sujeito passa a construir-se no inter-ser, no infinito, em relações abertas e dimensões complexas, faculta-lhe viver a cidade e o ambiente empírica e (po)eticamente, enquanto se fazem caminhadas, lêem informações; imitam exemplos de hábitos e culturas, expressam emoções no trânsito e circulações etc. Tudo isso gera um complexo conjunto de referências que se sobrepõem continuamente, as quais se percebe atentamente ou não.

Para Lefebvre (2001, p.99) “o urbanismo poderia muito bem se tornar essencial para esta prática integrativa”, mas a sociedade que planeja integração,

pratica a separação, desde os arranjos de zoneamento, à coerência organizadora, como valor e critério, revela a incoerência oculta e berrante, a coerência como obsessão de uma sociedade incoerente, a integração revela a diversidade, mas também a desigualdade. Portanto, ao retirar-se a consciência, o não-dual de cena, não surpreende que a vida pareça oca, vazia e sem dignidade, nesse sentido o ambiente não reporta somente ao ontológico, ôntico e fenomenológico, mas também ao ético em sentido superlativo, enfim não espanta que fazer ciência possa coexistir com não ter consciência, e a epistemologia ambiental com as dinâmicas dos saberes não pode menosprezar tal compromisso.

A crise humano-urbano exhibe os epifenômenos (guerrilhas, miséria, violências, bombas, roubos, degradação familiar, balas perdidas etc.) da decupação e da visão de mundo objetificante, em que a cidade, como construção de simbologias e significados arquitetônicos e humanos, materializa e vive intolerância, fanatismo e violência, que expressam as carências de valores e saberes, como paz, compreensão, diálogo, ética (MORIN, 2002).

As cidades retratam construções socioculturais enfermas em que sujeito e sociedade expurgam essa desarmonia em si mesmos ambientalizando esse adoecimento ao plasmarem crises urbanas.

Esses (des)encontros, tensões e interesses de diferentes grupos no meio urbano com variegados saberes, percepções e significados sociais colocam em xeque os modelos de planejamento urbano, o conhecimento tradicional disciplinar especializado e, sobretudo, o modelo de desenvolvimento socioambiental pouco criativo e excludente, que viceja nas construções humanas-urbanas. Esta (des)integração, quando transposta do ser humano para o social no urbano, revela que certos grupos sociais não têm vida integrada, não fazem parte da vida social e política, e sob estes termos a integração do sujeito em uma ampla sociedade se dá também pela percepção de seu esquecimento (BECK, 1999).

Antes de iniciar uma reforma urbana, como propuseram os funcionalistas objetificadores de outrora, vale observar se não compete aos gestores incorporar o (des)envolvimento integral (não-dual), engendrando transformação a partir das

plagas da consciência, como reconhecimento das potencialidades que jazem adormecidas e alienadas nos cidadãos (ARENDDT, 2001).

Hosistesia, ao integrar consciência, sociedade e natureza, remete à sustentabilidade, ainda mais complexa, porque integra desenvolvimento humano e ambiental. Pois observar a sustentabilidade sob o prisma da matriz é asseverar ambigualmente que há sustentabilidade em complexificação a ser construída; e sustentabilidade infinita (WILBER, 1987), não fundada, que está além e presente na complexificação e não é da ordem do construível, mas da consciência sempre além e presente. A apreensão desta constante estesia em fluxo do ambiente preconizada na matriz compreende uma sustentabilidade, em que para se estar onde se está, precisa se estar onde não se está, uma sustentabilidade que é ser o que se é sendo o que não se é, e, portanto, considera que o que não se tem é o que se tem.

Hosistesia permite à sustentabilidade tornar-se vivida. Por ser sustentabilidade-estesia é de difícil compreensão quando reduzida à apreensão por palavras e conceitos, dada a fragilidade destes. Entretanto, porque é empírica, por possuir categorias de verificação e incorporar sujeito-consciência-ambiente, permite ao indivíduo sustentar e sustentar-se nos limites do devir, em constante reencontro com a ética ambiental em complexificação, que exalta a liberdade-responsabilidade de consciência de cada passo, no caminhar. Essa ética de um sujeito em fluxo não deve ser ética do nomadismo, pois esta é irresponsável e não vincula verdadeira e eticamente sujeito e ambiente, mas deve ser ética do andarilho que se sabe responsável pelo rastro ambiental que deixa e pelo futuro em aberto que o aguarda (GALIMBERTI, 2003).

Um elemento simbólico que torna mais evidente esse espírito de liberdade e consciência (Hosistesia) é o décimo quadro da história do pastoreio do boi, usado nas representações do Zen. O sujeito após passar pelas seguintes fases de desenvolvimento ou despertar de consciência: a) adormecimento; b) busca para encontrar a si mesmo; c) compreensão sua natureza ilimitada; d) entra na Praça do Mercado, que é representação do mundo (da cidade, do ambientes), seguindo seu caminho consciente, com abertura e serenidade, sentindo-se em casa. O texto

que corresponde a essa imagem afirma: “Com o peito descoberto e descalço, ele entra na Praça do Mercado. Enlameado e empoeirado, como sorri mostrando os dentes! Sem recorrer a místicos poderes, faz árvores secas florescerem de repente” (KAPLEAU, 1978). Ver FIGURA 11.

FIGURA 11
AMBIENTE VIVIDO



FONTE: Kapleau (1978)

Esse espírito de sujeito não se revela em tola ataraxia, mas exige presença, verticalidade, atenção e consciência, para que o indivíduo se capacite a despertar e averiguar-se sendo no mundo; é exercício que incorpora a consciência e orienta relações subjetivas, intersubjetivas e objetivas, que sua natureza urbana e existencial lhe apresentam. Ao retomar Guatari, pode-se afirmar que em Hosistesia o sujeito - consciência é capaz não só de restaurar a cidade objetiva, mas principalmente de restaurar as cidades integral, no exercício e plenificação das suas faculdades.

O interser preconizado em Hosistesia (ou ambiente = 'ser + não ser + consciência'), porque não-dual, faculta à cidade tornar-se vivida como forma de conhecimento.

O sujeito desatento não sabe abrir espaço e fruir a cidade, pois não reconhece sua realidade básica, e uma das possibilidades de renovar esse contato em fluxo e reciprocidade humano-urbano é a retomada da estesia-conhecer-compaixão preconizada.

O indivíduo incorpora a cidade como experiência a ser observada e conhecida ao mesmo tempo em que se observa e se conhece. Isso permite uma abertura, um fluir conjunto entre experiência humana e urbana, o que significa assimilar de forma integrada cidade e cidadão, para que este experimente também a cidade do não tempo, a cidade fluxo, que constituem a dimensão do significado e da poética do próprio ambiente. Em outros termos, o indivíduo passa a sentir a cidade, ao mesmo tempo em que é sentido para ela, passa a reconhecê-la enquanto se reconhece perceptiva, mental e intencionalmente. De sorte que a visão integradora, ao assimilar ser e mundo, engendra uma perplexidade própria do vital, quando então a cidade ressurge como fluxo inclusive educativo, um perceber-aprendizagem empírico, ontológico, estético e principalmente ético em que ambiente e cidade denotam o quanto há por se aprender nessa assimilação comum.

CAPÍTULO 5

BAIRRO ALTO E UPI

5.1 REFERÊNCIAS SOCIOAMBIENTAIS

A instituição escolhida para estudo de caso é a Unidade de Promoção Integral (UPI), que opera um programa de interface socioambiental urbana, cuja premissa operacional é a **visão integral** e tem por missão promover **famílias em situação de miséria urbana**, que vivem no Bairro Alto e imediações, onde está localizada a instituição. A UPI é de central interesse para o trabalho²⁹, não só por oferecer um panorama das condições de vida em Curitiba, mas também porque relaciona problema e hipótese (miséria urbana – aplicação da visão integral).

O recorte espacial definido é o Bairro Alto, cujo nome se explica por ocupar uma das regiões mais elevadas da capital paranaense. O bairro tem área de 701,8 ha, limitando-se com os bairros do Atuba, Tingüi, Bacacheri, Jardim Social, Tarumã, Capão da Imbuia e com o município de Pinhais (FENIANOS, 1999). VER FIGURA 12.

Embora o recorte histórico seja o momento atual, cabe recuperar brevemente a história recente do Bairro Alto. Na década de 1970, contabilizava cerca de 10 mil habitantes, vivendo em ambiente predominante de campos com residências de madeira esparsas em amplos lotes, na época duas linhas de ônibus ligavam o bairro ao Centro de Curitiba. Nos anos 80, abriram-se novas

²⁹ As informações das entrevistas por telefone em junho/julho de 2004 junto a órgãos do Paraná e Curitiba, Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMMA), Universidade Livre do Meio Ambiente (Unilivre) e Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA), eram de que estes não dispunham de programas com matrizes ou visões integrais; somente a Unilivre (04/07/2004) apresentou o programa “Ecos”, parceria com a Secretaria Municipal da Educação, no contraturno escolar, para crianças e adolescentes, cujo conteúdo é educação, percepção e representação ambiental em Oficinas de Criação, mas que não contempla a visão integradora.

ruas, criaram-se mais linhas de ônibus, ao tempo em que obras de infra-estrutura, como a ponte de concreto sobre o rio Bacacheri e o Módulo Policial, eram entregues à comunidade. Da década de 1990 aos dias atuais, verifica-se o surgimento de inúmeros sobrados que marcam o bairro e as imediações até o momento; nesse período, inaugura-se o terminal de ônibus e o Posto de Bombeiros do Bairro Alto. Em 2000 o bairro registra uma população de 42.033 habitantes, ano em que Curitiba apresenta 1.587.315 habitantes (IPPUC, 2004; FENIANOS, 1999).

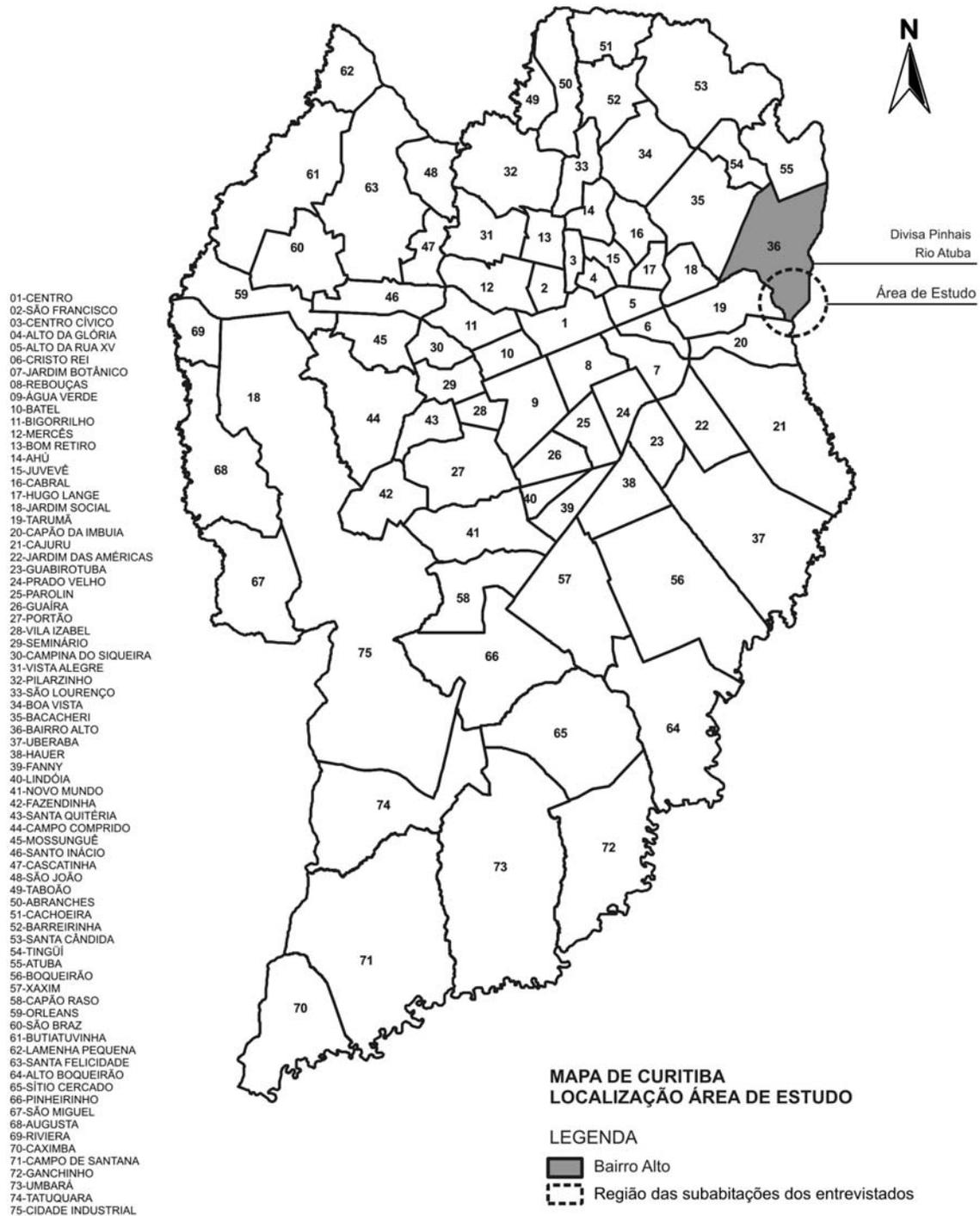
Entre as referências socioespaciais do bairro podem citar-se:

- a) os Rios Negro e Atuba – em suas margens situam-se ocupações irregulares e subabitações de diversas famílias em condição de miserabilidade, sujeitas à enchentes, rios que transformaram-se em esgoto;
- b) as moradias às margens desses rios possuem ruas e vielas sem pavimentação, com poeira em suspensão nos dias de temperatura elevada;
- c) situações de risco e vulnerabilidade socioambiental (além das enchentes e da condição social do morador), há a linha de alta tensão vizinha ao Rio Atuba passando sobre várias moradias;
- d) BR 116, como elemento de segregação espacial da região;
- e) edificações predominantemente habitacionais com os já citados conjuntos de sobrados, permeados de serviços e comércios de bairro, em geral essas edificações possuem baixos gabaritos de altura com infra-estrutura viária de ruas asfaltadas e saibro (VER FIGURA 13 a 18).³⁰⁻³¹

³⁰ Deschamps (2004), ao analisar a vulnerabilidade socioambiental na RMC, identifica no sul do bairro, nas margens do rio Atuba (área de pesquisa), região que continua sujeita a inundações.

³¹ O Ippuc registra no bairro o seguinte sistema de equipamentos urbanos: dois Faróis do Saber, cinco Centros de Educação Infantil, um Centro de Educação Integral, duas Escolas Municipais, três Escolas Estaduais, duas Escolas Municipais, seis Escolas Particulares, uma Instituição de Ensino Superior, duas Unidades com Programa de Integração Infância Adolescência, um Terminal de Transporte, duas Unidades Municipais de Saúde, dois Hospitais e cinco Igrejas (2005). Verifica-se no Mapa da Pobreza de Curitiba (IPPUC, UFPR, IPARDES, 1997) que, em termos gerais, o bairro apresenta, dentro dos critérios adotados para avaliação entre bom, razoável, crítico e muito crítico, as seguintes condições; a) **domicílios** – razoável; b) **saneamento básico** – razoável; c) **social do morador** – razoável; d) **serviços** – crítica; e) **educacionais** – crítica; f) **saúde** – crítica; g) **transporte coletivo** – crítica.

FIGURA 12
MAPA DE LOCALIZAÇÃO



FONTE: Adaptado por Adam (2005), de Ippuc (2003)
Escala: 1/150.000

FIGURA 13
AEROFOTO PONTOS DE INTERESSE - BAIRRO ALTO



FONTE: Adaptado por Adam(2005), de Ippuc(2005)

FIGURA 14
BAIRRO ALTO - RIO NEGRO



FIGURA 15
BAIRRO ALTO - MARGEM ATUBA



FIGURA 16
BAIRRO ALTO - MARGEM ATUBA / REDE ALTA TENSÃO



FONTE: Adam(2004)

FIGURA 17
BAIRRO ALTO - SOBRADOS



FIGURA 18
BAIRRO ALTO - ÁREA DE COMÉRCIO



5.2 UNIDADE DE PROMOÇÃO INTEGRAL

Damergian ratifica a importância de instituições como a UPI, cuja missão é o resgate do ser humano que vive nas cidades, descaracterizado como sujeito e alienado de suas relações. Segundo a autora,

é preciso criar pequenos grupos em centros comunitários, por exemplo, liderados por pessoas dotadas de consciência humanista (se não totalmente, pelo menos em grande parte), éticas, amorosas, que sirvam como modelos identificatórios saudáveis, construtivas, que ajudem as pessoas a refletirem sobre si mesmas, a se desalienarem internamente, a entrarem em contato com seus desejos e sentimentos. A desalienação interna é necessária para o passo seguinte, a desalienação externa, que permite olhar criticamente para o social, buscando a verdade que se esconde atrás das camadas de mentiras e ilusões que a ideologia oficial cria e a mídia propaga (2001, p.114).

As categorias de análise objetiva, subjetiva e intersubjetiva, que, em parte, configuram a visão integral elaborada, em certa medida são corroboradas e espelham-se no tratamento que a UPI confere à miséria e ao ser humano, visto que observa em sua visão integral a miséria nos seguintes aspectos: a) **materiais**, necessidades como alimentação, medicamentos, manutenção da residência, renda insuficiente e(ou) descontinuada, dívidas; b) **sociais**, carências em conseguir apoio junto à comunidade e inserção social; c) **morais**, problemáticas associadas a vícios, alcoolismo, prostituição, drogas, violência; d) **espirituais**, dificuldades ligadas a vinganças, ódios, autodestruição, processos depressivos, repentinas mutações de humor e de personalidade (VER FIGURA 19).³²

A UPI, também denominada Casa de Joana D'Arc, é uma organização não governamental que tem como mantenedora o Lar Fabiano de Cristo, com sede na cidade do Rio de Janeiro, e segue o planejamento de trabalho social padrão da mantenedora, fundamentado em uma metodologia denominada Educação Integral, que, segundo a instituição, considera:

³² As associações entre as categorias de análise e o estudo de caso são: a) subjetividade – aspectos espirituais e morais; b) intersubjetividade – aspectos morais e sociais; e c) objetividade – aspectos materiais e sociais. Os registros de pesquisa efetuaram-se entre março e dezembro de 2004.

a totalidade da pessoa humana, constituída por suas várias dimensões (física, emocional, intelectual e espiritual), que se influenciam reciprocamente. A Educação do Ser Integral é uma metodologia educacional, fundamentada na visão holística do ser humano, e que objetiva estimular o desenvolvimento harmonioso das dimensões dessa totalidade individual e da sua integração com as totalidades maiores de que faz parte: social, ambiental, e cósmica. [A Educação do Ser Integral beneficia] particularmente aos grupos socialmente carentes das grandes cidades, mais expostos às influências desagregadoras, pois é um processo de ajuda na formação de um sistema de valores ético-morais. Sabemos que não é fácil superar as influências culturais e sociais, a não ser que haja aceitação plena de outros valores. Este, na verdade, o grande desafio da Educação do Ser Integral. Mas, partimos da convicção de que todos, sem exceção, trazemos 'os germes do bem e do belo', que podemos gradativamente desenvolver (LAR FABIANO DE CRISTO, 2001).

Conforme anteriormente dito, o recurso metodológico adotado são os da pesquisa participante e da trajetória de vida (MUNIZ, 2001), que permitem investigar, analisar e debater significados, atitudes e valores, por meio de vivências junto a comunidades e a pertinência de um programa integral no resgate social. A análise de dados, discussões e resultados compreendem cinco estâncias:

- a) junto à equipe de trabalho da UPI, para observar a aplicação da visão integral;
- b) observação do programa integral, para identificar a prática integral;
- c) junto aos indivíduos em promoção, nestas primeiras situações para analisar o programa integral na prática, fato verificado por meio de entrevistas e participação nas atividades de promoção;
- d) junto às famílias promovidas por meio de visita domiciliar e entrevistas, para constatar as transformações vividas pelos sujeitos considerados promovidos, assim como suas impressões sobre os programas da UPI;
- e) discussão e avaliação geral da visão integral.

5.2.1 Ingresso das Famílias e Programas de Apoio

O ingresso das famílias na UPI dá-se da seguinte maneira: a) as famílias procuram a UPI e as assistentes sociais detectam a condição de miséria familiar urbana; b) as famílias são entrevistadas pelos atendentes do serviço social, que explicam como funcionam os programas de apoio e a partir das necessidades familiares, momento em que se planeja o futuro familiar, quando UPI e família se responsabilizam pelo processo de promoção; c) faz-se o estudo integral da família, um plano de qualidade de vida que avalia as dimensões sociais, espirituais, morais e materiais da miséria familiar; d) são traçadas metas e ações educativas e de apoio para inserção social, com a participação dos indivíduos em programas de apoio; e) são estabelecidas pelos assistentes sociais junto às famílias metas para serem cumpridas em um, três e cinco anos, tempo máximo de permanência das famílias na UPI, período no qual é feito um acompanhamento periódico de três em três meses para avaliação do cumprimento das metas (VER ANEXO - PLANO DE QUALIDADE DE VIDA – PQV – E ACOMPANHAMENTO DO PLANO DE QUALIDADE DE VIDA).³³

O cumprimento das metas é avaliado pela equipe da UPI, quando esta compara: a) a situação de miséria (moral, espiritual, material, social) observada no contato inicial e anotada no PQV; b) a execução dos objetivos traçados no PQV em curto, médio e longo prazo; c) o quadro que a família exhibe periodicamente, por exemplo, em termos de melhoria de qualificação profissional, empenho escolar, higiene, alimentação, habitação, vestuário, saúde etc.

Com essas informações, segundo os assistentes da UPI, afere-se o progresso do quadro familiar em termos de conquista de dignidade humana, fomentada pelos programas de apoio.

Nota-se que a denominada promoção social não pode se desvincular do desenvolvimento individual e familiar, que atesta o compromisso comum.

³³ Para observar a síntese das carências apresentadas pelas famílias inscritas no Programa no ano de 2004, ver **TABELA 4**.

Na UPI as famílias passam por dois programas de apoio compostos por um rol de ações reparadoras estruturadas do seguinte modo (para detalhes, ver FIGURAS 19 a 23):

I. **Programa de Apoio Sociofamiliar** - composto por três sub programas:

- a) **Social e Familiar**, com acompanhamento periódico de psicólogos, assistentes sociais nos atendimentos e visitas para verificação e apoio ao cumprimento das metas e necessidades básicas;
- b) **Apoio à Cidadania**, organizando documentos, registros e aspectos legais;
- c) **Necessidades Básicas**, atendimento médico, odontológico, psicológico e alimentar, este com nutricionistas e cestas básicas.

II. **Programa de Apoio Socioeducativo**, composto por três subprogramas:

- a) **Profissionalizante** Guarda Mirim (7 a 14 anos) e Guarda Sênior (14 anos em diante), com atendimentos em informática, noções básicas de higiene, saúde, boas maneiras e a educação do Ser Integral pautada no desenvolvimento dos valores;
- b) **DECAE** (Desenvolvimento Criativo de Apoio Escolar), reforço escolar dirigido a estudantes de 7 a 11 anos;
- c) **Educação Infantil**.

Para desenvolver esses programas, a UPI conta com quadro de: a) **funcionários** – um motorista, três assistentes sociais e dois estagiários de serviço social, seis pedagogas, dois administradores, duas cozinheiras, duas faxineiras, uma psicóloga –; e b) **voluntários** – um médico, quarenta dentistas e aproximadamente quarenta pessoas atuando nos programas.

FIGURA 19

DIAGRAMA VISÃO INTEGRAL E PROGRAMAS DA UPI

Entrevistas e reuniões para avaliação dos trabalhos da UPI, levantamento das necessidades das famílias que se transformam em programas de apoio (reflexões e inovações na aplicação do programa).

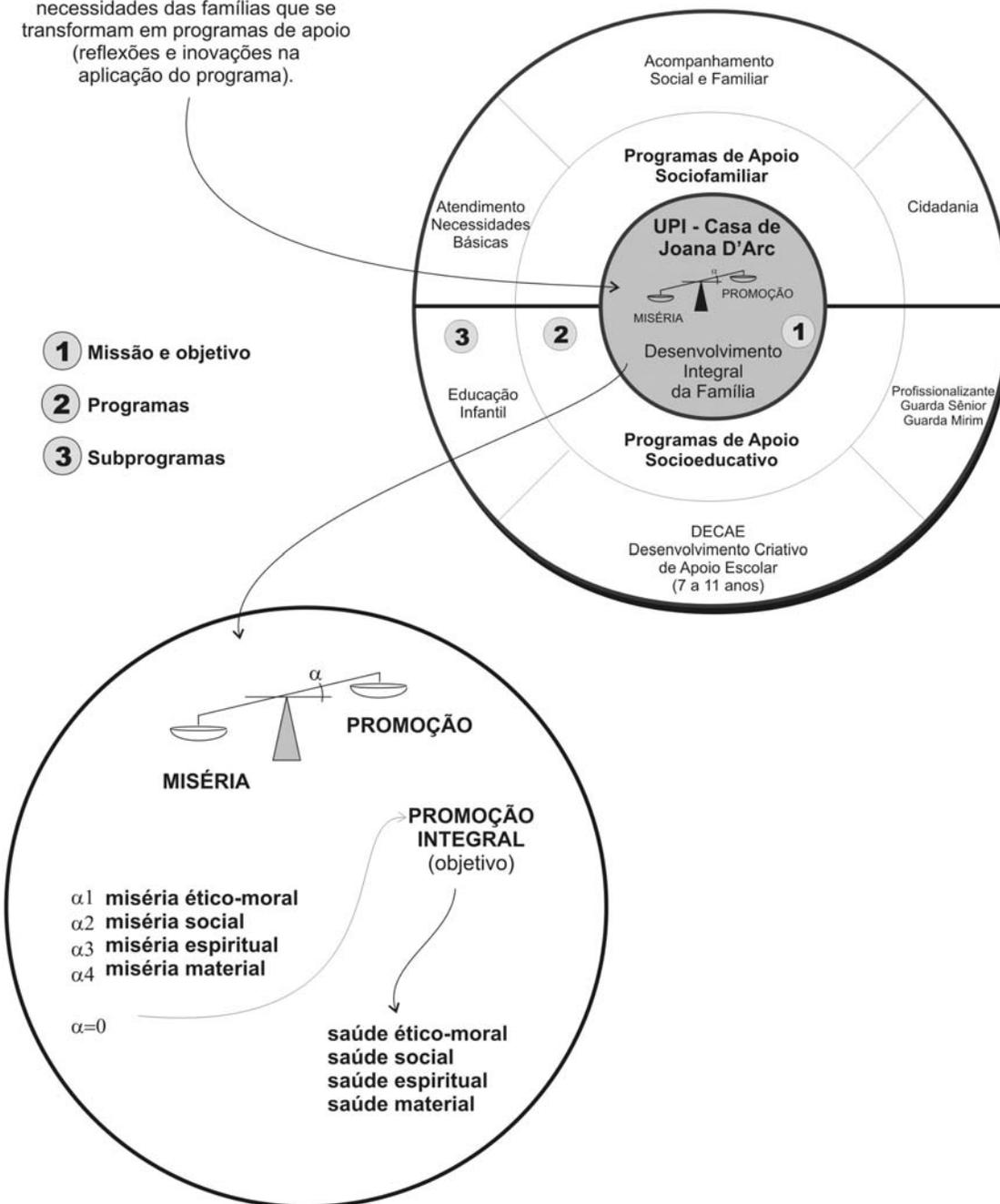


FIGURA 20

ESQUEMA FUNCIONAMENTO DOS PROGRAMAS DA UPI

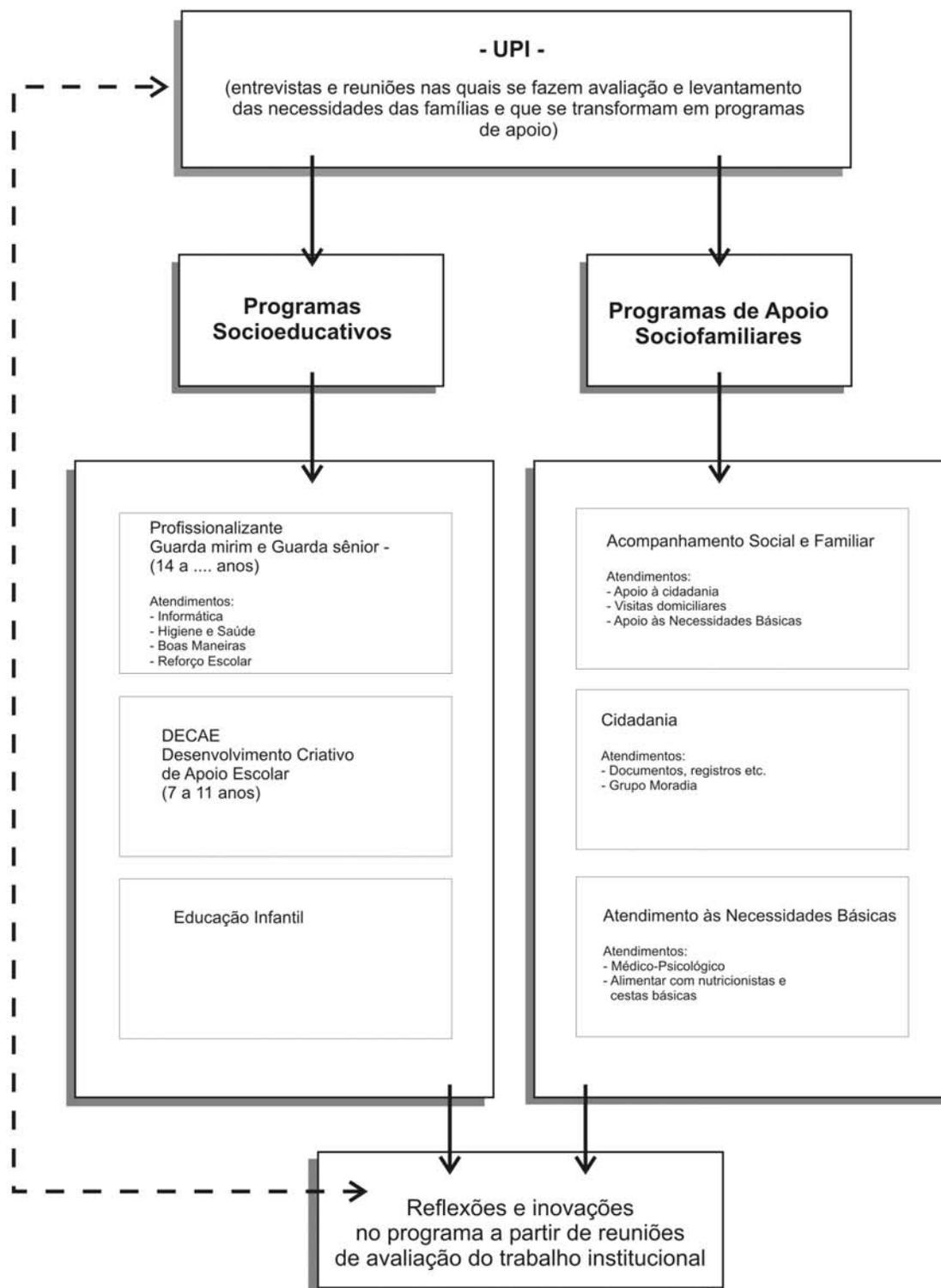


FIGURA 21
UPI - ACESSO



FIGURA 22
UPI - ACESSO



FIGURA 23
UPI - PÁTIO INTERNO



TABELA 4
CAUSAS GERADORAS DA MISÉRIA FAMILIAR / UPI - 2004

FAMÍLIAS INSCRITAS EM 2004	CAUSAS GERADORAS E CONDICIONANTES DA MISÉRIA CARÊNCIAS APRESENTADAS
01 - 8 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, vestuário, desemprego-profissionalização, documentos (RG, CPF, aposentadoria)
02 - 6 pessoas	Medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, documentos (RG, CPF, certidões etc.), transporte
03 - 5 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, tabagismo
04 - 4 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, vestuário, desemprego-profissionalização, habitação, mobiliário, utensílios
05 - 8 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, habitação, documentos (certidões)
06 - 6 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, alcoolismo
07 - 3 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, habitação, vestuário
08 - 4 pessoas	Medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, habitação
09 - 8 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, vestuário, mobiliário, alcoolismo
10 - 4 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, habitação, documentos (aposentadoria), alcoolismo, tabagismo
11 - 4 pessoas	Medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, documentos (RG, CPF, certidões etc.), vestuário, mobiliário
12 - 2 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, habitação, documentos (RG, CPF, certidões etc.), vestuário, sociabilidade
13 - 5 pessoas	Escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, habitação, documentos (RG, CPF, certidões etc.)
14 - 6 pessoas	Medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, documentos (RG, CPF, certidões etc), mobiliário, vale-transporte
15 - 6 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, habitação, documentos (RG, CPF, certidões etc.), vestuário, tabagismo
16 - 3 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, habitação, documentos (aposentadoria), mobiliário
17 - 7 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, habitação, documentos (RG, CPF, certidões etc.)
18 - 4 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, vestuário
19 - 8 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, desemprego-profissionalização, habitação, documentos (RG, CPF, certidões, etc), vestuário
20 - 4 pessoas	Medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, documentos (RG, CPF, certidões etc.), mobiliário
21 - 5 pessoas	Alimentos, medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, documentos (RG, CPF, certidões etc.), vestuário
22 - 4 pessoas	Medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, documentos (aposentadoria), mobiliário, informação geral
TOTAL - 114 pessoas	Dados mais representativos - medicamentos-saúde, escolaridade-analfabetismo, desemprego-profissionalização, documentos, alimentos, habitação

FONTE: Adam (2004)

Obs.: dados coletados pela equipe da UPI (2004), a identificação das famílias foi preservada.

- **Medicamentos-saúde** - dermatose, alergia, asma, bronquite, dentes cariados, dificuldades visuais e auditivas, recuperação saúde mental, necessidade fisioterapia, tabagismo e alcoolismo.
- **Escolaridade-analfabetismo** - baixa escolaridade e analfabetismo, necessidade de acompanhamento escolar.
- **Desemprego-profissionalização** - falta de qualificação profissional.
- **Documentos** - falta de RG, CPF, certidões, aposentadoria, necessidade de encaminhamento.
- **Habitação** - sujeita a enchentes, sem sanitário, pequena, necessidade de material de construção para obra, registro e regularização.

5.2.2 Treinamento e Participação na UPI

Para participar do Programa Integral da UPI foram necessários treinamentos com voluntários e funcionários, que habilitaram e permitiram investigar as características, as limitações, as potencialidades e os discursos dos sujeitos em fase de promoção.

Entre as situações apresentadas pelas famílias, a equipe de trabalho da UPI demonstra equilíbrio, participação, dinâmica, presteza e compreensão com os atendidos; a equipe de trabalho tem consciência de que seus exemplos vividos educam.

Para atingir as metas de trabalho e cumprir a missão da promoção integral, a equipe de voluntários e funcionários reúne-se e avalia constantemente o andamento dos trabalhos, assim como a eficiência e pertinência dos programas de apoio, diante das dificuldades de todo gênero que surgem por conta das diferenças religiosas, da evasão de alguns atendidos, das limitações pessoais dos integrantes da equipe, entre outros fatores.³⁴

5.2.3 Encontros com Sujeitos em Promoção

A participação nos encontros com as pessoas em situação de miséria, no programa integral, remonta às necessidades socioambientais urbanas mais prementes das populações envolvidas em situações de miséria.

³⁴ Para realizar a pesquisa na instituição, foi necessário, em 2004, passar por quatro encontros de treinamento com os funcionários e voluntários (motoristas, cozinheiras, faxineiras, psicólogas, assistentes sociais, pedagogas etc.). Nos encontros há partilha de sentimentos e emoções que emergem nas vivências do treinamento. Diálogo e reflexões são fundamentais nessa experiência de grupo; com as assimilações subjetivas e intersubjetivas decorrentes pode-se compreender a diferença, o outro que passam a resvalar no eu. O treinamento avalizou a participação no Programa Socioeducativo Guarda Sênior (14 anos até...), para observar e avaliar os componentes dos grupos familiares em situação de miséria parte do programa integral.

Os encontros para Educação Integral,³⁵ do qual participam entre dez e quinze pessoas em promoção e dois educadores-facilitadores, duram aproximadamente uma hora por semana e são embasados em metodologia de dinâmicas de grupo, que mescla reflexões: vivências em valores; harmonizações e relaxamentos; escrever, contar e partilhar histórias (inclusive histórias de vida); expressar-se diante de variados temas, como família, sentimentos, meio ambiente, emoções etc.; fatores que induzem a reflexões sobre ser e relações no mundo (FLORIANI e KNECHTEL, 2003).

Experimentar valores em grupo por meio da partilha de situações de vida, viabilizada nos exercícios-vivências anteriormente descritos, faz aflorar significados e conteúdos interiores ligados a valores como humildade, amizade, perdão etc., experiências que, integradas às reflexões e discussões, se espera sejam transformadas em autocrítica e terminem por despertar os indivíduos para seus potenciais. Um exemplo destes exercícios é a solicitação aos participantes que elaborem uma história em que o orgulho possa vir a causar dificuldades no trabalho ou na família. Dessa forma, fomenta-se um processo de análises e reflexões individuais e em grupo.

Cabe ponderar, conforme assevera Demo (2002), que essas vivências não devem ser um mero alívio de tensões para uma sociedade que vive sob estresse, mas devem auxiliar na auto-avaliação, para que os sujeitos possam observar, sentir, analisar e refletir a respeito de seus desejos, significados, impulsos, discursos e destinos.

As experiências em grupo são elaboradas justamente porque esses sujeitos apresentam dificuldades na expressão das histórias de vida, tanto por sentirem-se negligenciados pela sociedade, o que os faz reprimir seus sentimentos e emoções, quanto pelas dificuldades de expressão (corporal, oral, emocional). Desse modo, seus relatos são verbalizados por meio de frases truncadas e freqüentes repetições de palavras. Diante dos valores humanos e da expressão dos conteúdos do mundo vivido, emoções, memórias e sentimentos reprimidos, relacionados com aspectos interpessoais estabelecidos em relações de família

³⁵ A participação nesses encontros ocorreu semanalmente em 2004.

(pai-mãe-filho), de trabalho (patrão-empregado) etc., os atendentes salientam que em virtude desse procedimento o sujeito pode apresentar tendência à fuga da autopercepção, inibindo a autotransformação e, por fim, a promoção.

Em vista das dificuldades apresentadas anteriormente, notam-se os indivíduos sempre operando com suas percepções, valores e atitudes (TUAN, 1980; 1983), e também com a reflexão sobre as conseqüências sociais e para si oriundas dessas percepções (VARELA et al., 2003); em suma, conteúdos e visão de mundo dos participantes entram em processo de análise.

De acordo com os coordenadores da UPI no enfrentamento das vicissitudes da vida urbana, dois quadros se apresentam: a) **sem autocontrole** – corpo/mente/emoções –, os indivíduos não sabem o que fazer nem como agir e proceder, intensificam-se desespero e dificuldades; b) **com autocontrole** – o indivíduo educa-se e capacita-se para o enfrentamento das circunstâncias e adversidades vividas na cidade – **isso é significativo para Hosistesia, porque remete ao despertar da consciência da incorporação de ambiente-indivíduo, o que corrobora a hipótese da matriz.**

Por incidir na reflexividade ser-mundo, desenvolvimento humano é ambiental (MORIN e KERN, 1995; FLORIANI e KNECHTEL, 2003).

Nos encontros com os indivíduos em fase de promoção vislumbra-se um quadro de variada gama de emoções e condutas, como amizade, timidez, diferentes humores diante das próprias dificuldades, fatos que só se explicam com o exercício e a restauração da subjetividade na cidade (TASSARA, 2001; CASTRO, 2001).

A natureza do procedimento incorpora o eu. Segundo Demo,

Não podemos fabricar consciência nos outros, porque seria nossa, não dos outros [a complexidade na aprendizagem não é feita de modo linear] um ensina outro aprende, cada qual em seu próprio lugar estanque; um fala, outro escuta; um cospe matéria, outro toma nota; um dá ordens, outro faz prova. Entretanto não somos capazes de eliminar o instrucionismo [contudo as pessoas não se reduzem ao que se ambiciona reduzi-las] Pode-se ver isso na imagem preferencial do 'bom menino' – aquele que obedece alegremente, não põe resistência, não conturba o sistema. A glória da mãe e da professora, embora para a sociedade, seja apenas mais um. Não contribui para alternativas sociais. [...] Saber

pensar exige, em seu âmago mais característico, autonomia, emancipação, projeto próprio de vida e sociedade (DEMO, 2002, p.134-135-137).

Nota-se na UPI, conforme as entrevistas e vivências, que um programa integral se estabelece de fato quando promotores e promovidos assumem responsabilidades. O fato de existir, por um lado, disposição de auxiliar e, por outro, carência de modo algum redundam em sucesso na ação de resgate; resultados e promoções não surgem *a priori*, ao contrário dão-se em diferentes intensidades, com repostas sob formas inesperadas segundo os próprios participantes, o que faz com que a matriz integral se configure também como processo educativo, de desenvolvimento individual, familiar e conseqüentemente ambiental-urbano.

CAPÍTULO 6

TRAJETÓRIA DE VIDA - ENTREVISTAS



FONTE: Adam(2004)

6.1 “AÇÃO PROMOCIONAL - REFLEXÃO, CUIDADO E AMOR”³⁶

ENTREVISTA ROSA

Coordenadora UPI

Rosa³⁷ ocupa o cargo de coordenação e possivelmente é a mais experiente da unidade na compreensão dos dois lados da realidade de um programa integral, a dizer: o da formação da equipe promotora e o da promoção social dos sujeitos. Pela responsabilidade de coordenar, é obrigada a compreender a extensão e a intenção do programa, assim como seu cumprimento.

Por sua visão abrangente e experiência de coordenação, esta entrevista apresenta importante síntese do processo vivido pelo sujeito, válido não só para a instituição, mas também passível de ser adaptado a outras situações.

Segundo Rosa, desde a chegada das famílias na instituição há necessidade de um processo de criação de vínculos e estabelecimento de confiança. Esse procedimento de inserção da família na UPI é feito por meio de uma projeção sobre o futuro familiar, quando a família discute e elabora seus sonhos e suas futuras metas, o que é discutido com as assistentes sociais. Dentro dessa visão de porvir, o trabalho desenvolvido na instituição é apresentado e as responsabilidades pela promoção são partilhadas entre família e UPI.

Por isso o momento de ingresso na UPI, para Rosa, exige saber receber, para que as relações se efetivem; caso fracassem, via de regra, ocorre desistência por parte das famílias. No entanto, os atendentes da UPI não permitem que o

³⁶ Observar que: a) as citações das entrevistas são destacadas em itálico para ênfase de leitura, e b) as datas de ingresso e saída das famílias e sujeitos promovidos entrevistados – itens 6.2 ao 6.7– denotam imprecisão, mas entrevistas com funcionários da UPI indicam que a promoção dessas famílias provavelmente ocorreu entre os anos 2000 e 2001. Deve-se considerar que certos dados e informações referentes às famílias ainda estão em processo de digitalização e organização, e mesmo a equipe da UPI modificou-se no período.

³⁷ Rosa, coordenadora da UPI, entrevista 03 ago. 2004. Ver ANEXO. As fotografias que antecedem as entrevistas são da UPI e da região onde habitam os entrevistados.

desenlace do programa ocorra com facilidade, chamam a família para dialogar e propor reflexões. Sobre esse contato inicial, diz ela:

“Saber receber as famílias é muito importante, pois é o momento que criamos os vínculos, por isso ficamos mais rigorosos, seletivos e com mais tempo para esta apresentação inicial. E não deixamos a coisa esfriar, depois desta primeira entrevista logo passamos ao segundo encontro, para realmente efetivar o processo”.

Esse compromisso assumido em conjunto orienta-se pelo PQV, que traça um quadro da família para verificação dos aspectos apresentados em suas condições de miséria, sociais, espirituais, morais e materiais. A partir dessa avaliação, as famílias são inseridas nos programas de apoio.

O trabalho passa por constantes e periódicas revisões para que a missão da promoção na superação dos fatores geradores de miséria seja atingida.

Rosa afirma, apesar da experiência, que se impressiona com as situações de sobrecarga emocional acumulada apresentadas pelas famílias em anos de angústias, repressões e perturbações de sentimentos e emoções, convívio com alcoolismo, drogas, violência, problemas de nutrição etc.

Segundo Gonçalves (2002), certas populações são vítimas de neurose do fracasso, referindo-se às várias tentativas frustradas vividas pelo sujeito, que passa a acreditar que não mais consegue realizar seus sonhos.

Nas palavras da entrevistada:

“A carga emocional acumulada em anos e anos de angústia, quando começamos a conversar, eles põem anos de repressão de sentimentos e emoções para fora, muito tempo convivendo com muitas dificuldades alcoolismo, drogas, violência, problemas de nutrição... Eles chegam na instituição dizendo que aqui é a última esperança, pois foram buscar auxílio em outros lugares e foram maltratados e negligenciados. Frequentemente as pessoas pertencentes às famílias atendidas pelo programa dizem: ‘aqui a gente se sente bem’, ‘aqui a gente é bem tratado’, ‘vocês entendem a gente’, ‘vocês animam a gente’. Eles chegam no fundo do poço, é uma situação de derrotismo, pois estão completamente desintegrados do contexto social. Nós temos uma preocupação com o bem-estar dos filhos, é mais do que só educar, criamos vínculos e confiança, para promoção”.

A coordenadora adverte que as famílias atendidas sentem a afetividade e a técnica com que o trabalho é feito, fato crucial para a humanização do indivíduo, porque, segundo Damergian (2001), o faz sentir-se compreendido e estimado.

É importante ressaltar o surgimento destes fatores, como emoções, fracassos, sentimentos etc., porque em geral os números e dados das pesquisas estatísticas e quantitativas nem sempre detectam e revelam estas referências, desumanizando a análise dos fatos.

Rosa afirma:

“Todos somos agentes transformadores, responsáveis e cobrados [...] buscamos desenvolver juntamente amor e técnica. Todos somos instruídos a desenvolver o terapeuta, que cuida e que zela. E as pessoas sentem o amor”.

De acordo com Morin e Kern (1995), qualquer tipo de desenvolvimento deve considerar o ser humano e, segundo os autores, para tal é necessário: “Viver com compreensão, solidariedade, compaixão. Viver sem ser explorado, insultado, desprezado” (p.113). Estes autores ratificam a matriz integradora proposta, ou seja, que as finalidades do desenvolvimento dependem de imperativos éticos.

Em uma sociedade em que os sujeitos se tornam objetificados, por meio de senhas, números, documentos, registros etc., suas variadas e complexas realidades são reduzidas, e a consciência segue apartada como dimensão ambiental.

A entrevistada, ao comentar sobre as famílias, faz alusão à desagregação familiar, fato urbano comum que relaciona falta de compromisso e responsabilidades sociais com a estrutura da família. Esse descaso é notório pela falta de controle que os pais apresentam em relação à educação dos filhos, pelo contato destes com as realidades apresentadas pelas grandes cidades, abandono, drogas, violência etc. Processo familiar que se repete de pai para filho:

“Você sabe que muitos não têm controle sobre os filhos, e sobre a educação dos filhos, os meninos ficam nas ruas em situação de abandono. Já registramos situações difíceis por aqui, crianças, meninos com registros na polícia, teve uma

época que havia dois aqui, não dá, se eles tiverem espírito de liderança, todos os outros acabam influenciados”.

Recordando Adorno e Horkheimer (1985, p.211-212), a família pode ser a “terrível matriz dos mecanismos de internalização da submissão, a mais funcional das agências psicológicas da sociedade [, ou mesmo] pode se tornar o irredutível local de oposição à tirania dos Estados totalitários”. A revalorização da família e do sujeito simultaneamente exalta que ambos contribuem fortemente entre si, compromisso comum em que os laços, se fortalecidos, facultam debelar o ciclo vicioso da miséria.

A coordenadora responde breve e diretamente, quando questionada sobre a percepção que tem da visão integral:

“É o Homem tomando consciência de si mesmo [e] Falta autoconhecimento, disso eu não tenho dúvidas. As pessoas não se conhecem, não há tomada de consciência de si. Você percebendo seus talentos, defeitos, potencialidades, problemas, você começa a perceber que pode, começa a se amar, começa a amar o outro, começa a amar o ambiente”.

Para Arendt (2001), essa alienação do sujeito ou a falta da consciência de si revela a incapacidade do discurso da modernidade em o sujeito assumir sua posição universal, em ser no mundo, e, de acordo com a autora, essa alienação expropria cidadania.

Observando o envolvimento dos atendentes no processo integral, nota-se que o procedimento cotidiano os incorpora sempre, como afirma a entrevistada:

“é delicado porque mesmo os educadores ou facilitadores do processo precisam revisar valores, sem o exemplo somente com a abordagem teórica um processo integral não vinga, é preciso viver o que diz”.

Segundo a voluntária, as pessoas que desejam operar com a visão integral devem apresentar um perfil em valores e educação de sentimentos. Isto porque no programa integral o educador assume compromisso com seu exemplo, com seu processo como sujeito; assim, o que ele afirma nas aulas, nos encontros e nas

vivências deve pautar sua ação, que é educativa. Segundo Floriani e Knechtel (2003), a educação ambiental exige o pensar e o ser.

Nota-se nas afirmações de Rosa o que os textos sobre consciência apontam (JAMES, 1943; MERLEAU-PONTY, 1996; VARELA et al., 2003), a atenção não é espontânea, exige despertar:

“eu plantei um canteiro no canto perto da entrada [área de lazer das crianças] elas pisaram em cima das plantas, elas simplesmente passaram por cima, nem perceberam o canteiro. Elas não percebem, não têm a cultura do ambiente. Às vezes eu pego lixo, jogo fora, só para ver se o exemplo gera reações nas crianças, você viu as lixeiras no pátio, temos a separação do lixo. E um ou outro, é raro, aí eles perguntam: - Você quer ajuda? Por vezes deixo que fique bagunçado. A pessoa precisa perceber-se.” (grifos do autor)

A ONG pesquisada tem ideologia religiosa e observa-se diante das diferenças religiosas e culturais dos envolvidos na promoção a força do diálogo, como fonte de aprendizado especialmente na superação das desigualdades, solução de tensões e contemplação das diferenças da complexidade ambiental, termos que exigem novas racionalidade e ética (COWAN e BECK, 1996; LEFF, 2001, 2003).

Rosa percebe que as famílias experimentam não só um processo de religiosidade, mas, sobretudo com o trabalho das reflexões e vivências, algum princípio de consciência crítica:

“não se violenta consciências, mas é propor à – para que ele, a pessoa faça reflexões. O trabalho é bastante reflexivo. Não é assistencialista, é um trabalho de ação promocional da família, de cuidado e amor. É interessante porque a instituição conquistou credibilidade, então tem muitos problemas que não são nossos, mas são resolvidos por aqui, então as crianças vêm para a escola [a algumas quadras da Casa tem uma escola pública] e se têm algum problema médico, de saúde. Eles ligam para os pais e os pais ligam para cá, dizem para trazer as crianças para cá, que aqui tem solução”.

O citado faz refletir sobre: a) a amorosidade e reflexão para fundamentar o processo integral (COWAN e BECK, 1996; WILBER, 2000) e de inserção social, e b) a agilidade da instituição no cumprimento da meta de promoção, articulando

soluções a problemas, rompendo a lógica de descrédito da população com o setor público, que opera esvaziado de sentido humanitário e desarticulado socialmente (DAMERGIAN, 2001; MONTAGNA, 2001).

Acompanha-se Leff (2003), para quem a sustentabilidade é um campo aberto ao possível, não deve ser reduzida a gestões tecnológicas e objetificantes, mas é encontro de alteridades em diálogos de saberes, pois o diálogo de saberes faculta o científico, mas o questiona ao incorporar condicionantes extra científicas. Para o autor, sustentabilidade (saber ambiental) é o encontro entre o ser, o outro e o infinito, e isso funda outro tipo de racionalidade, que incorpora a significação e a inteligibilidade do mundo que provêm da necessidade de o ser humano se completar.

Com respeito à permanência de algumas famílias em áreas de invasão mesmo após serem promovidas, Rosa explica que, embora algumas famílias tentem viver na periferia, boa parte prefere ficar onde está:

“nas ocupações irregulares, sujeitando-se as águas periódicas das enchentes, [preferem isto] do que comprar um terreno fora, dizem que perto das ocupações tem ônibus, unidade de saúde...”

Esse fato vem ao encontro do que afirma Ribeiro (1995b) sobre certas ocupações terem posição estratégica na cidade, pois estão a curta distância de certos equipamentos e benefícios urbanos. Verificou-se que as pessoas entrevistadas moram às margens do rio Atuba e estão sujeitas à poeira das ruas de saibro, às torres de alta tensão, às enchentes, a uma inserção social duvidosa etc., dificuldades compensadas pela infra-estrutura encontrada nas proximidades, comércio, ônibus, posto de saúde, escola, supermercado e áreas de lazer.

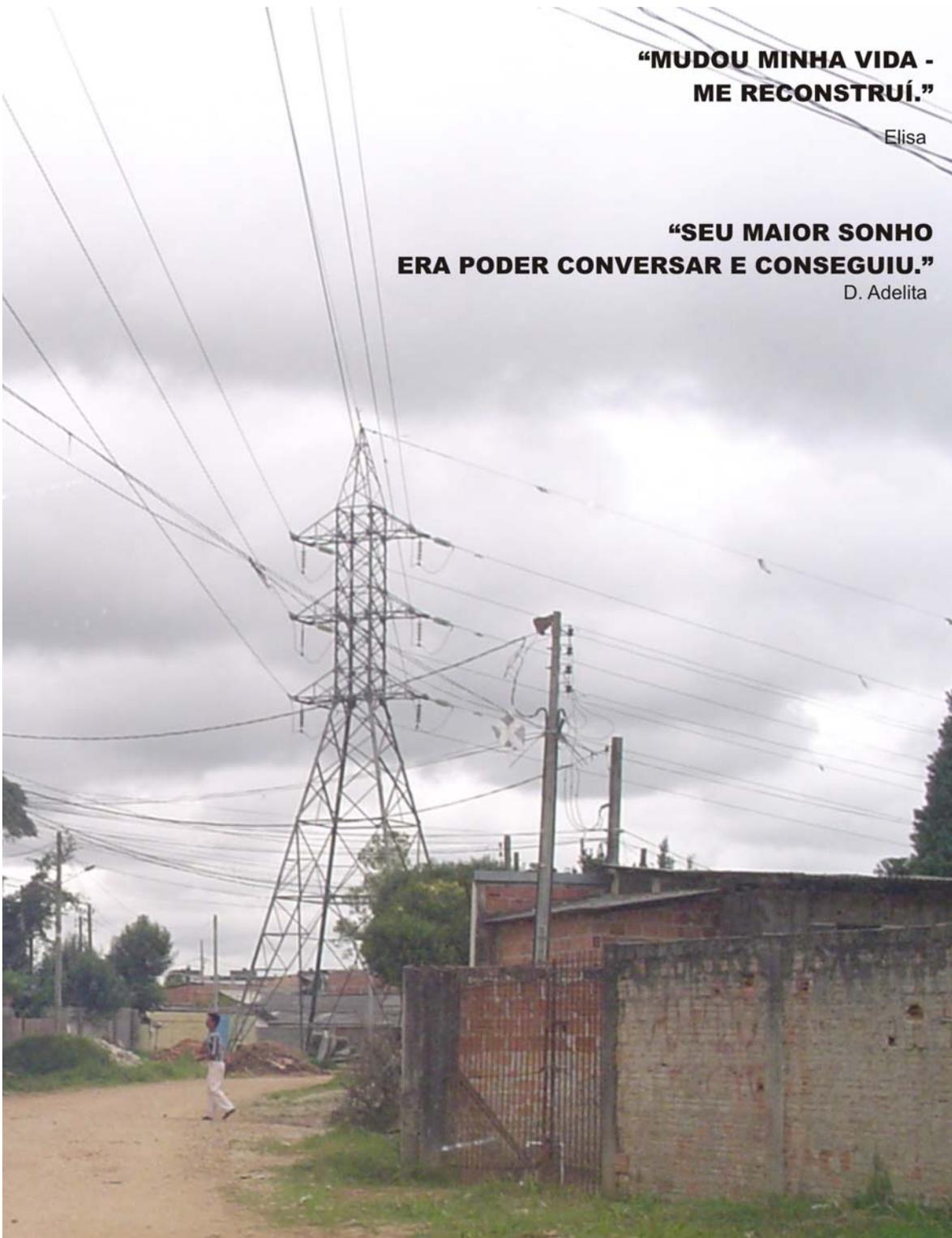
Diante dos impactos ambientais urbanos e das condições de vida na cidade, nota-se a importância da ação da UPI, não só em relação às áreas ocupadas do Bairro Alto, mas também no entorno urbano. A pesquisa na instituição permite verificar que as dificuldades de suplantar a miséria se encontram na consciência de todos os cidadãos.

**“MUDOU MINHA VIDA -
ME RECONSTRUI.”**

Elisa

**“SEU MAIOR SONHO
ERA PODER CONVERSAR E CONSEGUIU.”**

D. Adelita



FONTE: Adam(2004)

6.2 “MUDOU MINHA VIDA - ME RECONSTRUI”

ENTREVISTA ELISA

Família I - Dona Adelita

Elisa tem 17 anos, trabalha como vendedora em um comércio de materiais e vive em uma pequena casa de madeira de dois cômodos pertencente a sua avó.³⁸⁻³⁹

“Porque você vê aqui em casa é pequenininho, eu e minha vó, imagine quantos anos a gente não mora assim apertado!”

Ela esteve na UPI há três anos, e ao comentar sobre a ocasião mais marcante que ela viveu, afirma ter sido a de afirmação profissional:

“Ah! Quando falaram bem assim pra mim, que eu ia pra um serviço, que eu tava já preparada, que eu já tava pronta pra ir já. Nossa! Foi bem legal assim...”

A necessidade do emprego para inserção social incide na dialética ter e ser, que diante de situações de miséria e dificuldades exige ponderação, pois se está diante da ausência do básico, da sobrevivência nem sempre suprida, mas faz refletir em que medida o ter anula o ser e vice-versa. Diz Elisa:

“Claro, que todo mundo que entra lá, [na UPI] que ir pra um estágio [emprego] né, é claro, isso é claro”

³⁸ Elisa, promovida pela UPI, entrevista 21 ago. 2004. Ver ANEXO.

³⁹ A rua em frente é de saibro, atrás passa o rio Atuba e ao lado há uma torre da rede de alta tensão.

A entrevistada faz menção às carências mais prementes vividas nos bolsões de pobreza das grandes cidades do mundo e à associação perversa que se cria com o aparente bem-estar social.

Ter e ser são temas pulsantes que a sociedade significa perversamente, concorda-se com Damergian (2001), quando diz que a civilização antecede a barbárie: conhecimento, riqueza, desenvolvimento técnico e científico concentrados nas mãos de poucos constituem recursos que não são transformados em morar, estudar, trabalhar e benefícios para muitos, é uma mutilação psíquica e social.

O conceito de subjetividade do programa integral, porque valoriza a auto-observação, implica reconstrução do sujeito, evidente na afirmação de que o vivido na UPI auxiliou não só no aspecto financeiro mas inclusive na formação pessoal:

“Pessoal assim, educacional nossa eu mudei bastante, nossa eu me reconstruí. Foi... Muitas experiências. Aprendi a ser mais educada, aprendi um monte de coisas lá, de recepcionista, de higiene e saúde, que meu Deus! Foram coisas que aprendi para vida assim. Que você nunca mais esquece. Sem contar que todo o pessoal lá são mais que professores, são amigos assim sabe.”

Esse relato serve ainda para refletir sobre o envolvimento com certos padrões oriundos dos significados e das referências do sujeito. A entrevistada afirma por três vezes que existem marcas vividas no procedimento integral:

“Que você nunca mais esquece [...] Eu adorava conversar com as psicólogas de lá, nossa eu aprendi tanta coisa lá, tanta, tanta, tanta, que tudo foi experiência pra minha vida agora, né?”

A marca forte do trecho anterior é a da importância do intercâmbio intersubjetivo ratificando a necessidade de humanização associada às relações como elemento de fortalecimento do eu, do ser na alteridade e também de desenvolvimento do sujeito (DAMERGIAN, 2001, LEFF, 2003).

A entrevistada ratifica a intensidade dos intercâmbios observando:

“Eu aprendi muitas, muitas coisas que eu nunca mais vou esquecer. Tudo... definição em tudo, tudo mudou minha vida, desde abraçar um amigo na hora lá do, lá da prece lá... Tudo. Aprendi muito lá com os professores. Muita coisa!”

Diante do aspecto subjetivo defronta-se o sujeito com a paz (VARELA et al., 1999), é paz como experiência e filtro do vivido. Segundo Demo (2003), importa não só o aquietar, mas também o refletir, é óbvia a necessidade de repouso em uma sociedade que vive em ritmos velozes sujeita a estresses, e potencializar o sujeito é compreender que a quiescência não anula, mas elucida o refletir. Afirma a entrevistada:

“Nos lanches, alguém lia alguma frase, para a gente dizer o que entendeu, e você se sente bem quando faz isso, tua vida é trabalho e trabalho, é muito confuso, e aquele momento é só pra você.”

Com relação ao significado ambiental, interessam as seguintes afirmações de Elisa:

“Sei lá é tudo né, poluir o ar faz mal pra você, a água dos rios a gente que bebe, o meio ambiente é tudo. Lá eles ensinam sobre o lixo, as enchentes, eu guardo papel, estas coisas na bolsa, pra não jogar por aí, na Casa tinham os lixos com as cores pra gente separar o lixo.” (grifos do autor)

E sobre a relação entre paz de consciência, quiescência e ambiente, afirma:

“É e não é, é uma limpeza de alma”.

Confirma-se, assim, a dificuldade, mas não a impossibilidade de apropriação e estudo do universo subjetivo, dos significados e da possibilidade, e mesmo necessidade de associar consciência e ambiente. A reflexividade subjetivo-objetivo nem sempre é elaborada pelo sujeito (DAMERGIAN, 2001; GONÇALVES, 2002), embora estes sejam diferenciados, operam integrados

(DAMÁSIO, 2000; WILBER, 2001a; VARELA et al., 2003). O centro do ambiental proposto é este inter-ser no mundo.

Outro dado que transparece nas situações vividas junto à equipe da UPI e aos companheiros em fase de inserção é o enfrentamento; sem coragem, disciplina e esforço o sujeito não se constrói, a matriz integral solicita responsabilidades:

“No começo todo mundo pensa em desistir né... Ah! Porque meu Deus tá muito puxado, vamo embora... Só que eu não, eu tinha uma meta a mais, desde o primeiro dia que eu entrei lá, eu pensei em comprar minhas coisas, eu pensei em poder ajudar na minha casa, é claro que até hoje eu não consigo fazer muito isso de ajudar em casa... Assim, tem que pagar conta, de telefone, comprar umas coisinhas também, mas se posso ajudar, tô ajudando, a gente vai aumentar nossa casa, a gente comprou um terreno, a gente vai construir uma nova casa. Porque você vê aqui em casa é pequenininho, eu e minha vó, imagine quantos anos a gente não mora assim apertado!”

O trecho final dessa citação reporta ao desejo como pulsão para desenvolvimento humano, muito embora o desejo seja fato que exige observância como fator de desalinho. Morte, felicidade e desejo são temas centrais, em especial nos campos da consciência, portanto da ética e da educação ambiental.

A entrevistada revela interesse em continuar educando-se, assegurando que pode aprender muito mais, seguindo com este procedimento que lhe é significativo e transformador. Uma leitura ousada permite dizer que, além dos valores, introjeta-se o significado dos valores, que possibilita ao sujeito observar suas (des)construções em face das próprias carências (LEFF, 2003).

Quando Elisa assevera:

“Tudo que eu disse aí é menos, muito menos do que eu aprendi lá sabia, foi uma experiência que nem palavras eu tenho, eu vou ser sincera eu gosto muito de lá, muito, muito, o pessoal lá todo mundo, tudo que eu aprendi lá eu tenho certeza, eu nunca mais vou esquecer sabe, foi muito legal. Eu acho que devia ter mais instituições pra recolher as pessoas que precisam.”

faz refletir sobre os impedimentos do desenvolvimento do indivíduo, sobre distanciamentos entre as políticas públicas e os movimentos sociais; aquelas mais

estáveis e de acordo com certas considerações leffianas, muitas vezes afastadas da dinâmica socioambiental por conta de sua morosidade interna; já os movimentos sociais mais dinâmicos e envolvidos socialmente, apesar de suas oscilações, apreendem e por vezes solucionam certas problemáticas relativas à sociedade e ao ambiente.

Neste trecho da entrevista:

“Mas eu, se eu pudesse voltar pra lá de novo, se a idade pra ficar lá fosse maior, o que eu mais queria era voltar pra lá. Eu tenho certeza que eu ia aprender muitas coisas lá ainda. Acho assim que eles podiam dar assim um pouquinho mais de idade, pro pessoal ficar. Claro que todo mundo que entra lá, que ir pra um estágio né, é claro, isso é claro.”

transparece o descaso da sociedade com a restauração do sujeito, na ausência de oportunidades, mas também faz refletir a respeito de uma espécie de vergonha ou recusa da subjetividade e da falta de compromisso do sujeito com a consciência, que o faz refém de estruturas socioculturais e religiosas condicionadas, que não lhe permitem perceber as próprias clausuras.

6.3 “SEU MAIOR SONHO ERA PODER CONVERSAR E CONSEGUIU”

ENTREVISTA DONA ADELITA

Família I - Dona Adelita

Dona Adelita é avó de Elisa, está com 55 anos, mora com a neta na casa de madeira nas margens do Atuba e participou da UPI como promovida e inclusive como funcionária.⁴⁰

A entrevistada afirma que o momento do ingresso na instituição materializa uma experiência social delicada, o encontro entre atendidos e UPI; desse contato emergem significados que convergem em interesse social comum, os sonhos:

“Nossa, os sonhos, né? A gente foi entrevistado, bastante coisa, né?, para ver o que nós pedia, um fazia pergunta de lá outro fazia de cá, eles queriam saber, né? quais eram os sonhos da gente que queria realizar, se queria coisas boas, tudo isso, e pra mim foi bom, nossa eu adorei.”

Com seu sonho, a entrevistada cristaliza os diálogos, a intersubjetividade, pois seu maior sonho:

“É conversar com os outros, porque eu quase não conversava com ninguém e agora eu converso com todo mundo, e coisa que eu não sabia eu aprendi bastante coisa, que nem estes dias eu estava falando pra minha sobrinha: ‘eu adorei trabalhar na guarda mirim, porque lá eu aprendi muita coisa por causa da reunião da guarda mirim’. Mas a gente não pode participar muito, porque quem trabalha, assim que nem eu, que trabalho todos os dias, não tem tempo, né?”

Sonhos e desejos afetam-se, construindo viver e morrer do indivíduo (DAMERGIAN, 2001). Sonho dos promotores saber ofertar, sonho dos promovidos poder receber, ênfases distintas surgidas nos encontros das diferenças sociais, em que se interpenetram significados, da instituição na vida das pessoas e vice-

⁴⁰ Dona Adelita, promovida pela UPI, entrevista 29 ago. 2004. Ver ANEXO.

versa. Sonhos e desejos estreitam os laços entre visão de mundo, suas representações e o mundo propriamente dito.

A reflexão que incide na citação anterior é sobre o conversar, a relação entre diálogo e a real troca de significados, estímulos sociais impedidos, por conta dos bloqueios que indivíduos e sociedade são portadores. Sobre essa compreensão dos limites pessoais, significados e ausências sociais, afirma:

“era tão bom nossa, eu adorava participar das atividades que eles faziam [na UPI], de escrever, de conversar, de responder perguntas.”

Preservação das diferenças e eliminação das desigualdades têm sido tema central dos discursos socioculturais contemporâneos, e isso implica opção social sobre o que desfazer e o que preservar. São os meandros da intersubjetividade, dos marcos cognitivos, das linguagens e significados (FLORIANI, 2004).

O trabalho na UPI conduz e facilita ao sujeito expressar-se, observando sua condição de miserabilidade. O interesse em conversar de Dona Adelita remete ao observado em vários sujeitos em promoção, que apresentam falas truncadas e parco vocabulário, comprometendo promoção e sociabilidade.

A miséria agudiza em sua opressão social a realidade de alguns, que se vêem calados, portadores de discursos entrecortados e descomprometidos.

A consciência alienada pelos excessos da objetificação, mas também pelos fatores mentais individuais e sociais, que, sem liberdade e produção de conhecimento, tendem a reproduzir-se.

Dona Adelita afirma que gostaria de continuar aprendendo, mas também que sua realidade pessoal e social não lhe permite. Quanto ao desenvolvimento comprometido, qualquer modelo socioeconômico e que se pretende sustentável inicia pelo ser, visto que ser inclui sustentabilidade, caso contrário o discurso de sustentabilidade esvazia-se (MORIN e KERN, 1995).

Referindo-se à UPI:

“adorei trabalhar lá, meu Deus do céu... Assim se voltasse, até eu gostaria de voltar, mas agora eu não posso porque eu trabalho né [e] quem trabalha assim que nem eu, que trabalho todos os dias, não tem tempo, né?”

Dona Adelita identifica o encontro dos tempos: o cronológico, das estações do ano, e o mental, este último o que valida e representa as relações (LYNCH, s/d).

Na citação a seguir a entrevistada faz referência ao monitoramento e ao acompanhamento recebidos na instituição, que fornecendo material didático lhe possibilita continuar estudando. Mas o processo solitário, sem o outro parece dissolver-se, caso não haja empenho, atenção, rigor do próprio sujeito para consigo, para com seu processo como cidadão:

“Eles mandaram caderno, papel, as coisas lá da guarda pra mim aprender em casa mas o tempo meu é pouco”

Em outro trecho da entrevista Dona Adelita recoloca em cena a família como centro de valores (DAMERGIAN, 2001):

“você vê conseguiram emprego para minha neta, que estudou lá, ela está trabalhando e vai pra dois anos já, ela foi contratada, está trabalhandinho.” (grifos do autor).

Nitidamente as preocupações sociais destas classes passam pelo emprego, e consegui-lo é o grande objetivo. Cabe salientar que trabalho e emprego apresentam múltiplas conotações. Na UPI, os indivíduos em fase de promoção nem sempre tinham associado trabalho à valorização pessoal, mas exaltaram sentirem-se desvalorizados pelo tipo de trabalho ao qual submetiam-se, ou pelas pessoas com as quais trabalhavam, refletindo nem sempre saberem equilibradamente lidar com as emoções e perturbações em questão, o que pode fazer referência a drogadição, alcoolismo etc., que alguns apresentam.

Para Arendt (2001), o sujeito, ao ser absorvido pelas dinâmicas sociais do trabalho, da necessidade dos recursos, pode olvidar suas responsabilidades familiares. Recupera-se aqui o discurso das racionalidades, como lembram Morin, Leff e a Escola de Frankfurt, visto que a racionalidade instrumental torna-se instrumento de desvio da razão, é uma racionalidade com sonhos monstruosos, em face da inobservância, obscuridade e escamoteamento das intenções do indivíduo, que o impelem a considerar certos tipos de ação como racionais.

Apesar de as dinâmicas metodológicas da UPI envolverem diversas atividades, as mais salientadas pela entrevistada foram as relacionadas ao seu sonho de sociabilidade, sonho realizado nas atividades em grupo:

“eu adorava participar das atividades que eles faziam, de escrever, de conversar, de responder perguntas”.

Diante da idéia e do significado de ambiente, a entrevistada revela a polissemia e amplitude do termo ambiente, dado freqüente nas abordagens ambientais contemporâneas. Ao definir o significado ambiental:

“Eu pra mim uma boa saúde, a gente sair, passear, conversar, ter liberdade né bastante, trabalhar e conversar com os outros, pra mim é assim. Que nem lá na guarda mirim também eles davam as umas coisas pra mim, eles mandam cesta básica, no natal do ano passado cheguei em casa e estava uma cesta aí, desse tamanho, nossa eu fiquei tão alegre, só que eu nem pude ir lá agradecer, estes dias eu estava falando para minha menina nós temos que ir lá na guarda mirim qualquer hora” (grifos do autor)

A resposta é significativa por remeter aos, já aludidos, reducionismos aplicados ao ambiente e às intensidades em que o sujeito o experimenta, significa e exprime, de como e quanto suas faculdades estão envolvidas. Dona Adelita em termos breves significa e expressa o ambiente com simplicidade, abrangência, objetividade e infinitude (LEFF, 2003); evidencia como subjetividade, intersubjetividade e objetividade estão envolvidas na compreensão e apropriação ambiental.

Quanto à alteridade:

“Eu me sentia bem lá na guarda mirim, me sentia à vontade, a gente tinha lá liberdade, até na hora do cafezinho, que nem eu que trabalhei lá né, limpava os vidros, tomava café, a vontade, tem a Dona Laerte que trabalha lá, eu trabalhava com ela, nossa nós conversava eu pro lado de dentro ela pelo lado de fora... E assim nós ia. Nossa, é tão gostoso trabalhar lá”

O outro é o que ata, vincula e marca a reconstrução do sujeito, a restauração da cidade subjetiva (GUATARI, 1992), a cidade como exercício e expressão do sujeito é algo ativo na instituição, marcante e presente, as atividades envolvem constantemente o outro; a intersubjetividade e seu processo de validação passam, na expressão de Dona Adelita, pelas renovações de significado e liberdade:

“Nossa é tão gostoso trabalhar lá, e tinha uma mulher também que participou junto comigo, que até trabalhar lá ela também trabalhou. Nós era um abraçar o outro e conversar, nossa coisas boas. Quem trabalhou e quem participa da guarda mirim, sai de lá e não se arrepende, até comida nós fazia lá, eles davam comida assim para nós cozinhar lá, nós fazia o almoço nosso, nós mesmos almoçávamos, todos nós, um fazia o arroz, o outro fazia o bolinho, outro fazia não sei que, tudo pra aprender, e quando acabou virou uma escola e eu participei de lá também, isso foi um tempo né, daí eles começaram a dar aula, e nós começamos a participar das aulas, mas daí como eu consegui emprego. Mas eles pediram tanto pra mim voltá a estudar de novo, você vê que até mandaram aí os cadernos, minha prova, tudo mandaram aqui em casa, pra mim aprender mais. A hora que eu resolver eu vou escrevendo, mas é difícil a gente já chega cansado né, mas é bom nossa quem trabalha lá não se arrepende”.

Damergian (2001) afirma que criar grupos comunitários, liderados por pessoas de consciência humanista, éticas e amorosas que sirvam de modelos identificatórios, auxilia a pessoa a refletir sobre si mesma, a desalienar, ao tempo que entram em contato com seus sentimentos e desejos. Segundo a autora, a desalienação interna é necessária para a desalienação externa, e isso permite observar o social criticamente, verificando verdades, mentiras, ilusões que a ideologia oficial e os meios propagam. É um processo que faculta o surgimento de líderes e o multiplicar de modelos construtivos, que não surjam impostos de cima

para baixo, emergencial e urgentemente, mas que façam um caminho inverso, lento, contínuo, individualmente promissor. Indivíduo transformado em modelo identificatório amoroso e inspirador, antes que decupado em suas faculdades.



**“ENTENDER-ME COMO HOMEM PARA
TER OBJETIVOS E SUPERAR DIFICULDADES.”**

Alberto

**“QUANDO NÃO APRENDE NA ESCOLA,
APRENDE NA UPI.”**

Paula

FONTE: Adam(2004)

6.4 “ENTENDER-ME COMO HOMEM PARA TER OBJETIVOS E SUPERAR DIFICULDADES”

ENTREVISTA ALBERTO

Família II - Alberto

Alberto é um jovem de 19 anos, trabalha em um escritório da Ordem dos Advogados do Brasil e habita em uma casa de alvenaria situada às margens do Atuba, próxima à torre da alta tensão, cujo acesso é dado por uma estreita rua de saibro.⁴¹⁻⁴²

O entrevistado refere-se à importância institucional da UPI em seu resgate social, o que vem de encontro a Damergian (2001), que afirma a relevância de grupos de resgate social por meio de programas e operações que considerem o amplo rol de fatores implicados nas realidades destes grupos sociais. A extensão desses programas passa pela alimentação, saúde, valores e saberes, ética, consciência humanista, encorajamento do sujeito, amorosidade etc.; mesmo Jacobi (2000) afirma que as soluções para o problema socioambiental da pobreza devem superar o círculo vicioso que a constrói e especialmente devem considerar as potencialidades e oportunidades negadas aos indivíduos.

“Ah! No tempo que eu fiquei lá pra mim foi tudo bom entendeu, eu aprendi muitas coisas entendeu, eu aprendi assim a me ver como homem a ver, encarar o mundo de frente, encarar a vida assim. Aprendi também que a gente tem que correr atrás dos nossos objetivos, que as coisas... Não é tão fácil como a gente pensa. Tem que correr atrás, tem que ajudar, tem que batalhar, me ajudou bastante nisso nestes conceitos entendeu. Eu estou na empresa que eu estou hoje, foi por causa da guarda, fui pra um estágio e estou lá até hoje, então resumindo assim a guarda mirim foi muito importante pra mim, espero que seja pra os outros também [...] Ao

⁴¹ Alberto, promovido pela UPI, entrevista 21 ago. 2004. Ver ANEXO.

⁴² Alberto, após o encerramento da entrevista, disse que muitos dos seus amigos, habitantes da região, enveredaram pelos crimes, drogas e terminaram na prisão.

sair da guarda mirim, minha vida mudou da água pro vinho, sai com um trabalho digno". (grifos do autor)

Na citação acima o entrevistado elenca com simplicidade o quanto a singularização do indivíduo é imperativa para restauração da cidade subjetiva, de tal forma que a restauração da cidade passa pela revisão do sentido que os cidadãos conferem a ela na expressão de sua cidadania (GUATARI, 1992; TASSARA, 2001).

Ao referir-se aos aspectos morais, Alberto afirma:

“Minha moral aumentou e aumenta a cada dia que passa, pois sou um homem independente. Antes de entrar na casa era uma pessoa sem responsabilidade, não tinha decisões era como se diz um ‘João Ninguém’, espiritualmente estava normal, mas após ingressar lá melhorou mais, aprendi a amar meu próximo e respeitá-lo também”.

As visões psicossociais com seus filtros perceptivos socioculturais envolvem a moral, e esta, embora revele certa complexidade por estar relacionada à consciência, afirma-se em um crescimento lógico e acompanha níveis de significado e estabilização do ser. Em termos simples e sintéticos, os níveis entre o ser e a realidade socioambiental apresentam uma consciência moral que descrita linearmente é: pré-pessoal, pessoal, transpessoal e integral (COWAN e BECK, 1996; WILBER, 2000b; ECKENBERGER, 2001).

Esses níveis identificam que certos sujeitos significam suas relações vitais a partir de níveis transpessoais e integrais, a despeito de toda circunstância e do ambiente externo.

A importância ambiental dos estudos da consciência reside na simplicidade do seu potencial transformador, embora seja campo aberto e complexo com múltiplas experiências sonhos, desejos, estados alterados, atenção, mistérios etc. (DAMÁSIO, 2000; CHALMERS, s/d); o estudo da consciência é recurso inesgotável para o sujeito, libertando-o das relações perversas e condicionadas estabelecidas nas complexas dimensões em que se encontra. Nesse sentido, a consciência ao se transformar em exercício faz vigorar seu potencial de libertação.

Ao responder sobre paz e equilíbrio:

“Olha eu sempre fui tranqüilo comigo mesmo, assim sabe, nunca fui uma pessoa perturbada, aquela pessoa agitada, sempre fiquei em paz assim, então pra mim era normal fazer uma oração, e sim é claro a gente sempre fica mais em paz consigo mesmo. Mas olha tinham as reflexões. Sim, nas horas que falávamos das pessoas de rua, crianças que não tinham uma vida digna, até mesmo passavam fome isso me marcou muito, pois acho que no mínimo devemos viver bem, bem como tendo o alimento de cada dia uma roupa limpa para vestir um calçado para calçar, enfim viver dignamente.”

O acima contemplado vem ao encontro do que afirma Leff (2001), o simbólico do silêncio e da paz traz a ambigüidade do silêncio que resulta da e na opressão, e também do silêncio plenificador do indivíduo; a paz sabida e significada, a consciência de base é elemento de espraiamento do sujeito no mundo, mas deve ser efetivada tanto no âmbito das reflexões quanto das ações humanas, é instrumento de ética socioambiental, pois estes três elementos – consciência em paz, reflexão e ação – integram sujeito e suas complexas faculdade e dimensões ambientais (ser e mundo), fato que confere significado ético à vida e ao indivíduo. Reportando à matriz, pode-se afirmar que há paz que se constrói e há paz da ordem do inconstruível, ambigüidade própria da incorporação da consciência.

Referindo-se ao mais marcante vivido na UPI, ressalta:

“Olha o que marcou pra mim foi minha formatura, minha formatura marcou bastante, meus familiares lá, porque você entra lá, você luta pra tua formatura acontecer, pra você se formar pra ir pra um estágio [emprego]. Mas teve muitas outras coisas, tudo pra mim na verdade marcou né, a partir do momento que eu entrei lá tudo marcou pra mim foi tudo bom.”

A marca é da formatura, em que simbolicamente se encontram as esferas social, familiar e individual, fato que chancela o encontro de interesses entre ser humano e sociedade, que efetiva o cumprimento da missão da UPI e incorpora o indivíduo em relações socioambientais. O processo integral é evento, é fato, não idéia (ARENDR, 2001). As relações socioambientais co-participam e comungam interesses, o indivíduo-ambiente se reencanta, pensa e reconhece no interser (VARELA et al., 2003).

A necessidade do emprego repete-se nas entrevistas, com Alberto não é diferente, o fato está conjugado ao desemprego, baixa renda e outros fatores sociais que assolam as famílias em condição de miséria urbana.

Para Alberto, ambiente

“É tudo onde estamos, mas o melhor ambiente é nós que fazemos, desde quando não desmatamos mais a natureza não cortemos mais árvores, não jogemos lixo nos rios, enfim se cada um fizer sua parte o nosso ambiente será muito melhor do que esse que vivemos”. (grifos do autor)

O ambiente é sentido e vivido de modo polissêmico e expandido (SILVA, 2003). Conforme sublinhado na citação anterior, este ambiente é revelado pelo *insight*, “tudo onde estamos”; que exalta uma atitude integral, efetivada por saber e sentir ambiental, quando ambiente adquire significado no encontro com o sujeito, encontro que desvela o ambiente fato comum e amplexo.

6.5 “QUANDO NÃO APRENDE NA ESCOLA, APRENDE NA UPI”

ENTREVISTA PAULA

Família II - Alberto

Paula de 11 anos é sobrinha de Alberto, ainda está em fase de promoção na UPI, mora no bolsão de miséria do Bairro Alto, sua entrevista interessa pela consciência ambiental, que um sujeito em sua faixa etária apresenta.⁴³⁻⁴⁴

Para a entrevistada, o apoio mais importante da UPI é:

“no colégio muitas coisas mudou, no colégio. Eu antes eu não sabia lê, agora estou sabendo, nossa lá é muito legal, conhece pessoas, conhece crianças lá, muito legal”.

E enfatiza:

“quando a gente pega matéria do colégio dá pra fazer lá assim, quando a gente pega uma matéria assim, quando a gente não aprende a matéria dá pra aprender lá também”.

Os dois trechos antes citados expõem a necessidade de reforço do aprendizado, o que corrobora Ribeiro (1995a; 1995b), para o qual transparece um fato corrente na sociedade brasileira referente às instituições voltadas a certas classes sociais e ao cumprimento de suas missões. O autor afirma que as escolas não educam, as religiões não despertam a religiosidade, as casas não abrigam e as instituições públicas não prestam serviços a todos os grupos sociais, de modo

⁴³ Paula, em promoção na UPI, entrevista 21 ago. 2004.

⁴⁴ No decorrer da entrevista, os amigos e mesmo ela, em certo momentos, brincavam na rua empoeirada e embaixo da torre, com suas pipas e bolas de futebol, em meio às pedras nos cantos da rua e sacos de lixo no chão.

que não alarma o fato de que as instituições e os órgãos públicos não cumpram eficientemente seu compromisso com o cidadão diluindo sua credibilidade e contribuição social.

Explicando sobre o que está assimilando:

“A gente assim, aprende a se vestir, a gente está aprendendo a marchar para desfilas sete de setembro, muitas crianças [...] dia sete tem desfile pela rua de Curitiba”

Com relação às impressões subjetivas, nota-se um processo incutido socialmente na mentalidade popular do brasileiro, denominado mito fundador.

O País exuberante como dom de Deus e da Natureza, a auto-imagem de um povo bom, pacífico e ordeiro, fato experimentado em muitos grupos sociais, e que faz crer na unidade, identidade e indivisibilidade da sociedade brasileira, como se esta solução elaborada imaginariamente eliminasse a tensão da realidade. Esse mito fundador é a representação de uma sociedade que tolera a existência de milhões de crianças sem infância e que, desde seu surgimento, pratica o *apartheid* social, para que essa sociedade possa ter de si mesma a imagem positiva de unidade fraterna (DAMERGIAN, 2001).

Entre os momentos de equilíbrio:

“É... a prece e o hino nacional. Fico, muito calma, quando começa a falar de Deus, assim fico muito calma”.

Cabe a ressalva das assertivas relacionadas à paz, que a reduzem a confortos materiais, publicidades e isolamento de problemas e crises. O interesse pela consciência em paz chama atenção para a carência social, pois exprime a necessidade de contato e o reconhecimento das diferenças como riquezas e poder-se-ia compreender a paz de consciência como fulcral nos diálogos sobre desigualdade, diversidade, equilíbrio não só como fenomenologia contemplativa, mas também como fator de transformação e expressão da unidade, de maneira que possa fundamentar a libertação do indivíduo das idiosincrasias socioculturais que o esfacelam por condicionamento.

Ao expor o significado do ambiente:

“É coisa de reciclar e participar dos meio ambiente assim aprender, assim coisa do lixo, recicla também, só isso que a gente aprendeu, né?”.

Este significado ambiental geralmente aceito e impresso nas percepções coletivas dá conta e contempla todas as esferas do ambiente? É suficiente para significá-lo, encantá-lo? Em que termos esse significado promove a participação do indivíduo, com que emoções e sentimentos, com quais potenciais se estabelecem relações socioambientais?

Essa carência vigente na semantização do ambiente é o que denuncia Leff (2001, 2002), ao expor que o significado do ambiente fica reduzido à ecologização da vida, teia de relações, fluxos e reciclagem de matéria. Estas são referências que refletem ainda a visão mecanicista do ambiente, do ambiente separado do sujeito, como afirma Arendt (2001), ao asseverar que a visão da modernidade é a visão de Galileu, “o telescópio como manjedoura de uma nova religião”, uma visão que não assume a consciência, a intenção do observador, é um ambiente sem dentro, sem interioridade, vazio e frustrante.

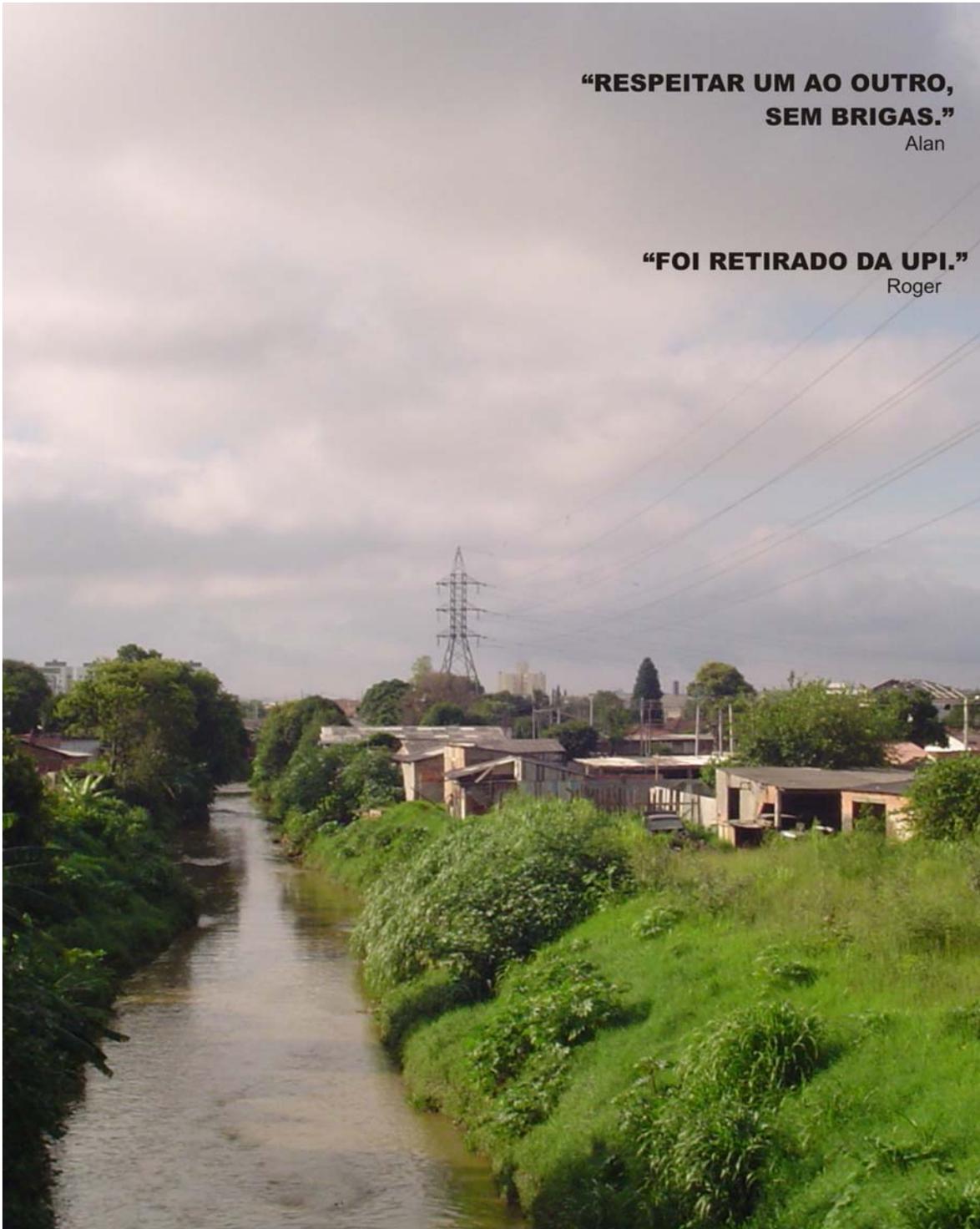
Esses jargões ecológicos são relatados por Trigueiro (2003), que afirma ter a mídia popularizado um ambiente reduzido à fauna e flora. Segundo o autor, recorre-se aos discursos prontos que constroem o ambiente notícia, ou seja, com potencial jornalístico, como ecossistemas, transgênicos, catástrofes, natureza selvagem, reciclagem, poluição etc., exaltando o rápido e o urgente com velozes mensagens. As múltiplas informações e denúncias não aperfeiçoam verdadeiramente as relações cidadão-mundo nem necessariamente educam, porque podem não recuperá-lo diante das questões semânticas. É o emocionalismo das artes que causa admiração nas telas e imagens, o cidadão vê mas não participa, como se desincorporando do vital e do mundo.

**“RESPEITAR UM AO OUTRO,
SEM BRIGAS.”**

Alan

“FOI RETIRADO DA UPI.”

Roger



FONTE: Adam(2004)

6.6 “RESPEITAR UM AO OUTRO, SEM BRIGAS”

ENTREVISTA ALAN

Família III – Dona Zenaide

Alan é um jovem de 21 anos, trabalha em uma empresa como auxiliar de produção, mora em uma casa de alvenaria situada entre uma rua de saibro e o rio Atuba, ao lado de uma pequena igreja.⁴⁵⁻⁴⁶

Uma das situações relevantes observadas pelo entrevistado em sua passagem pela UPI demonstra o que Jacobi (2000) denomina ambigüidade nos encontros dos diferentes grupos sociais e dos riscos inerentes ao contato entre os diferentes matizes perceptivos intervenientes e aparece quando Alan cita as transformações vividas:

“sempre tive responsabilidade, mas mudou muita coisa, aprendi bastante coisa também, boas maneiras, moral e cívica, o curso de datilografia e digitação. Tudo que não sabia aprendi lá. Aprendi a me comportar melhor, antes entrava na sala de alguém já ia sentando, eles disseram tem que chamar antes de entrar, tem que pedir... Tudo que aprendi foi bom, foi tudo bem aproveitado.” (grifos do autor).

Esse relato se afina com a avaliação de Santos (1979), para o qual é como se os pobres “tivessem algum poder de decisão sobre a qualidade e o tipo de educação que lhes é destinada, e como se o processo de educação não fosse ele próprio, condicionado pelas necessidades de produção”, cujas necessidades se alteram rapidamente e cujos epicentros estão distantes, em defasagens de tempos e objetivos (p.15). O subdesenvolvimento do desenvolvimento a que se refere Morin. A anemia do sujeito e do ambiente.

⁴⁵ Alan, promovido pela UPI, entrevista 18 ago. 2004. Ver ANEXO.

⁴⁶ Segundo sua mãe, Dona Zenaide, ele demonstra maior sociabilidade do que Roger, seu irmão.

Os encontros dos grupos sociais nas cidades transparecem em tensões, diferenças, apropriação de discursos, alienação etc., que não permitem desde um primeiro momento a eficiência de qualquer projeto de resgate que não seja pautado em ouvir as necessidades, diferenças sociais, e sempre perpassam o saber encontrar, que se aproxima do saber compreender moriniano, sem o qual qualquer proposição de diálogo e resgate social torna-se inadequada, pelo simples fato de que os sujeitos falam, mas não se comunicam.

De acordo com Morin (2002), compreender não é só triunfo da comunicação, mas consciência de solidariedade que elimina o ruído das comunicações. Para o autor, a compreensão possui uma dupla polarização, a planetária entre povos e culturas, e a individual entre os próximos, ambas feitas de distanciamentos, mal entendidos e incompreensão.

Constantemente nas estâncias da miséria ressurgem os romanceados Jean Valjean, de Victor Hugo, e mesmo do vagabundo Carlitos de Chaplin, falam dos (des)encontros entre miséria, abandono, maus tratos, discursos, direitos e ao mesmo tempo de lição de vida, mas, em especial, falam da compaixão e da comiseração que é sentida diante das obras de arte, ao passo que no cotidiano o cidadão permanece relutante e mesmo indiferente, dando prosseguimento ao ciclo da miserabilidade.

Quando questionado sobre o mais significativo fato ocorrido consigo na UPI, Alan revela a atmosfera vivida na instituição:

“A recreação não dava briga, lá não tinha briga, um respeitava o outro, não tinha briga... futebol, assim sempre dá destas coisas”.

Há um conto de Bonassi, que mescla identidade cultural, reunião de intenções, desenvolvimento da sociedade brasileira e tratamento policial para certas questões humanas, que cabe citar por sua pertinência na avaliação do exposto anteriormente por Alan:

“Canção do Exílio. Minha terra tem campos de futebol onde cadáveres amanhecem emborcados para atrapalhar os jogos. Tem uma pedrinha cor-de-bile que faz ‘tuim’ na

cabeça da gente. [...] Minha terra tem HK, AR15, M21, 45 e 38 (na minha terra 32 é uma piada). As sirenes que aqui apitam, apitam de repente e sem hora marcada. Elas não são mais das fábricas, que fecharam. São mesmo é dos camburões, que vê, fazer aleijados, trazer tranqüilidade e aflição” (2001, p. 607).

Diante do coletivo e do todo ambiental, as relações se estabelecem, daí a importância do respeito, sentimento, diálogo e equilíbrio na solução de conflitos ambientais. Cabe lembrar o exemplo extremo das meninas lobo como evidência dos condicionamentos instalados nas relações e ainda sobre as consequências destas relações, cujas agravantes podem desnaturalizar, diluir o indivíduo.

Nesse sentido, à parte a percepção da consciência de base, subjetividade e intersubjetividade tornam-se pauta de exercício e, portanto, basilares em qualquer tratamento das relações sociedade-natureza.

Para Damergian, é preciso alterar as referências do indivíduo, é imperativo um desenvolvimento equilibrado, elaborado com integridade e força de caráter; tais qualidades têm efeitos de longo alcance na autoconfiança do indivíduo e em suas relações com o meio. As influências de um caráter sincero e genuíno sobre as pessoas são facilmente percebidas, pois os que não possuem as mesmas qualidades se impressionam e não deixam de experimentar o respeito pela integridade e pela sinceridade, visto que essas qualidades despertam nos outros uma imagem daquilo que eles poderiam galgar ou mesmo venham a ser; estes tipos despertam a confiança, a bondade e fundamentam as relações humanas – o caráter fundamenta toda realização humana e o efeito do bom caráter é a base do desenvolvimento social sadio (2001).

Ao observar-se a resposta sobre a percepção que Alan tem do ambiente concreto, nota-se que é a resposta condicionada, podendo-se questionar se há consciência e reflexão de seus processos perceptivos. O entrevistado significa ambiente nos seguintes termos:

“Acho bom, né? Cara tem que preservar, só pensa em destruir, destruir... acho que é isso”.

O sujeito termina por definir ambiente de acordo com a visão ecologizada, sistêmica, matematizada; difundida e banalizada na percepção dos indivíduos, o ambiente passa a ser reduzido sem, contudo, incorporar sua dimensão infinita, absoluta. Em geral, é este o tratamento, o ambiente como finitude, risco, degradação, sem contudo considerar a miséria da consciência, do sujeito observador que não percebe atentamente a consciência com a qual determina seus atos, as escolhas que faz, ainda que por omissão, e, portanto, também não se dá conta dos reducionismos em que está envolvido.

Embora claramente Alan contemple momentos de amplitude e resgate sua expressão de ser no mundo, encontra e significa a paz:

“Uma coisa que tinha, que eu gostava era a palestra, o senhor falava, e tinha umas coisa que gostava, tinha dias com oração, neste dia eu sentia uma tranquilidade.”

Diante do afirmado em sua primeira resposta, na qual relata que simplesmente entrava em uma sala e colocava os pés na mesa, e da paz que afirma ter sentido nesta citação final, vale lembrar que os funcionários da UPI dizem que os valores e as condutas éticas que eles exercitam junto com os sujeitos em promoção são os aspectos mais importantes para admissão em um emprego.

6.7 “FOI RETIRADO DA UPI”

ENTREVISTA ROGER

Família III - Dona Zenaide

Roger é um rapaz de 19 anos, é a entrevista mais curta obtida, mas a mais impactante, porque Roger foi o único entrevistado excluído da UPI. Entretanto, nem por isso na entrevista expressou qualquer problema em relação à instituição promotora.⁴⁷⁻⁴⁸

Ele pareceu expressar algum transtorno mental, envolvimento com vícios ou dificuldade de outra ordem. Para a fenomenologia, este encontro ocorreu com um sujeito que, ao expressar seu ser no mundo, o expressa quase sem presença, forjando relações esvaídas de rigor perceptivo, desatento, enfim um contato construído em matizes pálidas. Esta espécie de desinteresse vital, de falseabilidade entre linguagem e significado, nos termos de Maldonato, na tese fenomenológica:

poderá ser condensada na expressão sinto alguma coisa, logo existo no mundo. E, existindo, torno a experiência aquilo que sinto. Assim esclarecendo a mim mesmo o que eu sinto, expressando isso ao outro, também conhecerei as imagens do mundo do outro que estão emaranhadas na rede intencional de minha consciência, assim como posso expressá-las na linguagem que invento e que me socorre. O caminho da consciência (ao menos da consciência psiquiátrica clínica), portanto é o de uma experiência radical irredutível ao puro empirismo [...] A experiência vivida, portanto, só pode ser conhecida mediante a experiência vivida, ou seja, apenas à medida que poderei reviver dentro de mim alguma coisa que tem a ver com o que o outro está me comunicando (2001, p.98-99).

⁴⁷ Roger não foi promovido pela UPI, entrevista 18 ago. 2004. Ver ANEXO.

⁴⁸ Contudo, a excessiva presença da mãe na entrevista retoma o tema da família, que preserva sua unidade mesmo em um ambiente urbano degradado e hostil.

O entrevistado captura e significa o trabalho da UPI com valores questionáveis e, diante de um processo senão de alienação, muito próximo a isso, se refere ao momento marcante vivido na instituição, portando memórias como esta:

“Marquei muito o computador, da sala de aula também gostei muito... marchar na guarda, teve apresentação eu gostava.”

Duas linguagens aparentemente distantes e próximas, a de inserção social, e a articulada de forma lacunar, com vazios e falta de capacidade de expressão, falas truncadas e dispersivas como os *zap* televisivos. Ser humano sem compromisso com suas feições humanas, criado em meio desfavorável e psicologicamente fragilizante (GONÇALVES, 2002).

Quando questionado sobre seu trabalho, Roger disse:

“Às vezes vou pra escola...”

e sobre a UPI:

“Gostei muito, mas me mandaram embora...”

Para Damergian (2001), no ciclo da miséria, a morte gerada pela miséria está associada à morte do espírito; as pesquisas observam as conseqüências desta combinação para a população jovem; abandono à própria sorte, ruptura social, desequilíbrio, drogas, criminalidade, baixa escolaridade, desemprego etc. As estatísticas mostram que o jovem desempregado e com baixa escolaridade compõe o perfil básico do delinqüente; a falta de opção, como áreas de lazer e cultura para estes jovens das periferias, reforça a falta de perspectivas de vida, apresentando-lhes a cidade sem oportunidades.

Ao definir ambiente:

“Não sei... [a mãe, Dona Zenaide interrompe e diz: - “Ele gosta de futebol. Futebol ele gosta... Ele gosta muito de fazer favor... Pros outros assim sabe”. [Enquanto isso Roger seguia recostado no sofá meio indiferente ao que acontecia].

A mãe é o outro, transformado em elemento de defesa, apoio, desprendimento e condicionamento familiar, seria ela a ligação com os aspectos humanos? A co-dependência de histórias de vida, em constante co-originação interpenetrando consciência e mundo, ainda que, como diz Damásio (2000), a consciência seja misteriosa, Roger é tocado, pois sentiu a passagem pela UPI. Mas em que medida e com que poder de transformação os recursos da sociedade e do ambiente podem tocá-lo? Wilber, Varela e Chalmers consideram que, tal como as leis físicas, existem leis de consciência (responsabilidade) que transcendem, mas que também, incorporam o sujeito.

CAPÍTULO 7

MATRIZ INTEGRADORA E PROMOÇÃO INTEGRAL DAS FAMÍLIAS EM CONDIÇÕES DE MISÉRIA URBANA

O escopo do capítulo é analisar dados, informações e resultados observados durante a investigação de campo na aplicação do programa integral. Conforme proposto na matriz integradora, a análise de dados acompanha os domínios estabelecidos para verificabilidade da mesma, a lembrar, subjetividade, intersubjetividade e objetividade, exatamente para tornar a complexidade dos fatos inteligível e observar o desenvolvimento integral de modo equilibrado. Cabe destacar que, embora os três domínios se interpenetrem, não são estanques.

As informações coletadas são analisadas em cinco estâncias: 1 - UPI; 2 - Programa Integral da UPI; 3 - Sujeitos em Promoção; 4 - Sujeitos Promovidos; 5 - Sociedade e Matriz Integradora / Hosistesia. O objetivo geral é analisar a validade do estabelecido na hipótese, por meio do cruzamento de informações: referências teóricas, observações de campo e entrevistas.

Importa rememorar que a matriz não se detém exclusivamente nas categorias e o mais relevante é incorporação da consciência de base. Para observação de uma síntese da Análise de Dados, ver QUADRO 3, ao final do capítulo.

7.1 UPI⁴⁹

Na análise da UPI foram incluídos dados e informações coletados em reuniões, no convívio cotidiano, no acompanhamento de treinamentos, frequência às reuniões e leitura das apostilas da metodologia de trabalho da instituição.

Subjetividade

- a) Nota-se no dia-a-dia da UPI que o processo integral é vivo e dinâmico e, porque abarca a complexidade do ser humano e das dinâmicas socioambientais, exige nas tarefas cotidianas criatividade, agilidade, educação emocional, autopercepção, comprometimento com o outro e autocomprometimento, diálogo franco, reciprocidade, compreensão, reconhecimento de habilidades e limitações;
- b) o vivido junto à UPI reafirma o sentido de um trabalho social pautado em sentimentos e vínculos, sem, contudo, abandonar as referências estatísticas e o acompanhamento metódico dos grupos familiares. A simples associação das carências das famílias em situação de miséria e do desejo de resgate da UPI não garante o sucesso antecipado do programa. Para alcançar as metas, o processo deve ser monitorado e fiscalizado e os indivíduos compreendidos em seus limites, complexidades e potencialidades. Destaca-se que muitas famílias, no início da implantação do trabalho na instituição, deixaram de ser promovidas por falta de cobranças de responsabilidades, o que quer dizer que não se pode acusar somente a sociedade como responsável pela desigualdade e miséria, mas observar que cabe ao próprio indivíduo um compromisso intransferível nesta operação de resgate;

⁴⁹ Objetivo da análise na UPI é observar características e dificuldades cotidianas da equipe.

- c) o trabalho realizado na instituição incorpora saberes, presteza técnica e amorosidade, fatores basilares para se desenvolver um programa integral e tratar emoções, sonhos, bloqueios e sentimentos, pois é assim que o cidadão vive a dinâmica ambiental urbana. O vivido na UPI, e mesmo o programa (ver item 7.2), não se impõe de *per si*, mas na relação, porque, apesar de sua estratégia integral, é intenso e elaborado considerando o contexto e as necessidades dos atendidos e não os emocionalismos dos que assistem;
- d) o mote da UPI, “todos somos educadores, todos somos educandos”, tem, especialmente em saberes como humildade e compreensão, a oportunidade da transcendência das clausuras e embotamentos dos envolvidos;
- e) a missão da instituição coloca lado a lado diferenças culturais, raciais e religiosas, que se encontram pulsando nas grandes cidades, e a metodologia de trabalho incide sobre essas diferenças e mostra como o domínio e o conhecimento de técnicas simples pode atingir objetivos que superam sectarismos de ordem social, religiosa etc., visto que conhecimento e compreensão atingem a intimidade, revelando que o diálogo de saberes está vivo na agilidade do dia-a-dia, em todos participantes, voluntários, funcionários, coordenadores e indivíduos em promoção – pois embora haja diferenças e diversidades, estas ocorrem entre iguais.

Objetividade

- a) Em relação à existência da UPI, fica o questionamento sobre a eficiência do setor público no enfrentamento da miséria e no apoio humanitário ao cidadão; as respostas por parte do setor público, que deveriam suprir as

necessidades básicas, são lacunares, portanto há forte necessidade de instituições com este enfoque da UPI;

- b) da objetificação da vida decorrem esfacelamento e especialização das instituições, que são desdobramentos da fragmentação e da parcial eficiência do conhecimento, de tal sorte que um programa integral deve refletir o ambiente em suas relações e interações, que revela via consciência ser a natureza humana mais ampla que os eventuais reducionismos aplicados ao ser humano, ou seja, é de ordem interdependente e infinita, como asseveram Wilber (2001a), Leff (2003) e Varela et al. (2003). Desse modo, o trabalho realizado na UPI valida em sua dinâmica a hipótese de que é preciso recuperar o ser humano como parte, mas também em suas responsabilidades como todo. O trabalho com a visão integral exige não só compaixão, mas também disciplina, conhecimento e coragem, para reverter a condição de miserabilidade;
- c) vale considerar que a instituição oferece, além do auxílio educacional, formação pessoal e profissionalizante, o apoio material, que é também importante, pois as famílias apresentam urgências e carências de curto prazo, como falta de alimentos e desnutrição, saúde precária e falta de medicamentos; enfim, um rol de problemas que diz respeito às ações mais concretas e objetivas de sobrevivência.

Intersubjetividade

- a) No contato com a equipe da UPI, verifica-se que os voluntários e funcionários levam a sério a idéia de que são todos educadores e suas ações educativas, visto que, neste desenvolvimento integral, educar é ao mesmo tempo perceber-se educando e educando-se, o que inclui o sujeito, porque é necessário despertar consciência em si, para, desse modo,

refletir, agir e ser no mundo, despertando esta realidade da consciência no outro pelo exemplo vivido;

- b) a importância da intersubjetividade fica evidente na constante necessidade de diálogos e reuniões entre voluntários, funcionários e atendidos, para que sejam reconhecidas, compreendidas e consideradas as necessidades dos atendidos e fomentadas capacidades e habilidades dos atendentes, observando necessidades daqueles e habilidades destes na tarefa de mitigar a miséria – isso fica evidente na formatação de programas dinâmicos e pertinentes, que reúnem diferentes habilidades em prol da promoção;
- c) de acordo com o mencionado no item anterior, as avaliações periódicas dos resultados dos trabalhos em desenvolvimento pela equipe facultam alterar rumos quando necessário; essas avaliações, porque envolvem toda equipe e participantes, estimulam que todos elaborem problemas e soluções. Para tal, há o reconhecimento das habilidades de cada elemento da equipe de trabalho, que, por conta da dinâmica de atendimento, assume múltiplas funções diante das necessidades – o trabalho coloca os sujeitos diante de suas limitações, o que os provoca a trocarem experiências, com vistas a transcender limites.

7.2 PROGRAMA INTEGRAL DA UPI ⁵⁰

O reencanto exige sujeitos educando-se para o ser sendo integrado no mundo. Nesse sentido, o programa da UPI, simples, bem estruturado e planejado

⁵⁰ O objetivo da análise e participação junto ao Programa é vivenciar e observar sua aplicação, seus métodos e resultados.

revela resultados junto a sujeitos bastante desfavorecidos no que tange a desenvolvimento e expressão de potenciais.

A dinâmica vivida no cotidiano para implementação do programa integral demonstra que a dinâmica da realidade socioambiental da miséria exige uma equipe ágil, criativa, tecnicamente responsável e, poder-se-ia arriscar dizer, uma equipe envolvida em um processo não-formal de transcendência disciplinar e de diálogos de saberes. Conforme mencionado anteriormente, um dos principais problemas ambientais é a limitação do conhecimento e da ação das instituições em função da sua hiperespecialização, deixando, por vezes, de atender a certas carências.

Analisar um programa de combate à miséria é também refletir sobre a restauração da cidadania para avaliar, inovar e criar mecanismos de ampla disseminação de conhecimentos, saberes e práticas que sejam capazes de abordar a miséria e principalmente resgatar o indivíduo de modo mais ético, responsável, ágil e competente diante das condições de vida na cidade. Programas simples com novos olhares, implementados de modo verticalmente inclusor, que não alienam e não discriminam, desenvolvidos por meio de atividades que exaltem a dignidade humana como fator de transformação.

Pelas observações tanto das reuniões e vivências na instituição promotora quanto das entrevistas com os sujeitos promovidos, nota-se que a visão integral se consolida conjugando empenho e compromisso comum.

Ao comparar a versão integral da UPI e a da matriz proposta, nota-se que na UPI a visão integral não é utilizada em todas as suas potencialidades, especialmente diante do que afirmam os sujeitos em seus *insights* sobre ambiente como Tudo e Todo. Há na UPI necessidade de um trabalho mais intenso no âmbito da consciência de base. Os domínios em sua versão UPI (moral, social, espiritual e material), quando dialogam com a versão matriz Hosistesia (subjetividade, objetividade e intersubjetividade), permitem observar que a versão integral da UPI ainda não é tão pulsante na fenomenologia contemplativa da consciência, assim a versão da UPI tende ao integral plano sem verticalidade pós-metafísica. Na UPI os domínios são quase observados como fins e não como

meios, assim se pode desperdiçar o que a matriz tem de essencial, que é a consciência base. Isto quer dizer que um programa integral deve incluir os domínios, mas principalmente a consciência de base, esta sim mereceria maior debate, experiência e discussão em grupos e mesmo em termos de vivências pessoais na UPI. Exatamente porque juntar e integrar partes não é a mesma coisa que percepção não-dual, esta sim fundante.

Subjetividade

- a) O resgate realizado pelo programa abrange muitas sutilezas, e isso é verificado nos significativos resultados partilhados, como, por exemplo, nas experiências de grupos visando à superação de dificuldades emocionais e sentimentais, ligadas às relações de trabalho, família etc., o que se nota tanto no procedimento interno da UPI quanto nas entrevistas;
- b) o universo da subjetividade, por incluir emoções, memórias, sentimentos e valores, fornece respostas complexas, inesperadas, criativas e dinâmicas, diante das quais é preciso que haja compreensão sem a perda do foco da missão;
- c) cabe considerar que diante da potencialidade criativa e cultural do brasileiro, o programa poderia intensificar suas operações com artes, dança, teatro, pintura, desenho, yoga, esportes, artesanato, técnicas de contemplação etc., práticas que, se incorporadas, poderiam potenciar a inserção social, o resgate da cidadania e talvez até otimizassem o tempo de permanência dos indivíduos na instituição;
- d) apesar da pouca profundidade, ou verticalidade, das práticas contemplativas (visualizações, harmonizações etc.) desenvolvidas na UPI, para incorporação da consciência de base, pelos comentários dos participantes os resultados das visualizações e harmonizações realizadas

na UPI, se apresentam, visto que se amplia a relação sujeito-consciência, a partir do emergir de novos significados; isso se nota junto à equipe de trabalho, aos sujeitos em promoção e promovidos;

- e) ao refletirem sobre si, nas pautas da auto-estimação, induzidos por diversos exercícios na educação do ser integral, os sujeitos socializam-se enquanto dialogam e observam suas crenças, valores e sentimentos; em outros termos, os sujeitos são colocados face a face com a miséria, com seus limites pessoais e com as responsabilidades em relação ao próprio crescimento, diante de diversos quadros, como alcoolismo, drogas, timidez, dificuldades de inserção no mercado de trabalho e na sociedade, analfabetismo, emoções, humores etc.;
- f) a metodologia de trabalho propicia o contato com os fatores que engendram a miséria, facultando ao sujeito conscientizar-se, na medida em que identifica as causas da miserabilidade com maior clareza; miséria e desigualdade solicitam, porque humanas e civilizatórias, operação de dimensões individuais, sociais e planetárias; vale salientar que, enquanto algumas instituições não observam e, portanto, não combatem a miséria de modo integral e complexo, o programa contribui neste rumo;
- g) a trajetória vivida com o programa na UPI mostra o quanto alterar mentalidades é envolvente e exige experiências práticas do sujeito consigo próprio, com os outros e com o meio, visto que para alterar mentalidades não bastam textos ou idéias, há necessidade de eventos e fatos (ARENDR, 2001); é um processo que, embora seja conjunto, somente se dá quando o sujeito o realiza de *per si*, processo solitário, árduo e cotidiano (WILBER, 2001b), que envolve valores e saberes ambientais, portanto abrange o ambiente como algo incorporado;

- h) por observar os conteúdos subjetivos dos indivíduos, o programa faz perceber o quanto da potencialidade dos indivíduos é negligenciada, seja pelas instituições, seja pelo poder de liberdade dos próprios sujeitos; por exemplo, Alberto afirma ter conseguido superar as dificuldades de um meio social desfavorável ao seu crescimento pessoal, enquanto alguns de seus companheiros de bairro enveredaram pelo crime e pela violência.

Objetividade

- a) A UPI oferece cestas básicas, recursos médicos, psicológicos, assistência social, odontológica, alimentar etc., enfim estas são algumas das necessidades que expressam as populações urbanas empobrecidas; embora o trabalho desenvolvido pela UPI movimente as famílias de certas faixas de miséria para patamares de pobreza, importa refletir e interrogar sobre a suficiência deste procedimento da instituição e principalmente da lacuna das políticas públicas no setor, visto que as famílias promovidas entrevistadas ainda demonstram fortes carências sociais e econômicas. Então, o que a UPI considera promoção social é simplesmente um passo em sua direção;
- b) embora o programa somente propicie ao sujeito sair das faixas de miserabilidade, encaminhando-lhe às de pobreza, e é esta a meta do trabalho, cabe argüir se não poderiam haver inovações, como contatos periódicos com as famílias promovidas observando seus depoimentos e situações de vida, permitindo dessa forma à UPI intensificar sua relação com os indivíduos e eventualmente considerar transformações no próprio programa a partir inclusive da participação destes considerados promovidos;

- c) a instituição tem uma sede simples, mas expressiva em termos educativos, vê-se a todo momento o sujeito apropriando-se e sentindo-se parte, no momento dos lanches, das brincadeiras, das reuniões, das conversas etc.;

Intersubjetividade

- a) Os intercâmbios entre os promovidos e a equipe de apoio plasmam “o outro” e selam um vínculo de intenções claras e transparentes, o significado do trabalho aparece e o foco da relação é a responsabilidade no cumprimento da missão de promoção integral;
- b) conforme exposto no item anterior, o trabalho coloca em evidência quem é o outro (LEFF, 2003), o outro que constrói o eu – o eu que, por seu exemplo vivido, também constrói o outro, “o ser espelho”, manancial de consciência, educação, ponderação, hábitos e potencialidades ambientais; a falta de habilidade e o bloqueio do outro auxiliam a compreender e possibilitam transcender a falta de habilidade e os bloqueios em si, “há uma translógica no diálogo que está presente”, o ambiente-consciência sempre presente translógico e infinito;
- c) os educadores conseguem, com recursos didáticos e metodologia simples, desenvolver muitos aspectos não só junto aos sujeitos em promoção, mas também junto à própria equipe da instituição, no interesse desta pelo trabalho, na auto-estima do grupo etc.;
- d) a intersubjetividade é um dos pontos fortes do programa e se apresenta como diálogo e fraternidade no encontro com o outro, o que no programa se baseia em responsabilidade, valores, compaixão, conhecimento e técnica;

- e) o PQV da UPI não apresenta tipologias familiares, por exemplo, incluindo tipologias etárias com dinâmicas de amparo entre os membros da família para sublinhar a importância do laço familiar, implementando essa tipologia, talvez muitos aspectos da promoção familiar mesmo após o desligamento do programa pudessem ser contemplados, o que poderia auxiliar a própria UPI a compreender as reais possibilidades de cada família em função da faixa etária de seus membros ativos a responder de forma forte ou fraca às proposições programáticas.

7.3 SUJEITOS DAS FAMÍLIAS EM PROMOÇÃO ⁵¹

Pelos encontros e participação na UPI nota-se que os indivíduos são tocados pelo humanismo vivido na instituição, que rompe as barreiras institucionais, desdobra-se em auto-estima e reconduz ao encontro entre sociedade e ambiente, ser e mundo, ou seja, intersubjetivamente trocam-se significados, que renovam o indivíduo fazendo-o perceber e responsabilizar-se por seus bloqueios e marcas (CALVINO, 1990).

Investigar a transformação integral do sujeito não tem por escopo classificar pessoas, mas servir como guia para moderar e apontar potenciais que não estão sendo usados; a idéia principal é preservar as mudanças em sua totalidade e não proteger ou privilegiar um domínio em especial, por isso importa discutir abordagem e saber integral (WILBER, 2000a).

Subjetividade

- a) Os indivíduos apresentam dificuldades na expressão das suas histórias de vida, tanto por sentirem-se negligenciados pela sociedade, o que os faz

⁵¹ O objetivo da análise dos Sujeitos em Promoção é perceber as características, os comportamentos, as emoções, as dificuldades etc. das famílias em situação de miséria.

reprimir sentimentos e emoções, quanto pelas dificuldades de expressão, em função de analfabetismo e vocabulário limitado; desse modo seus relatos de vida são verbalizados de forma diluída por meio de frases truncadas e freqüentes repetições de palavras;

- b) o citado no item anterior combina-se com a carência de equilíbrio emocional, pouca clareza na expressão de sentimentos, fragilidade da autoestima e as dificuldades de expressão escrita, oral e corporal;
- c) diante dos valores humanos e da expressão dos conteúdos subjetivos, como emoções, memórias e sentimentos reprimidos, relacionados com aspectos interpessoais estabelecidos em relações de família (pai-mãe-filho), de trabalho (patrão-empregado), o sujeito pode apresentar tendência a fugir do processo de autopercepção, inibindo sua autotransformação e conseqüentemente a promoção social;
- d) as experiências da educação do ser integral, como harmonizações e mentalizações, apontam para o numinoso e possibilitam avaliar o quanto discursos e teorias, que podem tender ao esvaziamento em seus excessos, nulidade do saber e falta de significado, faz com que paz, amizade, entre outros, tornem-se vividos, experimentados, saberes mais do que simplesmente valores sem experiências; o saber revela os potenciais do indivíduo e mostra-lhe como pode encontrar e significar a si, renovando relações, o que desvela aos sujeitos não só a reflexividade subjetividade e objetividade (BACHELARD, 1988), mas também a interação entre os domínios e a consciência.

Objetividade

- a) De modo recorrente os discursos desses sujeitos giram acerca do fato de que participam da vida urbana, sonham diante dos programas de televisão

e dos produtos de consumo veiculados, a despeito das reais possibilidades de consumo e, como afirmam Sanchez (1998) e Gunn (1999), a cidade e o lugar contemporâneo estão entre estes produtos, pois que se fazem perceber desta forma;

- b) ao item anterior conjuga-se o fato de que alguns afirmam ter buscado a cidade à procura de melhor situação de vida, ainda que sem conhecer a cidade e sem saber qual o tipo de melhoria de vida ela de fato oferece;
- c) certas frases ditas nos encontros ratificam suas posições econômicas, mas sobretudo o seu envolvimento com as mesmas, o que denota toda complexidade da miserabilidade: *“Tendo trabalho e um pouquinho de dinheiro... O resto a gente resolve”, “Dinheiro só pra viver já tá bom, nem precisa ser muito, é só pra ser feliz”*.

Intersubjetividade

- a) Transparece no dia-a-dia do sujeito em promoção que o outro é vital tanto pela discussão gerada em termos de intercâmbio das histórias de vida quanto por incitar a compreensão da vida em grupo; vale o saber compreender moriniano (2002), como elemento de ligação dos indivíduos perante suas diferenças e significados;
- b) diante das situações às quais se expõem o indivíduo e a família em condição de miséria, o diálogo configura-se no elemento de maior força na UPI, talvez seja a confiança, que aí se estabelece, o fator da compreensão, pois é complexo tanto para os atendentes penetrarem completamente na realidade dos miseráveis quanto o oposto, entretanto o diálogo é um dos apoios que restam em um contato no qual múltiplas interpretações, criações mentais, distorções e intenções entram em cena; nesse sentido, considerar

intersubjetividade, ética e moral como expressão da consciência é fulcral, pois não há simples troca de palavras, mas principalmente de significados.

7.4 SUJEITOS DAS FAMÍLIAS PROMOVIDAS ⁵²

Com as famílias promovidas apresentam-se os resultados do programa integral. Nas entrevistas, verifica-se que o sujeito retoma sua história de vida, se recompõe e vitaliza, percebe-se no contato com o outro, na dimensão das trocas, isto é, a UPI apresenta ao sujeito a cidade, que o acolhe, na qual os cidadãos conversam, sentem, trocam, dialogam, enfim, sentem-se, percebem-se no mundo.

Subjetividade

- a) Os entrevistados sentem-se mais valorizados individualmente, reconstroem-se como sujeitos e se mostram mais capazes de enfrentar a vida na cidade, embora seus relatos revelem dificuldades sociais, econômicas e educacionais em suas histórias de vida;
- b) nota-se e ratifica-se nas entrevistas de Dona Adelaide, Alberto e Elisa o *insight* da visão integral, “o ambiente é tudo”, “não me enxergo fora dele”, portanto “sou ambiente, ambiente sou eu”. Também se apreende logo após o *insight* que os sujeitos retomam por condicionamento o discurso convencional do ambiente-ecologizado, o que faz de Hosistesia um despertar e inquirir importante, para refletir sobre e mesmo alterar os

⁵² Objetivo das entrevistas foi verificar junto a esses sujeitos e famílias: a) as mudanças na vida pessoal apreciando o antes e o depois da passagem pela UPI; b) o que foi mais marcante e significativo para eles no programa integral, e c) o significado de ambiente. A análise das entrevistas permite avaliar os discursos, por meio do cruzamento de dados (com fatos, informações, teoria etc.), na busca de eliminar das entrevistas eventuais distorções interpretativas.

condicionamentos construídos em termos de representação e percepção ambiental;

- c) apreciando as distintas faixas etárias dos entrevistados, o programa integral apresenta versatilidade e adaptabilidade, conforme se observa nas entrevistas, porque alcança as carências apresentadas nas diversas fases de vida dos componentes familiares;
- d) considerando-se a consciência como instrumento de mudança, percebe-se nas entrevistas que realmente a visão integral procede, pois altera as percepções e a mentalidade do sujeito a respeito de suas condições de vida, incidindo sobre o despertar do sujeito, que se mostra mais pleno, encorajado, em desenvolvimento, liberto dos hábitos mecânicos, tanto físicos quanto mentais, por isso o exercício da subjetividade, sentimento e reflexão.

Objetividade

- a) Apesar de se manterem na área sujeita a enchentes e vivendo em uma rua cuja infra-estrutura é precária, certas habitações já estão consolidadas e os promovidos conseguem manter-se empregados e trabalhando; esta relativa “inserção social” lhes permite sonhar com novas possibilidades e oportunidades de vida na cidade;
- b) este universo de delicadezas e significados denota um sujeito que constantemente se expõe a ilusões e conflitos de variada ordem, como a já mencionada relação ter e ser; nas entrevistas, é notória a necessidade de encontrar um emprego, a instituição tem o compromisso de apresentar os aspectos de saber ter e saber ser, que carrega fato difícil e contraditório, o de que é preciso estar empregado e ganhando dinheiro para participar socialmente, de que é preciso consumir e ter para participar e ser, ainda

que sejam necessárias ampliadas reflexões nesse sentido, pois fala-se de pessoas em condições de miserabilidade;

- c) nas entrevistas, apreende-se que os estigmas da miséria e da pobreza não possuem somente marcas urbanas, em casas, ruas, precária infra-estrutura etc., mas principalmente marcas humanas, de modo que miséria e pobreza ainda precisam ser consideradas com muito mais sutilezas em termos de educação ambiental, educação, formação pessoal, setor público, movimentos sociais e sociedade;
- d) as expressões sociais dos indivíduos denotam que as marcas de sua história de vida, das carências individuais e sociais seguem caminhando consigo, a problemática miséria-pobreza fica evidente, por exemplo, nos tipos de empregos dos entrevistados, apesar das novas relações sociais conquistadas.

Intersubjetividade

- a) Os significados apreendidos na presença do outro resgatam os indivíduos, que percebem as portas da cidade se abrindo, à medida que se dá sua abertura mental para potenciais antes reprimidos; na prática, tornam-se mais vívidos e notáveis, observadores de suas limitações e tendências, nesse encontro com o outro, o fato de estarem empregados lhes permite expandir seus contatos e laços sociais, propiciando perceber com mais clareza o significado e a importância do outro;
- b) verifica-se, nas entrevistas, a importância da família no resgate pessoal e vice-versa. A família, por suas dinâmicas internas, pode alienar e dificultar o processo de emancipação do sujeito, o que justifica atuar de modo sistêmico na família ao invés de somente junto ao sujeito; os entrevistados afirmam a importância dos valores, trabalho, desenvolvimento pessoal,

educação, sociabilidade etc. em suas famílias, diante das dificuldades da vida urbana;

- c) o valor da relação familiar, destacado no item precedente, apresenta-se em várias entrevistas, como: apoio financeiro, fortalecimento pela presença, divisão da habitação etc., fatos que permitem ao sujeito não só (re)construir seu universo interior, mas também sua realidade social urbana, diante da vida em um espaço urbano fisicamente degradado e psicologicamente fragilizante;
- d) verifica-se, nas entrevistas que o estabelecimento de metas pessoais e o fortalecimento de vínculos familiares e sociais têm como substrato o procedimento de auto-avaliação, autocrítica e reflexividade constantes, que apontam para um indivíduo mais ciente de sua presença na sociedade;
- e) outro fato importante ressaltado pelos entrevistados é que, para efetivar o resgate, deve-se considerar a realidade do carente, do seu contexto, sem impingir um modelo de vida e desenvolvimento relativo ao atendente, isto quer dizer que atingir as pessoas em miserabilidade tem início por ouvi-las, compreendê-las e a partir de seus critérios, moral, cultura, consciência e relações.

7.5 SOCIEDADE E HOSISTESIA - MATRIZ INTEGRADORA ⁵³

A meta deste item é analisar possíveis inter-relações entre a matriz integradora e algumas situações socioambientais, por meio do cruzamento de informações entre as referências teóricas e os fatos averiguados na UPI.

⁵³ O objetivo deste item é analisar o cruzamento de informações teóricas com o verificado em campo e observar as operações sociais e individuais em face dos temas miséria, meio ambiente, matriz integral.

Subjetividade

- a) São necessárias ainda transformações sociais profundas principalmente com respeito à consciência ambiental e aos aspectos semânticos do ambiente, o que só ocorre com o resgate do sujeito-ambiente em toda sua extensão, no exercício lúcido de sua história de vida, o que implica a restauração da subjetividade como fator transformador da consciência, das capacidades perceptivas e mentais, afirmando o compromisso do indivíduo com o cotidiano, com seu desenvolvimento e ação ambiental urbana;
- b) conforme Trigueiro (2003), em termos gerais pode-se dizer que a sociedade imprime culturalmente uma linguagem e uma imagem exótica e amedrontadora de ambiente, fauna, flora, ecologia etc., que de maneira alguma resgatam o ambiente de forma integral, é uma visão compartimentada da vida, e a matriz integral é um caminho, que incorpora consciência, ética, prazer, abrangência do saber, no resgate do ambiente, porque observa não só os limites do conhecimento, mas também o que está além destes limites, a consciência faculta sentir o ambiente e ampliar discussões, em resposta às barbáries da civilização, essa integração consciência-ambiente permite ao sujeito sintetizar e realizar estesia e (po)ética ambiental;
- c) talvez a tecnologia mais sensível, ainda inexplorada, seja a de ser, em toda complexidade e potencialidade, a tendência é ensinar e educar, de modo achatador, o que não desperta a consciência, ao (des)envolvimento;
- d) conforme dito no item anterior, a tendência é ensinar com a repetitiva sobreposição de mensagens que habitam o imaginário, elaboradas com pouca reflexão e discernimento, ou mesmo calcadas em interesses escusos, o que coloca em jogo a dignidade do sujeito, sua saúde

perceptiva, mental e a própria liberdade, acusando sempre e com muita força algo com que se tem dificuldades, a imperiosa reprodução de um modelo desigual engendrado por um ser cuja consciência expressa miséria e penúria;

- e) a meta da matriz é estimular o aspecto empírico e direto da consciência, em face da escassez de indivíduos experimentadores (WILBER, 2001c); dessa forma, cabe aos sujeitos a inalienável e constante redescoberta do significado vital estabelecido e a intransferível tarefa de reencantamento do mundo, o que implica grandes transformações em suas expressões científicas, artísticas, religiosas, sociais e políticas;
- f) como observam Morin e Kern (1995), a exacerbação da subjetividade na sociedade merece atenção, pois há horizontalização e falta de transcendência nos exercícios mentais, religiosos, metafísicos etc., e estes em geral são desincorporados do cotidiano, reificados e separados do ambiente; vale frisar que a simples compreensão intelectual e literária da consciência não corresponde a experiência, estesia e significado;
- g) conforme item anterior, a matriz visa justamente incorporar e integrar conhecimento e consciência, ser e mundo (WILBER, 2001; VARELA et al., 2003).

Objetividade

- a) O conteúdo elaborado pelo trabalho permite observar a falta de conhecimento e imprecisão que permeia os estratos sociais da população com respeito aos fatores de risco aos quais ela está exposta; independente da classe social em que se encontram os grupos humanos estão de alguma forma atrelados a construções e condicionamentos similares, o ambiente ainda é visto como natureza ecologizada e fluxo de matéria-prima,

reciclagem, princípios que dão prosseguimento ao desencantamento e ao medo, por conta dos obstáculos inerentes às visões de mundo objetificantes, materialistas e excessivamente reducionistas, visto que a sociedade não incorpora ética e consciência, recorre-se a um processo social frouxo e alienante; ao discutir o desenvolvimento da consciência em certas faixas sociais não se pode olvidar que toda a sociedade está envolvida e a consciência, embora seja instrumento transformador, carece de inserção nos programas sociais, educativos e ambientais; os domínios de análise ambiental subjetividade, intersubjetividade e objetividade demarcam somente um início, uma orientação;

- b) os estigmas da miséria e da pobreza não possuem somente marcas urbanas, nas casas, ruas, precária infra-estrutura etc., mas principalmente têm marcas humanas, egoísmo, cobiça, indiferença, individuais e sociais; a miséria, ao ser averiguada ambientalmente, portanto com mais sutilezas e matizes, demanda maior esforço para ser mitigada transbordando e transformando, ao incorporar a consciência, as estâncias do vivido;
- c) incidem no item objetividade as doações, as distribuições de rendas e recursos, os equipamentos urbanos, os conjuntos de habitação etc., entretanto, toda esta boa condição objetiva não contribui com uma das maiores carências da sociedade brasileira, a falta do desenvolvimento ético (egoísmo, dualidade), que é causa da miséria, e a simples reforma dos efeitos não age nas causas (do ciclo vicioso).

Intersubjetividade (aspectos socioculturais)

- a) Perante a miséria importa articular o diálogo de diversos atores dos setores público e privado, mobilizando-os em ações efetivas que se contraponham ao processo de degradação das condições humanas e urbanas, da cidade como valor presente no cidadão e na sociedade, que, ao desconsiderarem

os significados vitais e da cidade, produzem espaços e estratégias carentes de significados, não só porque não são gestados em comum, mas porque excluem consciência e co-responsabilidade, é relação que revela as intenções dos sujeitos em construções urbanas reflexos dos (des)encontros de cidadãos, expressão e desejo de cidadania;

- b) ao se analisarem as fontes psicossociais, nota-se que, enquanto as forças sociais estiverem detidas nos pensamentos de sobrevivência, o que Cowan e Beck (1996) denominam primeira camada, há de dominar a dicotomia ter e ser, com fortes referências ao ter, lutas para sobrevivência humana diante das dificuldades cognitivas e desigualdade social; para se superar essa camada, um novo significado de ambiente deve surgir transformando a visão de mundo, e isso passa pelo universo do saber ambiental, que concita à integração e reciprocidade entre consciência e conhecimento (MORIN, 1984; WILBER, 2001c);
- c) o encontro ambiental de diferentes culturas e interesses locais e globais assimila-se com diálogo e compreensão, principalmente em termos de sínteses que evitem perdas substantivas para cultura, saber e sujeito; do mote ecologista “visão global ação local”, desdobra-se “ser todo percepção-ação”, o que ambientaliza e integra reflexivamente materialidade e consciência;
- d) Damergian (2001), perante a realidade urbana brasileira, afirma ser impossível renovar o quadro de miséria sem passar pela revalorização da família como estância de trocas e da figura da mãe, pela importância de seu amor, oferecendo condições saudáveis para recuperação do ser humano, para que não se alimente o círculo vicioso e mortífero marcado por indiferença, ódio, violência etc.;

- e) a estesia ambiental exaltada por Hosistesia é sentida pelos sujeitos, pois quando interrogados sobre o que é ambiente, ampliam-no, sentem suas dimensões, têm este *insight*, mas logo em seguida ao *insight* retornam ao discurso vigente com respostas condicionadas, carentes de intensidade e punjança ambiental. Isso aponta para dois aspectos abordados em Hosistesia: a) **necessidade de renovação da consciência sobre o significado da vida e do ambiente**, e b) **relevância das visões integradoras e interdisciplinares na formulação de novo saber**;
- f) considerando os múltiplos fatores envolvidos na miséria, percebe-se que não se pode tomá-la somente como etapa transitória, em atitude que admite ações isoladas como as da UPI na reversão de quadro cujas dimensões não excluem a face individual e as ações isoladas, mas as incluem em processo social e mesmo planetário de renovação, pois, embora a miséria passe pela intimidade de todo indivíduo, ela só vive em sociedade.

QUADRO 3

ESQUEMA SÍNTESE - COLETA E ANÁLISE DE DADOS

1) UPI - Funcionários e Voluntários

Objetivos da avaliação:

- características e dificuldades cotidianas da equipe.

Síntese dos fatores mais significativos levantados nas entrevistas e encontros

Características da Equipe e da UPI:

- todos os envolvidos devem estar preparados para enfrentar emoções e sentimentos, o exemplo pessoal dos "promotores", seja voluntário ou funcionário, é vital, pois "todos são educadores";
- reuniões periódicas de avaliação dos trabalhos desenvolvidos na UPI, com todos os participantes voluntários, funcionários e famílias em promoção para realmente efetivar a inserção social.

Dificuldades enfrentadas:

- **materiais:** desemprego, desnutrição, saúde; (*objetividade*)
- **psicoespirituais:** falta de autoconhecimento, falta de auto-estima, emoções reprimidas e não educadas, vícios, alcoolismo; (*subjetividade*)
- **sociais:** dificuldades de expressão falada (oralidade), analfabetismo, falta de capacitação, desemprego, baixa escolaridade. (*intersubjetividade*)

2) Programa

Objetivos da avaliação:

- vivenciar a aplicação do programa integral, observar diferenciais, resultados e características da aplicação de um programa integral.

Síntese dos fatores mais significativos levantados nos encontros

Diferenciais do programa integral:

- em geral, os programas sociais não possuem uma visão integral, não contemplam diversos aspectos dos sujeitos e por isso negligenciam e terminam por não resolver alguns problemas apresentados por estes, com isso as pessoas sentem-se desamparadas, seguindo fora do contexto social.

Características e dificuldades apresentadas pelo programa:

- bastante efetivo tanto por tratar o sujeito de modo integral quanto por resgatar a dignidade humana na cidade, contribuindo diretamente para a cidadania e as condições de vida na cidade;
- no que se propõe, ou seja, tirar as famílias de situação de miséria, portando-a a níveis de pobreza, o programa cumpre sua função;
- poderia haver maior ênfase no desenvolvimento humano especialmente nos aspectos artísticos, culturais e da consciência.

3) Sujeitos componentes de famílias em situação de miséria em fase de promoção

Objetivos da avaliação:

- observar as características e dificuldades das famílias pobres urbanas.

Síntese dos fatores mais significativos levantados nos Encontros do Ser Integral

Características apresentadas pelos sujeitos:

- conteúdos e visões de mundo, de todos os participantes (educadores e educandos), entram em processos de avaliação e reflexão;
- emergem emoções e sentimentos do indivíduo relacionados com aspectos interpessoais estabelecidos nos empregos anteriores (patrão-empregado), e nas relações familiares (pai-mãe-filho-família);
- falta de consciência e dificuldades de expressão falada, escrita, corporal etc., em função da falta de domínio emocional;
- humor para vencer as dificuldades do momento.

4) Sujeitos das famílias promovidas

Objetivos da avaliação:

- observar as mudanças na vida pessoal (como era a vida antes, como ficou depois de passar pela UPI); o que foi mais marcante na passagem pela UPI; e o significado do ambiente.

Síntese dos fatores mais significativos levantados nas entrevistas e visitas

Mudanças na vida pessoal:

- valorização do emprego, resgate da auto-estima, demonstram capacidade de auto-superação e auto-avaliação;
- valorização do programa integral, demonstram vontade de continuar se desenvolvendo, mas dizem não ter tempo ou não saber como fazer;
- notam-se os estigmas da pobreza nas habitações, na região de habitação e tipos de emprego.

Fatos mais marcantes na passagem pela UPI:

- relacionamento consigo mesmo e com o outro fundamentado no equilíbrio, nos valores e na educação pessoal;
- demonstração de confiança nos vínculos estabelecidos;
- observação dos sonhos com lucidez, demonstrando empenho em realizá-los;
- valorização dos momentos de autopercepção e da família.

Visão ambiental:

- surgem momentos de *insight* (*não-dual*), mas por vezes os discursos ambientais repetem os conteúdos "prontos" sobre meio ambiente (reciclagem, preservação, cuidado etc.); os entrevistados permanecem ocupando a área na margem do rio Atuba, e as marcas da pobreza acompanham suas histórias de vida.

5) Sociedade

Objetivos da avaliação:

- observar em linhas gerais as operações sociais e individuais perante os temas miséria, matriz integral e meio ambiente.

Síntese dos fatores mais significativos levantados entre teoria e estudo de caso

Características e dificuldades apresentadas social e individualmente:

- o tratamento do ambiente em geral acompanha os reducionismos da ecologização, da matematização, da visão sistêmica e da visão objetificante;
- necessidade de articulação de diversos setores da sociedade para mitigar as causas da problemática da miséria.

FONTE: Adam(2004)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hipótese

Ao validar a hipótese de que “Hosistesia matriz integradora pode ser aplicada à problemática ambiental da miserabilidade familiar urbana”, nota-se: a) que um instrumento integrador, tal qual a matriz, diante da realidade vivida pelas populações miseráveis urbanas na UPI, prova-se pelos resultados apresentados pelos sujeitos investigados e entrevistados; b) diante do problema da tese, miséria↔consciência, a visão integral pela via da consciência permite notar que todos estão envolvidos no círculo vicioso da miserabilidade, o ambiente percebido pela via da consciência faculta considerar a miséria de modo mais amplo e abrangente, e esta avaliação possibilita mitigar certas causas do ciclo vicioso da miséria urbana, inclusive porque incide na auto-avaliação dos sujeitos supostamente ditos não miseráveis, e c) ao comparar a matriz integral Hosistesia e a da UPI, nota-se que na UPI há carência de um trabalho não-dual com a consciência, conforme proposto na matriz teórica, o que seria potencial para o programa da UPI.

Considerando o problema, para observar “a miséria da consciência e sua incidência na consciência da miséria”. Primeiro, é preciso observar o quanto o sujeito usufrui da consciência, ou seja, da inseparabilidade própria da visão integral, em suas construções e relações com o conhecimento e com o ambiente, somente deste modo se abarca o duplo foco do círculo vicioso “miserabilidade↔consciência”, tornando possível agir nas causas miséria.

A consciência, porque dissolve a dualidade, possibilita abordar conhecimento, construções de mundo e miséria, de modo não fundado observando e mesmo mitigando focos de miserabilidade, fragilidade e carência. Segundo, somente com o despertar, pela via da atenção/consciência, pode-se observar o ciclo vicioso miséria-pobreza, do qual todos são co-partícipes. Sem a consciência é impossível observar qualquer condição inclusive a da miséria com

profundidade, de modo amplo, e assim fomentar e agir de formas mais verdadeiras, éticas e ambientais.

A miséria, por ser problema construído, aponta para os domínios objetividade (assistência à sobrevivência), intersubjetividade (diálogo, justiça e compreensão) e subjetividade (exercício da atenção) na ação educativa e resgate da consciência ambiental. Visto que a miséria é humana antes que urbana, se nota que o amparo material talvez seja a tarefa menos envolvente e certa, mas o apoio integral é realmente transformador, por agir nas raízes das problemáticas humanas. As entrevistas com os considerados promovidos corroboram o fato de que um cidadão mais integralmente percebido, educado e desenvolvido ressignifica não a sua individualidade, ao ser no mundo, mas as relações socioambientais, e, por esse exercício, pode melhor compreender e, em certa intensidade, transformar as condições de vida na cidade.

O trabalho da UPI permite asseverar que as famílias em situação de miséria após passarem por um programa integral alcançam inserção social, mas essa conquista deve ser relativizada inclusive com respeito ao programa, pois este tem como escopo retirar as famílias da miséria transferindo-as a patamares de pobreza, o que é fato e comprova a hipótese; assim, a matriz integradora cumpre sua missão. Apesar de que ressurgue constantemente a associação pobreza-desigualdade, sublinhando que pobreza é traço de aceitação social da dignidade humana, portanto com variado acolhimento entre sociedades.

A UPI ainda poderia ser muito mais pródiga no amparo ao desenvolvimento dos atendidos, especialmente nos aspectos culturais e contemplativos, mas, sem dúvida, realiza um trabalho abrangente e aberto à complexidade do sujeito em miserabilidade, com as transformações amplas na condição de miséria exatamente pela amplitude da visão integral; e isso se observa pelo encorajamento de viver na cidade que os considerados promovidos mostraram, renovando-se como sujeitos.

Contribuições de Hosistesia / Matriz integradora

Nota-se que a matriz integral possibilita consciência mais abrangente da questão ambiental. O desafio perante o movimento de complexificação é expandir o percebimento ambiental por meio de renovação semântica mais verdadeira no inter-ser, ser humano/ambiente (sujeito-objeto), para que esta relação esteja não só vinculada ao medo, mas principalmente à sabedoria, não seja só visão reducionista ecologizada, mas também ética, poética e encantada. Não se deve esquecer que o elemento central da crise ambiental é a co-dependência do ser humano, que está imerso, integrado em uma complexidade ambiental, cultural, ética etc.; por isso importa superar certos reducionismos inerentes a visões de mundo e modelos do saber, incorporando ações e análises ambientais com maior moderação e equanimidade, sem eliminar o poder das objetificações vigentes, mas integrando-os aos demais domínios da consciência.

Hosistesia, ao verticalizar o ambiente e observá-lo em seu movimento acionador da consciência, remete às dimensões sutis da miséria, ao eu e ao ambiente empobrecidos, a toda hipocrisia e cinismo, que envolvem o sujeito, como se percebe em *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, *A Miséria do Mundo*, de Bourdieu, e nas misérias da consciência, como aponta Wilber. As questões que sobressaem da leitura desses autores são: quem não é miserável, qual a extensão da miséria, onde ela começa e onde termina... Sob o prisma ambiental defendido, é envolvimento comum e planetário, governado pela consciência e pelo vital e não somente pela racionalidade científico-econômica. O que há é desenvolvimento excludente e impingido, que por ser miserável e orgulhoso, é carente de diálogo, liberdade, consciência e compreensão.

Com relação ao potencial da matriz integradora têm-se três considerações. Primeira, verifica-se nos termos dos três grandes domínios de desenvolvimento e avaliação, a dizer, subjetividade, objetividade e intersubjetividade, que as entrevistas e os registros da UPI reafirmam a importância dessas esferas e que não se consegue observar a miséria, e poder-se-ia arriscar qualquer outra condição humana, caso não se observem ao menos três domínios de restauração

para incidir sobre: materialidade (natureza física); cultura, justiça equânime e sociedade, e ainda há o resgate da subjetividade com dignidade e ética, incorporando todos os domínios à realidade. Segunda, o âmbito da não-dualidade, da consciência, do *insight* e da estesia não fundada, é fato e se confirma nas entrevistas de Adelaide, Alberto, Elisa, que notam o *insight* não-dual, “o ambiente é tudo”, “não me enxergo fora dele”, por conseguinte a natureza do indivíduo é ‘ambiente-consciência’, é tudo, é todo, o que indica fortemente a possibilidade do desenvolvimento social de uma visão ambiental mais abrangente e associada à Hosiestesia. Terceira, a visão integral proposta ainda representa a possibilidade de extravasar o intercâmbio disciplinar rumo a um saber interdisciplinar, integral, ambiental, humano, consciente e poetizado.

Hosiestesia desdobra-se em um conjunto de contribuições ambientais: a) **consciência ambiental** – por permitir alterar a validação da experiência pessoal, pois não basta incluir raciocínio, argumento, é preciso incluir-se, ser sendo cômico no mundo; b) **condições de vida** – amplia a qualidade da experiência vivida conforme a legitimação do próprio sujeito, pois dirige a atenção para a observação a partir da inseparabilidade sujeito-objeto; c) **supera sectarismos** – não questiona sobre crenças, religião, ou “de que crise o sujeito sofre?” (crise ambiental etc.), mas se propõe a recompor o sujeito e na medida em que recompõe seu vivido o concita a (re)aproximar-se da consciência; d) **ressignifica a relação sujeito-ambiente** – inicia pelas dificuldades humanas, seus problemas e enfrentamentos, após isso remonta um instrumento que inclui a consciência como domínio ambiental e humano, de sorte que não se legitima pelo medo, mas pela responsabilidade e pelo despertar ético; e) **incorpora e supera o senso de equanimidade, justiça e resgate social** – porque apresenta o sujeito que possui direitos e deveres, mas os transcende em dimensão ambiental de consciência, o que não envolve somente os aspectos da subjetividade do eu, mas também os fatores objetivos do ambiente e a intersubjetividade, o outro, e isto remete ao fato de que para ser no mundo o sujeito deve ser o que é, o que não é, incorporando também a consciência de natureza indefinível; f) **integra saberes** – por isso faculta aos indivíduos conferir importância à consciência e à ciência,

estabelecendo diálogos entre ambas para ação ambiental, o que faz com que o sujeito haja, reflita e sinta com a plenitude de suas faculdades e não de modo fragmentado.

A matriz, embora não se limite à educação, também pode se dirigir à Educação ambiental, porque inclui autoconsciência e auto-observação; é o educar a partir do exemplo vivido. Isto remonta a um conjunto de linguagens ambientais como o falar, o pensar, o sentir, as atitudes por meio das quais os sujeitos deixam marcas e transmitem significados, na expressão de suas faculdades. Nesse sentido, a visão preconizada opera não só como prática de transformação e educação integral, mas também como instrumento de análise e avaliação. Vale sublinhar, no entanto, que: a) as categorias e domínios não devem se constituir em elementos rígidos a serem seguidos às cegas, mas sim configurar elementos de orientação generalizadora da consciência, com possibilidade de ajustes a outras configurações acompanhando a dinâmica e a complexidade da problemática ambiental, e b) embora a matriz possa ser observada como um método ou uma visão educacional, promocional e social, não se detém nessas perspectivas porque métodos são meios, não fins, e o fulcral para Hosistesia é a não-dualidade básica, o sujeito é um com a sabedoria.

Para uma ação efetiva com relação à miséria, é necessário reconhecer a complexidade de fatores ambientalmente envolvidos, a matriz permite agir sobre o círculo vicioso “ser no mundo-miséria”, de forma menos quantitativa e mais qualitativa, ou seja, abarcando uma enorme gama de aspectos que envolvem a miséria humana, como emoções, sentimentos, repressões, egoísmo etc., e esta multiplicidade de fatores fica encoberta em certas investigações, como as objetificantes e quantitativas, que, por reduzirem miséria e ser humano a números, estatísticas, percentuais etc., destituem a miséria de sua realidade e amplitude. Esse tipo de investigação quantitativista desfigura o ser humano, que praticamente desaparece na manipulação e maquiagem dos números que se desdobram em visões e atitudes menos envolventes, menos integrais e menos humanas. Já o trabalho com a matriz evidenciou que os números são importantes, não podem ser desprezados, mas devem estar contidos em olhar mais amplo.

Retornando ao problema de “como observar a miséria da consciência para ter consciência da miséria?”, é preciso testemunhar a inseparabilidade dos fenômenos da consciência, entre eles o da miséria. Somente este observar, como preconizado em Hosistesia, em que o sujeito se observa ao mesmo tempo que observa, faculta ao indivíduo renovar suas relações (com sociedade, natureza e consigo). Apenas um conhecimento consciente que permita ao sujeito incorporar de forma dinâmica conhecer e conhecer-se pode superar as condições de miserabilidade engendrada por carência de consciência.

Hosistesia, por recuperar o estado básico de saber integrado, aciona, estesia e revela que, de maneira ambígua, o ambiente pela via da consciência está ao mesmo transcendendo e incluindo, o que firma um saber ambiental, que constrói e desenvolve integrando sujeito, ética e estesia, cujos discursos precisam compreender o significado que os sustenta na complexidade-amplexidade ambiental ressurgente, que reaviva ser humano e introduz vitalidade ao ambiente.

Contribuições da Pesquisa

Pretende-se que a contribuição da pesquisa seja ampliar a consciência sobre a miséria, fomentando reflexões e discussões acerca de medidas, ações e programas para combater e mitigar a pauperização vivida nas cidades.

O trabalho busca suprir a distância entre teoria e realidade, com a visão integradora, visto que se somam incompreensão das dimensões humanas, falta de desenvolvimento dos potenciais, carência no exercício da liberdade e responsabilidade individual e coletiva. Portanto, observar falhas e acertos das ações pautadas em programas integrais junto às populações urbanas plasma conhecimento, que facilita o aparecimento de ações e planos de alcance ambiental mais certos, equilibrados, éticos e justos.

As matrizes integradoras dialogam com a complexidade ambiental conferindo-lhe sentido de abrangência e inteligibilidade, que as ciências ditas rígidas dificilmente abarcam.

A matriz rastreia a complexidade ambiental e abre o ambiente ao infinito, à consciência de base, com vistas na poetização e ressignificação da vida; dessa maneira, excede as ciências ambientais constituídas como conjunto de enfoques das disciplinas tradicionais e se estende para além do campo de articulação das ciências, para abrir-se ao terreno dos valores éticos, dos conhecimentos práticos e dos saberes tradicionais.

Considerar os múltiplos aspectos da complexidade e diversidade ambiental, de acordo com a matriz integradora, é forjar um instrumento mais pleno de sustentabilidade, na ação de combate às causas das mazelas urbanas. Pois sem compreender a natureza da sustentabilidade-complexificação, das transformações e da consciência há pouca probabilidade de sucesso em algumas ações ambientais reparadoras.

Segundo a *iShaik Development Associates*, as falhas que a ONU e a UNICEF cometeram em seus programas no passado concentram-se na ênfase dirigida somente às fatias exteriores e objetivas, desconsiderando os domínios interiores, subjetivos e intersubjetivos. Conseqüentemente, é preciso adotar uma visão pós-metafísica ou não-fundada, em direção a um grau mais profundo de consciência, que não se reduza especificamente a um dos domínios, mas que contemple a todos. ONU e UNICEF concluíram que os anos 2000 constituem a era da abordagem integral, por conseguinte o desenvolvimento sustentável de mudança deve partir de uma perspectiva integral e incidir mais diretamente sobre cultura, responsabilidades e intenção.⁵⁴

Em função de seus trabalhos em países da África com a sua matriz integral, a Espiral Dinâmica, Cowan e Beck concluíram que a abordagem integral precisa ser implementada com cuidado, consideração e compaixão, por isso nenhum tipo de exercício com as categorias de análise deve ser considerado de forma rígida, predeterminada e preconceituosa, visto que o desenvolvimento proposto pela

⁵⁴ Segundo Wilber (2000a), os anos 50 foram os das campanhas de saúde, firmadas nos domínios objetivos, mensuráveis etc; os 60, do desenvolvimento inter-objetivo, ou seja, de adequação funcional; os 70, ainda das alternativas objetificantes; os 80, da sobrevivência da criança, sem qualquer menção aos desenvolvimentos interiores; os 90, dos direitos das crianças, que abriram caminho para a fadiga do doador, embasado no relativismo pluralista de que todas as perspectivas são iguais.

matriz integradora não tem finalidade de classificar pessoas, mas sim de observar desenvolvimentos e domínios, aprisionamentos e fixações mentais, e assim servir de guia para potenciais que não estão sendo usados, são capacidades sendo alienadas.

As diretrizes estabelecidas em termos de interação e desenvolvimento nos domínios convidam a proteger e promover a saúde planetária em sua totalidade, e não privilegiar qualquer domínio. Assim, indivíduos conscientes das dimensões e possibilidades humanas podem usar esses recursos, para combater e mitigar problemas recalcitrantes, como a miséria, que ao ser analisada sob o prisma ambiental dificilmente admite abordagem menos integral.

Outra contribuição do trabalho é avançar na discussão e resposta ao que Morin e Kern (1995) denominam problema-chave da hominização, os autores exclamam: “quantas misérias não se criaram ao lutar contra a miséria, a partir da simples destruição das economias de subsistência, da introdução da moeda onde havia trocas mútuas!” (p.112).

O problema-chave da hominização é avançar no desenvolvimento da consciência e da percepção, pois, sem mitigar a miséria mental dos ditos desenvolvidos, aumenta-se a miséria material dos miseráveis, é nesse subdesenvolvimento ou nessa miséria do desenvolvimento da consciência que Hosiestesia e a investigação avançam, discutem, se propõem como instrumento de análise e também de estesia e ética. A matriz incide sobre o subdesenvolvimento mental e psíquico humano, é o problema fulcral da hominização, e Hosiestesia permite inserir o ser no mundo, porque fala do indizível, “leva-nos ao limite do êxtase, lá onde se atenua a influência irremediável do tempo e do espaço” (MORIN e KERN, 1995, p.114), diluindo o excessivo poder dos discursos meramente objetificantes.

O trabalho sublinha que a miséria articula crise e oportunidade, pois há uma miséria que não acaba com a diminuição da miséria fisiológica e material, mas que aumenta com a cobiça e a abundância, e é sobretudo nesta perversa relação de irresponsabilidade ambiental que se busca introduzir consciência e ética.

O estímulo ao aspecto empírico e direto da consciência, em face da escassez de experimentadores, ratificando que cabe aos sujeitos a inalienável tarefa da constante redescoberta do significado vital estabelecido, sua realidade e a intransferível empreitada de reencantamento do mundo, implica transformar poderosamente as expressões sociais, científicas, artísticas, religiosas, políticas etc.

Hosiestesia permite ao sujeito mergulhar no mistério de ser e não ser, que o realiza, integra e desvela, além das palavras e linguagens, incluindo-as em gesto ético.

Demo (1985) assevera que entre as supostas características dos sábios, aqui entendidos como sujeitos hábeis em “atenção-consciência / abertura-compaixão”, estão: expressão pela maturidade e pelo exemplo, em que não há disjunção entre teoria e prática, pois o conhecimento da sabedoria é comunitário, é expressão de convívio comum. Nesse sujeito a comunidade se reencontra e vê nele uma expressão sua, e não um sujeito que busca ser estranho, superior, para melhor se impor; é sereno e criativo diante dos problemas, conjuga inovação à noção de limites para a vida, não se deixa levar por tecnologias arrasadoras, aprende com o passado e ilumina o futuro, mas não sacrifica o futuro ao passado: sabe educar, aprender; é modesto e rico, porque é mais do que tem, é sintético e globalizante, sensível e estético, cultural e identificado, criativo e histórico, ecológico e cósmico, simples e compreensível, sagrado e sutil.

Termos Gerais

Com relação à problemática miséria e ambiente, acompanham-se vários autores ao enfatizarem que são problemas provenientes do vazio humanista e da falta de consciência crítica da religião e da ciência, assim como do esvaziamento da consciência de *per se*; é antes problema da alienação do indivíduo e da sociedade, do que somente problema urbano vivido como externalidade.

No sentido do aqui apresentado, enfatiza-se que a miserabilidade não é superada somente com mais recursos, mas necessita sobretudo de gestão

renovada por meio de modelos de desenvolvimento, que, exaltem valores e significados, incluam distribuição de recursos, política e saúde, mas que possibilitem ir além da objetificação, à universalidade. A distribuição deficitária de recursos e oportunidades denota a desatenção com os valores humanos, encerrando, assim, o ciclo vicioso de alienação humana, fatos diretamente ligados ao ambiente, que a todos incorpora. De que forma cada um o faz, com que critérios de (in)sustentabilidade mantém relações com conhecimento, consciência, miséria e ambiente urbano, cabe a cada qual responsabilizar-se pelo seu (des)envolvimento como cidadão diante das condições de vida urbanas.

A sociedade que vive de linguagens não necessariamente vive de significados, e como não vive de significados, não espanta aos próprios sujeitos e à sociedade que, por meio da ciência, da academia, das artes, da religião e de outros meios, se aliene a consciência da existência, os sujeitos não atentam para mentiras, inclusive as que pronunciam a si mesmos, assim usam linguagens sem significá-las responsabilmente, o que constrói indivíduos que não fazem o que afirmam e não afirmam o que fazem.

Em certa medida o caminho percorrido auxilia a elucidar a natureza do ciclo vicioso da miséria urbana, com suas emoções, valores etc., mas ainda restam e são necessários muitos outros olhares e ações, diante das condições de vida urbana, pois com variações, miséria é problema disseminado em nível global, que atenta aos equilíbrios humano e ambiental, que a matriz auxilia a melhor observar.

A realidade cultural vivida no cotidiano brasileiro e latino-americano erudito e popular possui as indelévels marcas da cultura, da criatividade e do humanismo, que podem servir como elementos de desenvolvimento humano e resgate social, desde muito desdenhados, ou mesmo observados com certos excessos, de sorte que cultura e educação ambiental podem vigorosamente atrelar-se à formação, ao desenvolvimento e ao exercício de cidadania.

A convergência de ambiente e consciência permite não somente o princípio de responsabilidade ambiental eco-preservacionista e tecnicista, mas também sintetiza na figura do sujeito ética e sentimento, significado e vida, assinalando uma epistemologia ambiental indissociável da ética individual, porque integra

consciência, natureza e sociedade, em uma neutralidade renovada, que se revela carregada de pertencimento e poesia.

Com relação aos recursos objetivos, foco em geral das perspectivas socioeconômicas, assistencialistas, vale ressaltar que o trabalho com a matriz deixa mais claro o fato de que existem outros tipos de recurso, não só os materiais e objetivos. E quando se observam esses recursos, especialmente dos valores, nota-se que são valores que não têm valor financeiro, bancos e agências de fomento não podem comprar ou adquirir paz, consciência, compreensão e diálogo, embora os recursos objetivos importem e devam ser contemplados a partir da liberdade de desenvolvimento de cada indivíduo, de seu contexto socioambiental.

A consciência sublinha que os sistemas de fomento e as democracias não são substantivos, pois desconsideram algo que para a matriz é basilar, ou seja, o desenvolvimento ético e moral, especialmente em níveis pós e pós-pós convencionais. Em geral, os sistemas sociopolíticos são quantitativistas e sequer observam iguais, e ainda não incorporam diferenças de responsabilidade moral na prática da consciência. O que faz notar que ainda há longa caminhada para o ser humano quando se trata de consciência.

Com relação às políticas públicas de Curitiba – abastecimento, ação social, cultura, desenvolvimento econômico, educação, esporte e lazer, evolução urbana, habitação, meio ambiente, mobilidade urbana, saúde e segurança⁵⁵ –, a análise que esses estudos e avaliações relacionados a programas sociais, políticas sociais e políticas públicas apresentam ainda é pautada em uma visão ambiental (social e humana) objetificada e reducionista, que bloqueiam e apagam a base de sustentação do vital, pois alienam a consciência como fator ambiental preponderante. Os futuros arranjos dependerão e resultarão não só das ‘possibilidades, limites e responsabilidades’, mas principalmente do grau de consciência vivido (MOURA, 2004).

O programa se faz com realização integral. Embora sejam louváveis parcerias entre público, ONGs e privado, essas parcerias nem sempre têm uma visão de sustentabilidade a partir da consciência, que sempre inclui e vai além de

⁵⁵ Ver Referências CURITIBA (2004), CURITIBA (2002), e IPARDES (1988).

qualquer definição. A matriz é mais abrangente que os reducionismos a que se expõe, como, por exemplo: programa social, cidadania, exercícios de subjetividade (ou mesmo de qualquer dos domínios), não se resume ou reduz a uma teia de vida ou solidariedade, ou a uma nova utopia, não se trata disso. Hosiestesia é mais complexa e ampla, porque ao incluir a consciência agrega verticalidade e presença moral de unidade ao vivido. A consciência em termos relativos (parte) pode ser exercitada, mas em termos absolutos (todo) é estado e só pode ser vivida.

Conseqüentemente vale enfatizar que a matriz pode ser entendida como, mas não é política pública, política social, ou política, é mais abrangente e não se volta somente à problemática da pauperização, pode ser replicada em diferentes estâncias de diferentes modos, a forma apresentada com os domínios é uma das formas possíveis e a mais usual entre os estudiosos atuais. Para replicar e adaptar a visão integradora em programas, estudos etc, nota-se que a matriz permite por meio de domínios e principalmente da consciência de base, várias aplicações, recriações e discussões para que seja versada à diferentes situações, como: promoção de uma cultura da paz, saberes necessários à educação, princípios e exercícios de uma fenomenologia da consciência (ecumenismo), a consciência incorporada aos diálogos de saberes e ações ambientais.

Hosiestesia permite que o ambiental assuma não só cobiça, abundância, poluição, ceticismo, mas o inefável das belezas humana e urbana; busca recuperar a dimensão de liberdade e estesia extraviada pelo sujeito e pela ciência sem consciência, permitindo ao sujeito infiltrar no ambiente e na cidade, enquanto estes penetram no sujeito, sempre com perplexidade e renovado olhar; é um caminho em que ambiente e ética assimilam-se, consentindo ao indivíduo encontrar as misérias ocultas.

Como a poética vital parece pouco apreciada, a poética da vida urbana, conseqüência desta, é também fato pouco percebido e parcamente estimado. Diante da miséria poder-se-iam anunciar algumas mortes, como a do egoísmo atávico, da desigualdade que vige em cada cidadão, e alguns nascimentos, como responsabilidade, humildade, compreensão. Universos nos quais ainda resta tudo

a investigar e saber, em cada instante legitimando e sendo legitimado por esta imensa mutação destruidora-construtora ambiental.

Quem sabe lembrar o pobre de Assis? Referência como indivíduo anticonsumismo, simplicidade, pacifismo, célula de transformação social, capaz de alterar padrões estruturados, florescimento, que em meio às chagas e à cegueira é capaz de aproximar-se das angústias sociais. É desse olhar que a cidade carece, sem hipocrisias sobre o ambiente do presente, passado ou futuro, mas do ambiente fluxo e consciência, que reúne e torna possível a síntese sábia da(s) sustentabilidade(s).

O olhar preconizado pressupõe um ambiente mais verdadeiro, vivo e íntimo dos cidadãos, que assim sentem as cidades como *locus* de consciência, posto que ainda há muito por aprender com as estésias urbanas. Hosítesia é um saber que faculta ao sujeito-consciência responsabilizar-se a que se liga e a que se desliga, enquanto ambientalmente se (des)integra.

REFERÊNCIAS

- ABE, Massao. *Zen and Western Thought*. Honolulu: Hawaii Press, 1985.
- ACSELRAD, Henri. **A Duração das Cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ADAM, Roberto Sabatella. **Coleta e adaptação de Dados, Figuras e Tabelas**. Curso de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento, UFPR. Curitiba, 2004.
- ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. **Sociologia da Família**. In: *Dialética da Família*. CANEVACCI, Massimo. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ALVA, Eduardo Neira. **Metrópoles (In) Sustentáveis**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense, 2001.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **Normas de Informação e Documentação, NBR 6023, NBR, 10520, e NBR 14724**. Rio de Janeiro, 2000.
- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico; A poética do espaço**. São Paulo: Nova Cultura, 1988.
- BENÉVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BONASSI, Fernando. **15 Cenas do Descobrimento do Brasil**. In: Moriconi, Ítalo (org). **Os Cem Melhores Contos do Século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Rio de Janeiro-Petrópolis: Vozes, 1997.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- BUARQUE, Sérgio e SOUZA, Maria Aguiar. In: **Pobreza y Medio Ambiente en America Latina**. HAJEK, Ernst (compilador). Grancharoff: Buenos Aires, 1995.
- BULFINCH, Thomas, *O Livro de Ouro da Mitologia: histórias de deuses e heróis*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANEVACCI, Massimo; HSÜN, Lu; TÖNNIES, Ferdinand; et alii. **Dialética da Família**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CARNEIRO, Sonia Maria Marchiorato. **A Dimensão Ambiental da Educação Escolar de 1ª - 4ª Séries do Ensino Fundamental na Rede Escolar Pública da**

- Cidade de Paranaguá.** Tese de doutorado apresentada ao Meio Ambiente e Desenvolvimento Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1999.
- CARVALHO, Maria do Carmo. **A Priorização da Família na Agenda da Política Social.** In: Família Brasileira, a base de tudo. São Paulo: Cortez, 2000.
- CASTRO, Lucia Rabello de. **Crianças, Jovens e cidades: vicissitudes da convivência, destinos da cidadania.** In: Subjetividade e Cidadania: um estudo com crianças e jovens em 3 cidades brasileiras. CASTRO, Lucia Rabello de (org.). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.
- CHALMERS, David. **O Enigma da Consciência.** Scientific American Brasil – Edição Especial.n.4. Segredos da Mente. Duetto Editorial, s/d.
- COSTA, Antonio. **A Família como Questão Social no Brasil.** In: Família Brasileira, a base de tudo. São Paulo: Cortez, 2000.
- COWAN, Christopher e BECK, Don. **Dinâmica da Espiral.** Lisboa: Instituto Piaget, 1996.
- CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. Curitiba na prática. Curitiba: IPPUC, 2002.
- CURITIBA. Prefeitura Municipal de Curitiba. Avaliação das políticas públicas municipais de Curitiba – 1997 a 2004. Curitiba: PMC, 2004.
- DAMÁSIO, António. **O Mistério da Consciência.** São Paulo: Companhia das Letras. 2000.
- DAMERGIAN, Sueli. **A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade.** In TASSARA (Org). Panoramas interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano. São Paulo: Educ/PUC-SP, 2001.
- DEÁK, Csaba e SCHIFFER, Sueli Ramos (orgs.). **O Processo de Urbanização do Brasil.** São Paulo: USP, 1999.
- DEMO, Pedro. **Ciências Sociais e Qualidade.** São Paulo: Almed, 1985.
- _____. **Complexidade e Aprendizagem.** São Paulo: Atlas, 2002.
- _____. **Pobreza da Pobreza.** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- DESCHAMPS, Marley. **Vulnerabilidade Ambiental na Região Metropolitana de Curitiba.** Tese de doutorado apresentada ao Meio Ambiente e Desenvolvimento Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.
- DICKENS, Charles. **Seleções de Dickens.** Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1943.
- DUDEQUE, Irã José Taborda. **Espiraís de Madeira: uma história da arquitetura de Curitiba.** São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 2001.

- ECKENSBERGER, Lutz. **Juízos Morais no Contexto de orientações de valores econômicos e ecológicos: o caso de uma usina de força abastecida a carvão**. In TASSARA (Org). Panoramas interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano. São Paulo: Educ/PUC-SP, 2001.
- FENIANOS, Eduardo. **Atuba e Bairro Alto**. Coleção Bairros de Curitiba, vol.16. Curitiba: UniverCidade, 1999.
- FLORIANI, Dimas. **Conhecimento, Meio Ambiente & Globalização**. Curitiba: Juruá, 2004.
- _____. e KNECHTEL, Maria do Rosário. **Educação Ambiental, epistemologia e metodologias**. Curitiba: Vicentina, 2003.
- FOLADORI, G. e TOMASINO, H. **El enfoque técnico y el enfoque social de la sustentabilidad** In: PIERRI, Naína; e FOLLADORI, Guillermo. ¿ Sustentabilidad ? Montevideo: Trabajo y Capital, 2001.
- FREITAG, Bárbara. **Itinerários de Antígona: a questão da moralidade**. Campinas, SP: Papirus, 1992.
- FRÚGOLI, Heitor. **São Paulo Espaços Públicos e Interação Social**. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- GALIMBERTI, Umberto. **Rastros do Sagrado**. São Paulo: Paulus, 2003.
- GARCIA, Fernanda Ester Sanchez. **O City Marketing de Curitiba: Cultura e Comunicação na Construção da Imagem Urbana**. In: DEL RIO, Vicente. OLIVEIRA, Livia de (org). **Percepção Ambiental. A Experiência Brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, Universidade de São Carlos, 1996.
- GARDNER, Howard. **O Verdadeiro, o Belo e o Bom. Os Princípios Básicos para uma Nova Educação**. Rio de Janeiro. Objetiva, 1999.
- GIBRAN, Khalil Gibran. **O Profeta**. Porto Alegre: LP&M, 2002.
- GOLDENBERG, Miriam. **A Arte de Pesquisar como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2001.
- GOMES, Romeu; et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GONÇALVES, Teresinha Maria. **O Processo de Apropriação do Espaço Através dos Modos de Morar e Habitar o Lugar**. Tese de doutorado apresentada ao Meio Ambiente e Desenvolvimento Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.
- GUATARI, Félix. **Caosmose: Um Novo Paradigma Estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

- GUNN, Philip. **A mídia na guerra dos lugares: A experiência tucana no Ceará.** In: O Processo de Urbanização do Brasil. DEÁK, Csaba e SCHIFFER, Sueli Ramos (orgs.). São Paulo: USP, 1999.
- HABERMAS, J. **A família burguesa e a institucionalização de uma esfera privada referia à esfera pública.** In: Dialética da Família. CANEVACCI, Massimo. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- HEEMANN, Ademar. **Texto Científico.** Curitiba: Livraria do Eleotério, 2002.
- HOUAISS, Antônio. (Instituto). **Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Objetiva, 2001.
- HUGO, Victor. **Os Miseráveis.** São Paulo: Hemus, s/d.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico – 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000.**
 _____. **Dados Estatísticos.** Disponível em [http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br), acesso mai. 2003.
- INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). Programas sociais da Região Metropolitana de Curitiba: demandas sociais e gastos públicos em habitação, saneamento, saúde e educação. Curitiba: IPARDES, 1988.
- _____. **Famílias Pobres no Estado do Paraná.** Curitiba: IPARDES, 2003.
- INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (IPPUC). **Curitiba em Dados 2004.** CD-room - Multimídia.
- _____. **Mapas Temáticos.** Disponível em [http:// www.ippuc.org.br/informando/mapastematicos.htm](http://www.ippuc.org.br/informando/mapastematicos.htm), acesso mai. 2003.
- _____. **Banco de Dados.** Curitiba, 2005. Supervisão de Informações.
- _____. UFPR, IPARDES. **Mapa da Pobreza de Curitiba.** Curitiba: UFPR, 1997.
- _____. **Aerofoto Bairro Alto e Região.** Curitiba, 2005. Escala 1:8000.
- JACOBI, Pedro. **Cidade e meio ambiente: percepções e prática em São Paulo.** São Paulo, Annablume, 2000.
- JAMES, William. **A Filosofia de William James.** Companhia Nacional, 1943.
- KALOUSTIAN, Sílvio. **O Papel da Família.** In: Família Brasileira, a base de tudo. São Paulo: Cortez, 2000.
- KAPLEAU, Philip. **Os Três Pilares do Zen.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.
- KUHN, Thomas. **A Estrutura das Revoluções Científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1970.
- LAERTE. **Figura.** Disponível em: www.larte.com.br, acesso, s/d.

LAR FABIANO DE CRISTO. **Educação do Ser Integral**. CD – ROOM 1. Rio de Janeiro: 2001.

_____. **Referências Gerais**. Disponível em: <http://www.lfc.org.br>, acesso, ago. 2004.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Racionalidad ambiental y dialogo de saberes: sentidos e senderos de um futuro sustentable**. In: Desenvolvimento e Meio Ambiente. n.7. Curitiba: UFPR, 2003.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito a Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LE GOFF, Jaques. **São Francisco de Assis**. São Paulo: Record, 2001.

LEONARD, Jeffrey. **Meio Ambiente e pobreza: estratégias de desenvolvimento para uma agenda comum**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LIMA, Cristina de Araújo. **A Ocupação de Áreas de Mananciais na RMC: do planejamento à gestão ambiental urbana metropolitana**. Tese de doutorado apresentada ao Meio Ambiente e Desenvolvimento Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2000.

LYNCH, Kevin. **De que tiempo es este lugar?**. Barcelona: G. Gilli, s/d.

MALDONATO, Mauro. **A Subversão do Ser: Identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

MARTINS, Fernando. **Desigualdade é Desafio na Capital**. Gazeta do Povo, Curitiba, 02 ago. 2004.

MENDONÇA, Francisco. **Abordagem interdisciplinar da problemática ambiental urbano-metropolitana**. In: Desenvolvimento e Meio Ambiente. Curitiba: UFPR, n.3, 2001.

_____. **Geografia Socioambiental**. In: Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. MENDONÇA, Francisco e KOZEL, Salette (orgs). Curitiba: UFPR, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MONTAGNA, Plínio. **Subjetivação contemporânea na metrópole**. In TASSARA (Org). **Panoramas interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano**. São Paulo: Educ/PUC-SP, 2001.

- MORI, Klára Kaiser. **A ideologia na constituição do espaço brasileiro**. In: O Processo de Urbanização do Brasil. DEÁK, Csaba e SCHIFFER, Sueli Ramos (orgs.). São Paulo: USP, 1999.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1984.
- _____. **A Cabeça Bem Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- _____. **A Religação dos Saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **Os Sete Saberes Necessários a Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília-DF: Unesco, 2002.
- _____. e KERN, Anne Brigitte. **Terra Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- MOURA, Rosa. Políticas públicas urbanas: ausências e impactos. In: Mendonça, Francisco (org.) Impactos Socioambientais urbanos. Curitiba: UFPR, 2004.
- MUNIZ, Tétis Mori. **Trajetória de Vida: A Inter-relação Educador – Educando**. In: SIMSON, Olga; PARK, Margareth e FERNANDES, Renata (orgs.). **Educação Formal e Cenários da Criação**. Campinas: Unicamp, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Così Parlò Zarathustra**. Bussolengo: Demetra, 1994.
- PEREIRA, Gislene. **Produção da Cidade e Degradação do Ambiente: A Realidade da Urbanização Desigual**. Tese de doutorado apresentada ao Meio Ambiente e Desenvolvimento Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.
- PIERRI, Naína. **El Proceso histórico y teórico que conduce a la propuesta des desarrollo sustentable**. In: PIERRI, Naína; e FOLLADORI, Guillermo. ¿Sustentabilidad ? Montevideo: Trabajo y Capital, 2001.
- PRIGOGINE, Ilya e STENGERS, Isabelle. **A Nova Aliança: Metamorfose da Ciência**. Brasília: UnB, 1997.
- RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO (RDH), 2001.
. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/rdh>, acesso, jun. 2005.
- RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO (RDH), 2003. **Objetivos do Desenvolvimento do Milênio**. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/rdh>, acesso, jun. 2005.
- RELATÓRIO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO (RDH), 2004. **Liberdade Cultural num Mundo Diversificado**. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/rdh>, acesso, jun. 2005.
- RIBEIRO, Darcy. **O Brasil como Problema**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995a.

- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995b.
- RIBEIRO, Wagner Costa; in PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi (org). **História da Cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.
- RIBEIRO, Rosa; SABÓIA, Ana Lúcia; BRANCO, Helena e BREGMAN, Sílvia. **Estrutura Familiar, Trabalho e Renda**. In: Família Brasileira, a base de tudo. São Paulo: Cortez, 2000.
- SÁNCHEZ, Fernanda. **A (in)sustentabilidade das cidades-vitrine**. In: ACSELRAD, Henri (org). A Duração das Cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana**. São Paulo: Hucitec, 1979.
- SEN, Amartya Kumar. **Sobre ética e economia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SILVA, Marina. **Prefácio**. In: Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. TRIGUEIRO, André (coord). Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- SPINK, Peter. **Estratégias locais de combate à pobreza**. In: Pobreza, cidadania e segurança. VELLOSO, João Paulo; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti (coords). Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira. **A invenção do urbano e o poético: uma cartografia afetiva – Estudo sobre o bairro paulistano da Barra Fundo**. TASSARA, Eda Terezinha de Oliveira (org). Panoramas Interdisciplinares para uma Psicologia Ambiental do Urbano. São Paulo: Educ, Fapesp, 2001.
- TRIGUEIRO, André. **Meio Ambiente na Idade Média**. In: Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. TRIGUEIRO, André (coord). Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.
- _____. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos – Sistema de Bibliotecas**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.
- VARELA, Francisco; e VERMERSCH, Pierre. **The Gesture of Awareness**. 1999. Disponível em http://www.ccr.jussieu.fr/varela/human_consciousness/GestureAwareness.pdf, acesso jul. 2004.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; e ROSCH, Eleanor. **A Mente Incorporada. Ciências Cognitivas e Experiência Humana.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

VELLOSO, João Paulo. **Pobreza, cidadania e segurança pública.** In: Pobreza, cidadania e segurança. VELLOSO, João Paulo; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti (coords). Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

VILLAÇA, Flávio. **Uma Contribuição para a História do Planejamento Urbano no Brasil.** In: O Processo de Urbanização do Brasil. DEÁK, Csaba e SCHIFFER, Sueli Ramos (orgs.). São Paulo: USP, 1999.

WALDMAN, Maurício. **Natureza e Sociedade como Espaço de Cidadania.** In: PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla Bassanezi (org). História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2003.

WILBER, Ken. **O Paradigma Holográfico e Outros Paradoxos.** São Paulo: Cultrix, 1987.

_____. **Uma Teoria de Tudo.** São Paulo: Cultrix. 2000a.

_____. **Psicologia Integral.** São Paulo: Cultrix. 2000b.

_____. **Breve História do Universo.** São Paulo: Cultrix. 2001a.

_____. **Diário.** Barcelona: Kairós, 2001b.

_____. **União da Alma e dos Sentidos.** São Paulo: Cultrix. 2001c.

WILSON, Edward O. **A Unidade do Conhecimento – Consiliência. Seria a Ciência capaz de Explicar Tudo?** Rio de Janeiro: Campus, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas.** São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMOVAY, Mirian. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO - BID, 2002.
- ABRAMOVAY, Mirian. et alli. **Avaliação do Programa Abrindo Espaços na Bahia**. Brasília: UNESCO, UNIRIO, 2003.
- ADAM, Roberto Sabatella. **Princípios do Ecoedifício: interação entre ecologia, consciência e edifício**. São Paulo: Aquariana, 2001.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; e MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando – Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993.
- ARENDDT, Hannah. **A Vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- BECK, Ulrich. **O que é globalização? Equívocos do globalismo: respostas à globalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- BLAKE, William. **Matrimônio do Céu e do Inferno**. São Paulo: Iluminuras, 1987.
- BOCK, Ana Maria, FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- CAEIRO, Alberto / PESSOA, Fernando. **Poemas Completos de Alberto Caeiro**. Lisboa: Presença, 1994.
- CAEIRO, Alberto. **Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- CERDEIRA, Paulo Cezar Rizzo. **A Percepção do Lixo na Perspectiva de Diferentes Atores Sociais no Ambiente Urbano de Paranaguá**. Tese de doutorado apresentada ao Meio Ambiente e Desenvolvimento Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2002.
- CHALMERS, David. **O Mistério da Consciência**. Revista Ciência Hoje. Vol.34. n. 199. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/matéria/resources/files/chmais/pass/ch199/entrevis.pdf>, s/db.
- _____. **O Enigma da Experiência Consciente**. Crítica, 24 set. 2004. Disponível em: <http://www.criticanerede.com/teses/chalmers.pdf>. acesso, dez. 2004.
- CORDÓN, Juan Manuel e MARTINEZ, Tomas Calvo. **História da Filosofia: Filosofia Contemporânea**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- CRICK, Francis; e KOCH, Christof. **O Problema da Consciência**. *Scientific American Brasil* – Edição Especial.n.4. Segredos da Mente. Duetto Editorial, s/da.

- DEL RIO, Vicente. OLIVEIRA, Livia de (org). **Percepção Ambiental. A Experiência Brasileira.** São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, Universidade de São Carlos, 1996.
- DUARTE, Moacyr. **O Problema do Risco Tecnológico Ambiental.** In: Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. TRIGUEIRO, André (coord). Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- DUPUY, Jean Pierre. **Arauto da Complexidade.** In PASTERNAK, Guitta Pessis (org): Do Caos a Inteligência Artificial: quando os cientistas se interrogam. São Paulo: Unesp, 1993.
- GAARDER, Jostein, HELERN, Victor e NOTAKER, Henry. **O Livro das Religiões.** São Paulo: Companhia das Letras: 2000.
- GALIMBERTI, Umberto. **Rastros do Sagrado.** São Paulo: Paulus, 2003.
- GARDNER, Howard. Estruturas da Mente: **A Teoria das Inteligências Múltiplas.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
- GIDDENS, Anthony. **Para Além da Esquerda e da Direita. O Futuro da Política Radical.** São Paulo: Unesp, 1996.
- GOMBRICH, Ernest. **Arte e Ilusão.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- HEEMANN, Ademar. **Natureza e Ética.** Curitiba: UFPR, 2001.
- HILLMAN, James. **Cidade e Alma.** São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- PASSOS, Carlos Artur Krüger (org.). Indicadores, ONGs e Cidadania: contribuições sociopolíticas e metodológicas. Curitiba: Plataforma Contrapartes Novib GT indicadores, 2003.
- LAZARUS, Richard. **Percepção.** Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito.** Lisboa: edições 70, 1980.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Natureza.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Textos Selecionados.** São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte.** São Paulo: Ática, 1991.
- OSTROWER, Fayga. **Complexidade, Percepção e Criação Artística.** Artigo, s/d. **PASSWORD. K Dictionaries - English Dictionary for Speakers of Portuguese.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

- PAULA, Eduardo. **Mapa da Pobreza de Curitiba PR**. Curitiba –PR, 2004. Sem escala.
- PEDROSA, Mário. **Forma e Percepção Estética**. ARANTES, Otília (org). São Paulo: Edusp, 1996.
- PLOTINO. **Tratados das Enéadas**. São Paulo: Polar, 2000.
- RANDOLPH, Rainer. **Em busca do urbano na cidade: “andaduras porteñas” por lugares e lares da experiência sensorial, cognitiva e do espírito absoluto**. In: Ensaio sobre a Desigualdade. Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 1986.
- RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura Vivenciada**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- SEARLE, John. **O Mistério da Consciência**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- SEÑAS, **Diccionario para la Enseñanza de la Lengua Española para Brasileños**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SHIKWATI, James. **A Ajuda Atrapalha**. Revista Veja, 10 ago. 2005.
- SMITH, Huston. **As Religiões do Mundo: Nossas Grandes Tradições de Sabedoria**. São Paulo: Cultrix. 2002.
- SOUZA, Okky de. **Um Ataque à Pobreza**. Revista Veja, 26 jan. 2005.
- SPERLING, Abraham. **Introdução à Psicologia**. São Paulo: Pioneira, 1999.
- TEIXEIRA, João de Fernandes. **Filosofia e Ciência Cognitiva**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- TEIXEIRA, Kozel Salete. **Das Imagens às Linguagens do Geográfico: Curitiba, a “capital ecológica”**. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- WALLACE, Alan. **External, Internal, and Nondual Space**. England, april 13, 2003. Academic Essays. Disponível em [http: www.alanwallace.org/writings.htm](http://www.alanwallace.org/writings.htm), acesso mar. 2005.
- WALLACE, Alan. **The Buddhist Tradition of Samatha: Methods for Refining and Examining Consciousness**. *Jornal of Consciousness Studies*. 6 n°. 2-3, p175-187, 1999. Academic Essays. Disponível em [http: www.alanwallace.org/writings.htm](http://www.alanwallace.org/writings.htm), acesso mar. 2005.

ANEXOS

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS E FICHAS DE REGISTROS DA UPI

1- Entrevista Equipe da UPI - Casa de Joana D’Arc

Rosa - Coordenadora da UPI.....	188
Enza – Assistente Social.....	193

2- Entrevistas com Sujeitos das Famílias Promovidas

Família I - Dona Adelita

Entrevista - Elisa.....	195
Entrevista - Dona Adelita.....	199

Família II - Alberto

Entrevista - Paula.....	203
Entrevista - Alberto.....	205

Família III - Dona Zenaide (narrativa)

Entrevista – Roger.....	208
Entrevista – Alan.....	210

3 – Fichas de Registros da UPI

Documentação da Família.....	214
Planejamento das Ações.....	215
Plano de Qualidade de Vida (PQV).....	216
Desligamento.....	219

**Universidade Federal do Paraná – UFPR.
Curitiba, 2004.**

Ficha Técnica

Entrevistada: Rosa - voluntária responsável coordenação UPI.

Entrevistador: Roberto Sabatella Adam

Data

03 de agosto de 2004 – 15:30h.

Local da Entrevista

Unidade de Promoção Integral - Casa de Joana D’Arc

Bairro: Bairro Alto

Cidade: Curitiba PR

Equipamento

entrevista anotada

(entrevistada formalizou preferência por ser entrevistada sem gravador)

Transcrição e digitação

Roberto Sabatella Adam

Revisão

Roberto Sabatella Adam

ENTREVISTA ROSA

Observações: Estamos na sala de reuniões da UPI, Casa de Joana D'Arc, e Rosa preferiu fazer uma entrevista mais informal, sem gravador, solicitou-me que fossemos conversando e eu simplesmente anotando a entrevista.

Roberto (R)- Qual é a situação que mais te toca quando as famílias chegam na casa ?

Rosa (Rs)- A carga emocional acumulada em anos e anos de angústia, quando começamos a conversar, eles põe anos de repressão de sentimentos e emoções para fora, muito tempo convivendo com muitas dificuldades alcoolismo, drogas, violência, problemas de nutrição... Eles chegam na instituição, dizendo que aqui é a última esperança, pois foram buscar auxílio em outros lugares e foram maltratados e negligenciados. Frequentemente as pessoas pertencentes as famílias atendidas pelo programa dizem: “aqui a gente se sente bem”, “aqui a gente é bem tratado”, “vocês entendem a gente”, “vocês animam a gente”. Eles chegam no fundo do poço, é uma situação de derrotismo, pois estão completamente desintegrados do contexto social. Nós temos uma preocupação com o bem-estar dos filhos, é mais do que só educar, criamos vínculos e confiança, para promoção. Todos somos agentes transformadores, responsáveis e cobrados pelos resultados deste processo, buscamos desenvolver juntamente amor e técnica. Todos somos instruídos a desenvolver o terapeuta, que cuida e que zela. E as pessoas sentem o amor. Você sabe que muitos não têm controle sobre os filhos, e sobre a educação dos filhos, os meninos ficam nas ruas em situação de abandono. Já registramos situações difíceis por aqui, crianças, meninos, com registros na polícia, teve uma época que havia dois aqui, não dá, se eles tiverem espírito de liderança, todos os outros acabam influenciados.

R- Como ocorre o processo de ingresso na Casa ?

Rs- As famílias procuram a guarda mirim para os filhos, e são apresentados a todas as atividades da Casa, vêem como ela funciona e se estiverem

enquadradas dentro do perfil das famílias que auxiliamos... As famílias que entram na Casa, compreendem que somos uma Unidade de Promoção Integral.

R- Em geral de que área da RMC vem as famílias ?

Rs- Vem de vários locais da RMC, mas buscamos atender prioritariamente os bolsões de miséria da região, do bairro, são as ocupações do Rio Negro, o do Rio Atuba na divisa com Pinhais [a instituição localiza-se no Bairro Alto e a entrevistada refere-se aos bolsões de miséria existentes nos rios da bacia do Rio Atuba], mesmo os que nos buscam de outras cidades da RMC, ou de outros bairros saem com um direcionamento, nunca abandonamos ninguém. Mas tem locais, você caminhando por lá, você sente, principalmente mais para a região do Cajuru, uma vibração forte sabe.

R- E sobre o conceito de Integral, como você o percebe ?

Rs- É o Homem tomando consciência de si mesmo, sendo responsável por si e pelo contexto onde se encontra, dentro de uma visão planetária, e de um ser em evolução, mesmo. Esse processo é delicado porque mesmo os educadores ou facilitadores do processo, precisam revisar valores, sem o exemplo somente com a abordagem teórica um processo integral não vinga, é preciso viver o que diz. [interrompi e lembrei de uma frase de Marx usada por Morin: “E os educadores, quem vai educar os educadores...” risos] É isso há um perfil das pessoas para compreenderem esta idéia, o processo começa em si, é um trabalho sobre valores e educação dos sentimentos.

R- Há algum problema no fato do trabalho ser embasado no espiritismo ?

Rs- O bairro é essencialmente evangélico, e tem muitos que associam espiritismo com cachimbo, e rituais deste gênero... Depois que convivem passam a conhecer a instituição; eles falam da tranquilidade que experimentam aqui. Muitos na entrevista para ingresso na casa, dizem que não tem religião, mas encontram aqui um princípio religioso. O espiritismo não é imposto, há respeito a cada um, não se violenta consciências, mas é propor à – para que ele, a pessoa faça reflexões. O

trabalho é bastante reflexivo. Não é assistencialista, é um trabalho de ação promocional da família, de cuidado e amor. É interessante porque a instituição conquistou credibilidade, então têm muitos problemas que não são nossos, mas são resolvidos por aqui, então as crianças vêm para a escola [a algumas quadras da Casa tem uma escola pública] e se tem algum problema médico, de saúde. Eles ligam para os pais e os pais ligam para cá, dizem para trazer as crianças para cá, que aqui tem solução.

R- Com relação ao Ambiente Urbano há algum trabalho dirigido ?

Rs- Há o grupo moradia, que trabalha um pouco a questão da habitação. Muitos deles quando chegam dizem prefiro ficar aqui onde estou [nas ocupações irregulares], preferem ficar nas ocupações irregulares, sujeitando-se as águas periódicas das enchentes, do que comprar um terreno fora, dizem que perto das ocupações tem ônibus, unidade de saúde... Mas depois para alguns esta visão acaba mudando e eles até buscam uma vida na periferia.

R- Em sua opinião por que existem poucos trabalhos em relação ao ambiente, que incorporem a subjetividade ou interioridade ? Ou em geral quando falam de subjetividade e interioridade, esquecem da objetividade e vice-versa ?

Rs- Falta autoconhecimento, disso eu não tenho dúvidas. As pessoas não se conhecem, não há tomada de consciência de si. Você percebendo seus talentos, defeitos, potencialidades, problemas, você começa a perceber que pode, começa a se amar, começa a amar o outro, começa a amar o ambiente. Você quer ver uma coisa – eu plantei um canteiro no canto perto da entrada [área de lazer das crianças] elas pisaram em cima das plantas, elas simplesmente passaram por cima, nem perceberam o canteiro. Elas não percebem, não tem a cultura do ambiente. Às vezes eu pego lixo, jogo fora, só para ver se o exemplo gera reações nas crianças, você viu as lixeiras no pátio, temos a separação do lixo. E um ou outro, é raro, aí eles perguntam: - Você quer ajuda? Por vezes deixo que fique bagunçado. A pessoa precisa perceber-se. Mas eu acredito que estas pequenas coisas ficam, é a semente. Tudo que a gente faz é para um ser em evolução, aí é

que entra a reencarnação. Se não manifestar nessa vida, manifestará em outra, é o que eu acredito.

R- Diante deste processo todo que ocorre na Casa com as famílias, o que você modificaria ?

Rs- Há uma coisa que eu modificaria, e vou sugerir a sede do LFC no Rio de Janeiro. Nós alteramos aqui, é o sistema de inserção das famílias. Quando recebemos as famílias, fazemos junto com eles uma projeção sobre o futuro, uma Visão do Futuro, apresentamos a casa e vamos criando vínculos. Saber receber as famílias é muito importante pois é o momento que criamos os vínculos, por isso ficamos mais rigorosos, seletivos e com mais tempo para esta apresentação inicial. E não deixamos a coisa esfriar, depois desta primeira entrevista logo passamos ao segundo encontro, para realmente efetivar o processo.

**Universidade Federal do Paraná – UFPR.
Curitiba, 2004.**

Ficha Técnica

Entrevistada: Enza (funcionária, assistente social responsável pelo ingresso e capacitação dos assistidos).

Entrevistador: Roberto Sabatella Adam e Rosa (coordenadora da UPI).

Data

03 de agosto de 2004 – 15:30h.

Local da Entrevista

Unidade de Promoção Integral

Bairro: Bairro Alto

Cidade: Curitiba PR

Equipamento

entrevista anotada

Transcrição e digitação

Roberto Sabatella Adam

Revisão

Roberto Sabatella Adam

ENTREVISTA ENZA

Observações: Rosa me convidou para que juntos fossemos falar com as assistentes sociais, sobre as famílias e o atendimento feito a estas, desde o ingresso na casa às suas percepções sobre os comportamentos das famílias. Encontramos a Enza. Deixei que a conversa se desenvolvesse em um tom de bate papo, mais do que uma entrevista. Feitas as apresentações relacionadas aos meus interesses, e dito que se tratava da Educação do Ser Integral...

Rosa (R) - Você percebe por parte das famílias algum constrangimento pelo fato da casa ser espírita ?

Enza (E) – Olha, em geral noto que as pessoas são bem receptivas, hoje o que ocorre é que as famílias já chegam na casa sabendo do trabalho que é realizado por aqui, elas vêem que o vizinho conseguiu um emprego, uma colocação melhor e vem até aqui.

R– Fale do vídeo, como tem sido o ingresso das famílias, como tem sido a receptividade ?

E - Mostramos o trabalho detalhadamente, e na primeira entrevista apresentamos um vídeo, que mostra às famílias uma visão de seu futuro, assistimos o vídeo junto com eles e orientamos: - Quando vocês quiserem falar alguma coisa nós paramos a fita e comentamos, daí seguimos em frente, vamos dialogando e criando vínculos... O vídeo tem meia hora, finalizado isto, a partir daí apresentamos a Casa às pessoas, tentamos deixá-los a vontade, quebrando algumas barreiras que podem surgir no contato inicial, percorremos toda a Casa, mostramos desde as salas até as pessoas, e agendamos logo o segundo encontro, de modo que a coisa não esfrie.

**Universidade Federal do Paraná – UFPR.
Curitiba, 2004.**

Ficha Técnica

Entrevistada: Elisa – Família Dona Adelita

Entrevistador: Roberto Sabatella Adam

Data

Data: 21 de agosto de 2004, 14h.

Local da Entrevista

Área de enchentes ao lado das linhas de alta tensão nas margens do rio Atuba.

Bairro: Bairro Alto

Cidade: Curitiba PR

Equipamento

3 Band Radio Cassete Recorder

Marca: Philips DR 280

Transcrição e digitação

Roberto Sabatella Adam

Revisão

Roberto Sabatella Adam

ENTREVISTA ELISA

Família Dona Adelita

Roberto (R) - Elisa, quantos anos você tem ?

Elisa (E) - Eu tenho 17, agora.

R- Essa casa aqui é tua mesmo ?

E- É minha e da minha avó.

R- No que você está trabalhando agora ?

E- Estou trabalhando na Vitória Régia comércio de materiais, né? Sou vendedora, televendas também, tudo.

R- O que foi significativo, que você aprendeu lá na Casa que mudou tua vida ?

E- Assim fica meio difícil dizer, né? porque foram tantas as experiências, foram tantas coisas boas que eu aprendi lá, assim ser mais educada, ver a noção do que é lá fora, assim sabe. Do que... tipo, como que eu posso explicar pro senhor, nossa é meio difícil explicar tudo porque tive, a maioria da minha vida foi lá, né? A maioria do tempo que eu passei foi tudo lá, né? Fora o colégio. Eu adorava conversar com as psicólogas de lá, nossa eu aprendi tanta coisa lá, tanta, tanta, tanta, que tudo foi experiência pra minha vida agora, né?

R- Mas teve algum momento que marcou mais pra você ?

E- Ah ! Quando falaram bem assim pra mim, que eu ia pra um serviço, que eu tava já preparada, que eu já tava pronta pra ir já. Nossa ! Foi bem legal assim...

R- Você sentiu que não só ajudou na parte financeira, no serviço, mas na tua formação pessoal...

E- Pessoal assim, educacional nossa eu mudei bastante, nossa eu me reconstruí. Foi... Muitas experiências. Aprendi a ser mais educada, aprendi um monte de coisas lá, de recepcionista, de higiene e saúde, que meu Deus! Foram coisas que

aprendi para vida assim. Que você nunca mais esquece. Sem contar que todo o pessoal lá são mais que professores, são amigos assim sabe.

R- Houve algum momento de tranquilidade e harmonização ?

E- Nos lanches, alguém lia alguma frase, para a gente dizer o que entendeu, e você se sente bem quando faz isso, tua vida é trabalho e trabalho, é muito confuso, e aquele momento é só pra você. Oração eu gostava bastante.

R- Você lembra mais ou menos quando você entrou na Casa ?

E- Fazem dois anos que estou empregada, foi em 2000, acho que entrei com uns treze anos lá.

R- O que é meio ambiente, pra você ?

E- Sei lá é tudo, né? Poluir o ar faz mal pra você, a água dos rios a gente que bebe, o meio ambiente é tudo. Lá eles ensinam sobre o lixo, as enchentes, eu guardo papel, estas coisas na bolsa, pra não jogar por aí, na Casa tinham os lixos com as cores pra gente separar o lixo.

R- E sobre o ambiente interior, tem a ver com ambiente ?

E- É e não é, é uma limpeza de alma.

R- Tem algo que eu esqueci de perguntar, que você gostaria de falar ?

E- Mas eu, se eu pudesse voltar pra lá de novo, se a idade pra ficar lá fosse maior, o que eu mais queria era voltar pra lá. Eu tenho certeza que eu ia aprender muitas coisas lá ainda. Acho assim que eles podiam dar assim um pouquinho mais de idade, pro pessoal ficar. Claro que todo mundo que entra lá, que ir pra um estágio, né? É claro, isso é claro. Mas eu... Eu aprendi muitas, muitas coisas que eu nunca mais vou esquecer. Tudo... definição em tudo, tudo mudou minha vida, desde abraçar um amigo na hora lá do, lá da prece lá... Tudo. Aprendi muito lá com os professores. Muita coisa ! No começo todo mundo pensa em desistir, né? Ah! Porque meu Deus tá muito puxado, vamo embora... Só que eu não, eu tinha uma

meta a mais, desde o primeiro dia que eu entrei lá, eu pensei em comprar minhas coisas, eu pensei em poder ajudar na minha casa, é claro que até hoje eu não consigo fazer muito isso de ajudar em casa... Assim, tem que pagar conta, de telefone, comprar umas coisinhas também, mas se posso ajudar, tô ajudando, a gente vai aumentar nossa casa, a gente comprou um terreno, a gente vai construir uma nova casa. Porque você vê aqui em casa é pequenininho, eu e minha vó, imagine quantos anos a gente não mora assim apertado ! Tudo que eu disse aí é menos, muito menos do que eu aprendi lá sabia, foi uma experiência que nem palavras eu tenho, eu vou ser sincera eu gosto muito de lá, muito, muito, o pessoal lá todo mundo, tudo que eu aprendi lá eu tenho certeza, eu nunca mais vou esquecer sabe, foi muito legal. Eu acho que devia ter mais instituições pra recolher as pessoas que precisam.

**Universidade Federal do Paraná – UFPR.
Curitiba, 2004.**

Ficha Técnica

Entrevistada: Dona Adelita – Família Dona Adelita

Entrevistador: Roberto Sabatella Adam

Data

Data: 29 de agosto de 2004, 16:30h.

Local da Entrevista

Área de enchentes ao lado das linhas de alta tensão nas margens do rio Atuba.

Bairro: Bairro Alto

Cidade: Curitiba PR

Equipamento

3 Band Radio Cassete Recorder

Marca: Philips DR 280

Transcrição e digitação

Roberto Sabatella Adam

Revisão

Roberto Sabatella Adam

ENTREVISTA DONA ADELITA

Família Dona Adelita

Roberto (R) - Com quantos anos a senhora está ?

Dona Adelita (A) - Estou com 55 anos.

R- A Casa foi importante para você ?

A- Nossa adorei trabalhar lá, meu Deus do céu... Assim se voltasse, até eu gostaria de voltar, mas agora eu não posso porque eu trabalho, né?.

R- Em que aspectos mudou a sua vida ?

A- Mudou bastante, nossa! Aprendi muitas coisas, aprendi bastante coisas boas lá. Nossa, adorei trabalhar na guarda mirim e conversar com aquela mulherada lá que faziam reunião.

R- No que senhora está trabalhando agora Dona Adelita ?

A- Eu trabalho por mês, eu trabalho na casa de uma sobrinha, já vão fazer dois anos já. E logo que eu saí de lá [da Casa] eu já fui trabalhar. Eu comecei a estudar na guarda e acho que estudei uns 3 a 4 meses, daí eu já consegui serviço, aí eu preferi, né? Porque... que nem diz o outro, eu estava trabalhando e eu não posso estar faltando serviço pra estudar. Eles mandaram caderno, papel, as coisas lá da guarda pra mim aprender em casa mas o tempo meu é pouco, então eu nem tenho quase pegado, mas estes dias ainda estava pensando, vou estudar mais um pouco pelo livro, né? e vou aprendendo mais alguma coisa.

R- Quando a senhora recorda da guarda o que foi mais marcante para a senhora?

A- Nossa os sonhos, né? A gente foi entrevistado, bastante coisa, né? Para ver o que nós pedia, um fazia pergunta de lá outro fazia de cá, eles queriam saber, né? quais eram os sonhos da gente que queria realizar, se queria coisas boas, tudo isso, e pra mim foi bom, nossa eu adorei.

R- Qual sonho a senhora realizou e que foi mais relevante, a senhora lembra ?

A- É conversar com os outros, porque eu quase não conversava com ninguém e agora eu converso com todo mundo, e coisa que eu não sabia eu aprendi bastante coisa, que nem estes dias eu estava falando pra minha sobrinha: eu adorei trabalhar na guarda mirim, porque lá eu aprendi muita coisa por causa da reunião da guarda mirim. Mas a gente não pode participar muito, porque quem trabalha, assim que nem eu, que trabalho todos os dias, não tem tempo, né?

R- Quando a senhora participou teve algum momento em que foram feitas tranqüilizações, reflexões em que a senhora sentiu tranqüilidade ou serenidade, a senhora recorda-se de algum momento ?

A- É assim, né? Aqueles exercícios que eles faziam, né? bastante coisa, bastante atividades que eles faziam lá era tão bom nossa, eu adorava participar das atividades que eles faziam, de escrever, de conversar, de responder perguntas.

R- E o que é o ambiente para a senhora, o que significa o ambiente ?

A- Eu pra mim uma boa saúde, a gente sair, passear, conversar, ter liberdade, né? bastante, trabalhar e conversar com os outros, pra mim é assim. Que nem lá na guarda mirim também eles davam as umas coisas pra mim, eles mandam cesta básica, no natal do ano passado cheguei em casa e estava uma cesta aí, desse tamanho, nossa eu fiquei tão alegre, só que eu nem pude ir lá agradecer, estes dias eu estava falando para minha menina nós temos que ir lá na guarda mirim qualquer hora, porque toda vida eu ia no sábado quando eles tinham formatura, eu ia lá participar.

R- Tem alguma coisa que a senhora gostaria de falar que eu esqueci de perguntar?

A- Eu me sentia bem lá na guarda mirim, me sentia à vontade, a gente tinha lá liberdade, até na hora do cafezinho, que nem eu que trabalhei lá, né?, limpava os vidros, tomava café, a vontade, tem a Dona Laerte que trabalha lá, eu trabalhava com ela, nossa nós conversava eu pro lado de dentro ela pelo lado de fora... E

assim nós ia. Nossa é, tão gostoso trabalhar lá, e tinha uma mulher também que participou junto comigo, que até trabalhar lá ela também trabalhou. Nós era um abraçar o outro e conversar, nossa coisas boas. Quem trabalhou e quem participa da guarda mirim, sai de lá e não se arrepende, até comida nós fazia lá, eles davam comida assim para nós cozinhá lá, nós fazia o almoço nosso, nós mesmos almoçávamos, todos nós, um fazia o arroz, o outro fazia o bolinho, outro fazia não sei que, tudo pra aprender, e quando acabou virou uma escola e eu participei de lá também, isso foi um tempo, né? Daí eles começaram a dar aula, e nós começamos a participar das aulas, mas daí como eu consegui emprego. Mas eles pediram tanto pra mim voltá a estudar de novo, você vê que até mandaram aí os cadernos, minha prova, tudo mandaram aqui em casa, pra mim aprender mais. A hora que eu resolver eu vou escrevendo, mas é difícil a gente já chega cansado, né? Mas é bom nossa quem trabalha lá não se arrepende, você vê conseguiram emprego para minha neta, que estudou lá, ela está trabalhando e vai pra dois anos já, ela foi contratada, está trabalhandinho. Dá lembrança pra quem perguntar de mim lá, diga que Deus que ajude e muito obrigado.

**Universidade Federal do Paraná – UFPR.
Curitiba, 2004.**

Ficha Técnica

Entrevistado: Paula (estudante) - Família Alberto

Entrevistador: Roberto Sabatella Adam

Data

Data: 21 de agosto de 2004, 15h.

Local da Entrevista

Área de enchentes ao lado das linhas de alta tensão nas margens do rio Atuba.

Bairro: Bairro Alto

Cidade: Curitiba PR

Equipamento

3 Band Radio Cassete Recorder

Marca: Philips DR 280

Transcrição e digitação

Roberto Sabatella Adam

Revisão

Roberto Sabatella Adam

ENTREVISTA PAULA

Família Alberto

Roberto (R) - Paula, quantos anos você tem?

Paula (P) - 11 anos.

R- O que você aprendeu lá na Casa de Joana D'Arc ?

P- A gente assim, aprende a se vestir, a gente está aprendendo a marchar para desfilas sete de setembro, muitas crianças, e quando a gente pega matéria do colégio dá pra fazer lá assim, quando a gente pega uma matéria assim, quando a gente não aprende a matéria dá pra aprender lá também, dia sete tem desfile pela rua de Curitiba.

R- O que mais te ajudou ?

P- Nossa no colégio muitas coisas mudou, no colégio. Eu antes eu não sabia lê, agora estou sabendo, nossa lá é muito legal, conhece pessoas, conhece crianças lá, muito legal.

R- Houve algum momento que você ficou mais tranqüila ?

P- Sim. É... a prece e o hino nacional. Fico, muito calma, quando começa a falar de Deus, assim fico muito calma.

R- O que você acha que é ou significa meio ambiente ?

P- É coisa de reciclar, e participar dos meio ambiente assim aprender, assim coisa do lixo, recicla também, só isso que a gente aprendeu, né?

**Universidade Federal do Paraná – UFPR.
Curitiba, 2004.**

Ficha Técnica

Entrevistado: Alberto - Família Alberto

Entrevistador: Roberto Sabatella Adam

Data

Data: 21 de agosto de 2004, 16:30h.

Local da Entrevista

Área de enchentes ao lado das linhas de alta tensão nas margens do rio Atuba.

Bairro: Bairro Alto

Cidade: Curitiba PR

Equipamento

3 Band Radio Cassete Recorder

Marca: Philips DR 280

Transcrição e digitação

Roberto Sabatella Adam

Revisão

Roberto Sabatella Adam

ENTREVISTA ALBERTO

Roberto (R) - Oi Alberto, o que foi mais importante, que você aprendeu na Casa?

Alberto (A) - Na Joana D'Arc ?

R- Isso...

A- Ah ! No tempo que eu fiquei lá pra mim foi tudo bom entendeu, eu aprendi muitas coisas entendeu, eu aprendi assim a me ver como homem a ver, encarar o mundo de frente, encarar a vida assim. Aprendi também que a gente tem que correr atrás dos nossos objetivos, que as coisas... Não é tão fácil como a gente pensa. Tem que correr atrás, tem que ajudar, tem que batalhar, me ajudou bastante nisso nestes conceitos entendeu. Eu estou na empresa que eu estou hoje, foi por causa da guarda, fui pra um estágio e estou lá até hoje, então resumindo assim a guarda mirim foi muito importante pra mim, espero que seja pra os outros também. Ao sair da guarda mirim, minha vida mudou da água pro vinho, sai com um trabalho digno aprendi a guardar os mandamentos ensinados pela guarda, ser responsável, sai bem melhor do que entrei, agradeço primeiramente a Deus e a guarda que me deu uma oportunidade na vida. Minha moral aumentou, e aumenta a cada dia que passa, pois sou um homem independente. Antes de entrar na casa era uma pessoa sem responsabilidade, não tinha decisões era como se diz um "João Ninguém", espiritualmente estava normal, mas após ingressar lá melhorou mais, aprendi a amar meu próximo e respeitá-lo também.

R- Houve algum momento de tranqüilidade, você chegou a fazer os relaxamentos?

A- Não, relaxamento, não. É a gente sempre tinha uma prece, a gente descia para o salão e fazia uma prece...

R- Algum outro momento em que você sentiu alguma paz de espírito ?

A- Olha eu sempre fui tranqüilo comigo mesmo, assim sabe, nunca fui uma pessoa perturbada, aquela pessoa agitada, sempre fiquei em paz assim, então pra

mim era normal fazer uma oração, e sim é claro a gente sempre fica mais em paz consigo mesmo. Mas olha tinham as reflexões. Sim, nas horas que falávamos das pessoas de rua, crianças que não tinham uma vida digna, até mesmo passavam fome isso me marcou muito, pois acho que no mínimo devemos viver bem. Bem como tendo o alimento de cada dia uma roupa limpa para vestir um calçado para calçar, enfim viver dignamente.

R- Qual foi o momento mais marcante, você lembra ?

A- Olha o que marcou pra mim foi minha formatura, minha formatura marcou bastante, meus familiares lá, porque você entra lá, você luta pra tua formatura acontecer, pra você se formar pra ir pra um estágio. Mas teve muitas outras coisas, tudo pra mim na verdade marcou, né? A partir do momento que eu entrei lá tudo marcou pra mim foi tudo bom. Eu pensava que era uma coisa e era completamente outra. Tudo para mim foi muito bom na casa, mas o que não consigo esquecer é a ordem unida, isso sempre me chamara atenção, era muito gostoso... Mas também seria imprudente da minha parte se não lembrasse das matérias que eram dadas. Resumindo tudo era muito bom não tenho nada que reclamar.

R- Você sente que ajudou...

A- Não, é com certeza, eu pensava que aquilo lá era um exército, tinha as partes rígidas assim, mas era rígido pra quem fazia as coisas erradas, né? Você que trabalhava o normal, fazia as coisas legalzinho, você não sofria, você tinha um tempo bom lá, ficava numa boa.

R- Você poderia definir o que é o ambiente ?

A- É tudo onde estamos, mas o melhor ambiente é nós que fazemos, desde quando não desmatamos mais a natureza não cortemos mais árvores, não joguemos lixo nos rios, enfim se cada um fizer sua parte o nosso ambiente será muito melhor do que esse que vivemos.

**Universidade Federal do Paraná – UFPR.
Curitiba, 2004.**

Ficha Técnica

Entrevistado: Roger - Família Dona Zenaide

Entrevistador: Roberto Sabatella Adam

Data

Data: 18 de agosto de 2004.

Local da Entrevista

Unidade de Promoção Integral - Casa de Joana D'Arc

Bairro: Bairro Alto

Cidade: Curitiba PR

Equipamento

entrevista anotada

Transcrição e digitação

Roberto Sabatella Adam

Revisão

Roberto Sabatella Adam

ENTREVISTA ROGER

Família Dona Zenaide

Roberto (R) - Quantos anos você tem ?

Roger (Rg) - 19

R - Roger, você está trabalhando ?

Rg - Às vezes vou pra escola...

R - Como era sua vida antes e como ficou depois que você passou pela Casa de Joana D'Arc, o que você aprendeu ?

Rg - Gostei muito, mas me mandaram embora...

R - Você se lembra de algum momento marcante ?

Rg - Marquei muito o computador, da sala de aula também gostei muito... marchar na guarda, teve apresentação eu gostava.

R - Quando você fazia os relaxamentos o que você sentia ? Você se lembra de algum momento de paz e tranquilidade ?

Rg - Gostava, sinto normal assim, né? Parecia que tava em outro mundo.

R - Sentiu paz, algum alívio ?

Rg - Teve.

R - O que significa o meio ambiente para você, você poderia definir ?

Rg - Não sei... [a mãe, Dona Zenaide interrompe e diz: - "Ele gosta de futebol. Futebol ele gosta... Ele gosta muito de fazer favor... Pros outros assim sabe". Enquanto isso Roger seguia recostado no sofá meio indiferente ao que acontecia].

**Universidade Federal do Paraná – UFPR.
Curitiba, 2004.**

Ficha Técnica

Entrevistado: Alan - Família Dona Zenaide

Entrevistador: Roberto Sabatella Adam

Data

Data: 18 de agosto de 2004.

Local da Entrevista

Unidade de Promoção Integral - Casa de Joana D'Arc

Bairro: Bairro Alto

Cidade: Curitiba PR

Equipamento

entrevista anotada

Transcrição e digitação

Roberto Sabatella Adam

Revisão

Roberto Sabatella Adam

ENTREVISTA ALAN

Família Dona Zenaide

Roberto (R) - Com quantos anos você está ?

Alan (A) - Tenho 21

R - Você está trabalhando, estudando ?

A - Sim, sou auxiliar de produção, trabalho na empresa Iork.

R - Bem Alan, como era sua vida antes e como ficou depois que você passou pela Casa de Joana D'Arc, o que você aprendeu ?

A - Tipo assim, não mudou muito... Porque sempre tive responsabilidade, mas mudou muita coisa, aprendi bastante coisa também, boas maneiras, moral e cívica, o curso de datilografia e digitação. Tudo que não sabia aprendi lá. Aprendi a me comportar melhor, antes entrava na sala de alguém já ia sentando, eles disseram tem que chamar antes de entrar, tem que pedir... Tudo que aprendi foi bom, foi tudo bem aproveitado.

R - Você se recorda de algum momento marcante ?

A - Tinha a guarda, né? A formação, gostava... A recreação não dava briga, lá não tinha briga, um respeitava o outro, não tinha briga... futebol, assim sempre dá destas coisas.

R - Quando você fazia os relaxamentos o que você sentia ? Você se recorda de algum momento de paz e tranquilidade ?

A - Acho que não é da minha época, só se for depois [referindo-se ao relaxamento]... Uma coisa que tinha, que eu gostava era a palestra, o senhor falava, e tinha umas coisa que gostava, tinha dias com oração, neste dia eu sentia uma tranquilidade.

R - O que significa o meio ambiente para você, você poderia definir ?

A - Acho bom, né? Cara tem que preservar, só pensa em destruir, destruir... acho que é isso.

FICHAS DE REGISTROS DA UPI

FICHA DE DOCUMENTAÇÃO DA FAMÍLIA/IDOSO CO-PARTICIPANTE				
Nº de Inscrição		Nome (Co-participante Responsável):		Data de Inscrição:
COMPONENTES				
Nº de Ord:	Nome:		Data nasc.:	Idade:
Naturalidade	Nacionalidade:	Certidão: <input type="checkbox"/> Nasc. <input type="checkbox"/> Casam.	Circunscrição do Reg. Civil:	
Distrito	Município:	Termo ou nº de Ordem:	Livro:	Folhas:
FILIAÇÃO				
Pai:		Mãe		
DOCUMENTAÇÃO (OUTRAS)				
CPF/CIC:		RG:	Título de Eleitor (nº)	
CTPS:	Série:	Org. Exp:	Data de Emissão:	Zona:
PIS/PASEP:		Cert. Reservista:	Seção:	
<hr/>				
Nº de Ord:	Nome:		Data nasc.:	Idade:
Naturalidade	Nacionalidade:	Certidão: <input type="checkbox"/> Nasc. <input type="checkbox"/> Casam.	Circunscrição do Reg. Civil:	
Distrito:	Município:	Termo ou nº de Ordem:	Livro:	Folhas:
FILIAÇÃO				
Pai:		Mãe:		
DOCUMENTAÇÃO (OUTRAS)				
CPF/CIC:		RG:	Título de Eleitor (nº)	
CTPS:	Série:	Org. Exp:	Data de Emissão:	Zona:
PIS/PASEP:		Cert. Reservista:	Seção:	
<hr/>				
Nº de Ord:	Nome:		Data nasc.:	Idade:
Naturalidade	Nacionalidade:	Certidão: <input type="checkbox"/> Nasc. <input type="checkbox"/> Casam.	Circunscrição do Reg. Civil:	
Distrito:	Município:	Termo ou nº de Ordem:	Livro:	Folhas:
FILIAÇÃO				
Pai:		Mãe:		
DOCUMENTAÇÃO (OUTRAS)				
CPF/CIC:		RG:	Título de Eleitor (nº)	
CTPS:	Série:	Org. Exp:	Data de Emissão:	Zona:
PIS/PASEP:		Cert. Reservista:	Seção:	

PLANEJAMENTO DAS AÇÕES		
CAUSAS QUE PRODUZEM A SITUAÇÃO DE MISÉRIA <i>(Classificar as causas)</i>		
MATERIAIS <i>(DIFICULDADES COM ALIMENTAÇÃO, MEDICAMENTOS, MANUTENÇÃO DA RESIDÊNCIA, RENDA, INSUFICIENTE E/OU DESCONTINUADA, DÍVIDAS)</i>		
<hr/> <hr/> <hr/>		
PROVIDÊNCIAS		
<hr/> <hr/> <hr/>		
SOCIAIS <i>(DIFICULDADES EM CONSEGUIR APOIO DOS RECURSOS COMUNITÁRIOS OU NÃO)</i>		
<hr/> <hr/> <hr/>		
PROVIDÊNCIAS		
<hr/> <hr/> <hr/>		
MORAIS <i>(DIFICULDADES ASSOCIADAS A VÍCIO ALCOOLISMO, PROSTITUIÇÃO, DROGAS, VIOLÊNCIA)</i>		
<hr/> <hr/> <hr/>		
PROVIDÊNCIAS		
<hr/> <hr/> <hr/>		
ESPIRITUAIS <i>(DIFICULDADES LIGADAS A VINGANÇAS, ÓDIOS, AUTO-DESTRUIÇÃO, PROCESSOS DEPRESSIVOS, REPENTINAS MUTAÇÕES DE HUMOR, DE PERSONALIDADE)</i>		
<hr/> <hr/> <hr/>		
PROVIDÊNCIAS		
<hr/> <hr/> <hr/>		
METAS <i>(Estabelecer com o co-participante metas atingíveis, definindo-se as etapas para o alcance da promoção)</i>		
CURTO PRAZO <i>(MÁXIMO 06 MESES)</i>		
<hr/> <hr/> <hr/>		
MÉDIO PRAZO <i>(ENTRE 01 E 02 ANOS)</i>		
<hr/> <hr/> <hr/>		
LONGO PRAZO <i>(ENTRE 03 E 05 ANOS)</i>		
<hr/> <hr/> <hr/>		
REPRESENTANTES LFC	REPRESENTANTES DA FAMÍLIA	DATA DA INSCRIÇÃO
EQUIPE SOCIAL:		
<hr/> <hr/> <hr/>		
SUPERVISÃO:		
<hr/> <hr/> <hr/>		

Nº DA INSCRIÇÃO: _____		DATA: / /		VISITA DOMICILIAR	
CONDIÇÕES FAMILIARES EVIDENCIADAS					
INDICADOR HABITAÇÃO			INDICADOR SAÚDE		
TIPO:	CONDIÇÃO:	FÍSICA:	MENTAL:		
() Alvenaria	() Própria	() Boa	() Boa		
() Madeira	() Cedida	() Regular	() Regular		
() Estuque	() Alugada	() Instável	() Instável		
() Outros _____	() Invasa	() Atestada	() Atestada		
Nº de cômodos: _____	() De favor	() Desnutrição	() Comprometida		
Banheiro? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	() Outro _____	() Outro _____	() Outro _____		
INDICADOR SOCIAL			INDICADOR ESPIRITUAL		
() Alcoolismo / drogas			() Religião informada _____		
() Desemprego			() Religião freqüentada _____		
() Violência doméstica física			() Religiosidade? _____		
() Violência doméstica psicológica			() Fé? _____		
() Trabalho infantil			() Sem religião		
() Prostituição infantil					
() Outro _____					
DESCREVER AS CONDIÇÕES VERIFICADAS NO AMBIENTE EXTERNO (Serviços urbanos)					
	SUFICIENTE	PRECÁRIA (O)	INEXISTENTE		
Acesso à água tratada	()	()	()		
Esgoto sanitário	()	()	()		
Coleta de lixo	()	()	()		
Transporte coletivo	()	()	()		
Acesso à energia elétrica	()	()	()		
Acesso à rede de serviços públicos	()	()	()		
DESCREVER AS CONDIÇÕES VERIFICADAS NO AMBIENTE INTERNO (Aspectos familiares)					
Moradia	() IMPRÓPRIA	() SIMPLES	() HABITÁVEL		
Higiene e Limpeza	() ADEQUADA	() INEXISTENTE	() RAZOÁVEL		
Saúde	() PRECÁRIA	() REGULAR	() INSTÁVEL		
Relações familiares	() HARMÔNICAS	() DESARMÔNICAS	() CONFLITUOSAS		
Alimentação	() POUCA	() INSUFICIENTE	() EXISTENTE		
Organização do espaço	() ORGANIZADO	() DESORGANIZADO	() LIMPO		
Confinamento	() PERCEBIDO	() INEXISTENTE			
OBS.: _____					

REALIZADO POR: _____					
EM: / /					

